

BC
e/PD

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Orientação vocacional/profissional, psicodrama e divisão de trabalho

Um olhar no passado, à possibilidade no futuro

200606594

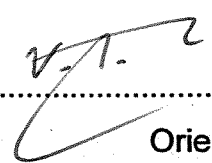
Autor: José Carlos Dias

Orientador: Prof. Dr. Valério José Arantes

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por José Carlos Dias e aprovada pela Comissão Julgadora.

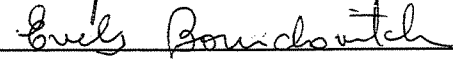
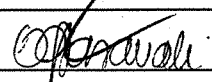
Data: 29/08/2005

Assinatura:.....



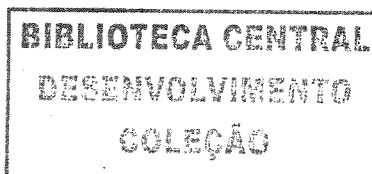
Orientador

COMISSÃO JULGADORA



2005

i



UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/UNICAMP
D5430
/ EX
TOMBO BC 67699
PROC 6.123-06
C OK
PREÇO 11,00
DATA 29/03/06
Nº CPD -

Bib.id. 376561

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Dias, José Carlos.
D543o Orientação vocacional/profissional : um olhar no passado, à possibilidade
no futuro / José Carlos Dias. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Valério José Arantes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Psicodrama. 2. Divisão do trabalho. 3. Orientação profissional. 4.
Orientação vocacional. I. Arantes, Valério José. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-191-BFE

Keywords: Psychodrama ; Division of labor; Guidance vocacion; Guidance professional

Área de concentração: Psicologia, Desenvolvimento Humano e Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof. Dr. Valério José Arantes
Profa. Dra. Evelyn Boruchovitch
Profa. Dra. Eliane Giachetto Saravali

Data da defesa: 29/08/2005

AGRADECIMENTOS

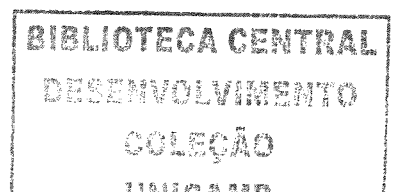
A produção deste trabalho de pesquisa contou com o apoio e contribuições de pessoas e instituições, para que pudesse chegar a bom termo.

Agradeço ao Prof. Dr. Valério José Arantes, que me incentivou e me aceitou como orientando no mestrado da Faculdade de Educação, acompanhando a pesquisa e a elaboração desta dissertação.

Quero agradecer aos amigos e entrevistados, quando não os dois ao mesmo tempo: Luci (minha esposa), professor Sérgio Goldemberg, Márcia, Mary, Takemoto, Reinaldo, Carmem, Malu, Cristina, Reinaldo Sacheto, Vera, Gustavo, Eduardo, Luís Fernando, Ludmila e Felipe. De todos recebi ensinamentos e incentivos; suas observações e sugestões foram contribuições valiosíssimas para a efetivação deste trabalho.

Minha gratidão também a todos do Cepromm – Centro de Estudos e Proteção a Mulher Marginalizada, ao pessoal do cursinho pré-colégio técnico, da Casa de Santana, pela possibilidade de verificação prática de muitas questões inerentes ao trabalho.

Ao Cristiano e ao João Fernandes, pelo apoio na revisão gráfica e nas questões técnicas e de apresentação. E a todos os que ajudaram para que este trabalho acontecesse.



RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa histórica, acompanhada de uma revisão bibliográfica sobre *Orientação Vocacional/Profissional* e suas particularidades no Brasil, procurando fazer sua relação com o desenvolvimento histórico da divisão social do trabalho da humanidade. Procurou-se também verificar a importância do Psicodrama como arcabouço teórico tanto para pesquisas como para as atividades práticas relativas ao tema proposto; observa-se que as teorias de Jacob Levy Moreno e as técnicas psicodramáticas ajudam na recuperação e desenvolvimento da espontaneidade e criatividade, questionando e respeitando o contexto social e possibilitando dessa forma escolhas mais livres, autônomas e independentes, mais próximas das necessidades exigidas pelo mundo do trabalho atual. Também foram realizadas entrevistas com profissionais que atuam em atividades de *Orientação Vocacional/Profissional*; e após desenvolver a análise de conteúdo das mesmas, procurou-se indicar possibilidades de encaminhamento para futuros trabalhos e pesquisas.

SUMMARY

This essay was prepared from historical research along with a bibliographical review on Professional/Vocational Guidance and their particular aspects in Brazil, aiming at linking it to the historical development of the humanity labor social division. It also sought to check the importance of the Psychodrama as a theoretical benchmark for both research and practical activities related to the subject proposed. The fact that the theories by Jacob Levy Moreno and the psychodramatic techniques contribute to the recovery and development of the spontaneity and creativity, questioning and respecting the social context, thus enabling choices deemed freer, more autonomous, independent, and closer to the needs required by the current corporate world were observed. Additionally, Professional/Vocational Guidance professionals were interviewed and, after analyzing their content, the possibilities of future tasks and research were intended to be raised.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL.	07
1.1 - A Orientação Vocacional/Profissional no Brasil.	16
1.1.1 – O Ensino Técnico e os Ginásios Vocacionais e Industriais	20
1.2 - A Orientação Vocacional/Profissional na Atualidade	36
CAPÍTULO 2 - PSICODRAMA	49
2.1 - Instrumentos do Psicodrama	56
2.1.1 - Protagonista	57
2.1.2 - Diretor	58
2.1.3 - Ego-Auxiliar	58
2.1.4 - Auditório	59
2.1.5 - Palco/Cenário	61
2.2 - Contexto	62
2.2.1 – Contexto Dramático	63
2.2.2 – Contexto Grupal	63
2.2.3 – Contexto Social	63
2.3 Psicodrama Pedagógico.	63
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DE PESQUISA	67
3.1 - Problema	67
3.2 - Objetivos	68
3.2.1 – Objetivo Geral	68
3.2.2 – Objetivos Específicos	68
3.3. - Participantes	69

3.4 – Procedimentos para Coleta de Dados	69
3.5 – Procedimentos para Análise e Interpretação das Respostas	70
3.6 – Índices e Indicadores	70
3.7 – A Exploração do Material	71
3.7.1 – As Unidades de Contexto	71
3.7.2 – As Unidades de Registro	71
3.7.3 – As Unidades Significativas	71
3.7.4. – As Categorias de Agregação	72
3.7.5 – A Contagem	72
3.7.6 – O Tratamento dos Resultados e Interpretações	72
3.7.7 – A Síntese e Interpretação dos Resultados	73
 CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS	 75
4.1 – As Unidades Significativas	75
4.2 – Análise das Respostas	76
4.3 – Síntese geral das Unidades Significativas Transformadas	100
 CONCLUSÕES	 101
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	107
ANEXOS 1: ENTREVISTAS TEMÁTICAS SOBRE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL NA ÍNTEGRA	115

INTRODUÇÃO

A dificuldade de se conseguir uma equalização perfeita entre a divisão de trabalho e ao mesmo tempo uma divisão harmoniosa das tarefas entre os indivíduos nas sociedades, sempre inspirou pensadores de todos os tempos a entender e buscar soluções para estes problemas. Nos primeiros tempos da aventura humana pela Terra, em que as divisões de trabalho eram mais simples, pois as atividades humanas se resumiam à caça, pesca e à coleta de frutos e vegetais, já gerava problemas. Esses problemas só aumentaram com o passar do tempo, pois a sociedade se modificou, saiu das cavernas e com o advento da agricultura e do pastoreio deixou de ser nômade, se estruturou em cidades, reinos, impérios. Por fim, chegou até a formação dos países em estados modernos como conhecemos hoje.

No campo do trabalho e da produção dos bens necessários à sobrevivência humana, os contextos também mudaram e, as divisões do trabalho social que surgiram timidamente no início desse processo da evolução humana, foram se ampliando, com divisões cada vez mais rápidas e com funções cada vez mais especializadas; o que vai acabar dificultando sobremaneira esta adequação entre os homens que produzem e as respectivas profissões a serem ocupadas; dentro das necessidades específicas dessas sociedades, seja em tempos passados ou nos dias de hoje.

Nos tempos atuais estas dificuldades se multiplicaram devido às mudanças contínuas numa velocidade nunca vista em épocas anteriores. As profissões e ocupações sofrem transformações contínuas devido a introdução de novas tecnologias de produção, da mecanização e, nas ultimas décadas com as novidades que a eletrônica e a informatização têm trazido, fazendo com que profissões e ocupações antigas desapareçam e que outras novas profissões surjam da noite para o dia.

A tarefa daqueles que se ocupam com *Orientação Vocacional/Profissional*¹ vai se tornando cada vez mais difícil, pois as relações do mundo do trabalho com a sociedade são extremamente complexas. O ato de trabalhar, que em épocas anteriores como na Idade Antiga e na Idade Média já foi visto como indigno, por ser desempenhado apenas pelos estratos mais baixos da sociedade como: escravos, servos e indivíduos ou povos vencidos em guerras; muito diferente do que acontece na atualidade.

¹ A terminologia Orientação Vocacional/Profissional será mantida desta forma, pois a pesquisa bibliográfica não aponta para

A Idade Contemporânea, na qual o trabalho é o conceito central na vida dos indivíduos e da sociedade atual como um todo, independente da classe social da qual advenham os trabalhadores, diferenciando-se apenas dentro das especificidades características de cada grupo social.

Nesta pesquisa procuramos demonstrar alguns aspectos que consideramos mais relevantes nos vários momentos da evolução da sociedade humana, de como surgiram as divisões do trabalho social. Consideramos algumas questões históricas e econômicas, pois como veremos essas questões para pensadores como Marx (1818-1883), em que o trabalho é visto como uma mercadoria e assim, como todas as mercadorias, possuem um valor de troca e são de extrema importância. O trabalho ou a força de trabalho, portanto, também é uma mercadoria que possui um valor, e o que pode baratear o preço dessa força de trabalho é o desemprego. Porém, não podemos afirmar que sempre o trabalho foi visto como uma exploração dos trabalhadores pelos seus patrões. A visão era muito diferente, quase o contrário do que afirmam os pensadores contemporâneos. Aristóteles (384-322 a.C.) chega a incluir os serviços assalariados junto com o comércio e a usura como modos antinaturais de se obter riquezas.

Foi a partir do século XVIII que as relações de divisão do trabalho e escolha de profissões adquiriram um novo rumo e também um ritmo impensado anteriormente. Desde Adam Smith (1723-1790) é sabido que a divisão dos ofícios barateia o custo do produto. A fragmentação e a especialização do trabalho, a separação entre o trabalho intelectual e manual, a monopolização da ciência pelas elites, tudo isto deveria contribuir para que a tão sonhada produção atingisse níveis que possibilitariam que todos tivessem acesso aos bens necessários para usufruir uma vida decente. Mas não foi o que aconteceu.

Com a introdução da máquina durante a Revolução Industrial, no século XVIII, que pretendia aumentar a produtividade e não reduzir a jornada de trabalho, como propagado por muitos até hoje, subordinando máquinas e homens ao seu projeto, sob uma ótica capitalista, não serviu e não serve ao benefício do homem, ou seja, foi e é concebida para a exploração dos trabalhadores.

Com isso causando problemas de relacionamento entre os trabalhadores dentro das fábricas, trazendo transtornos também para o campo ainda incipiente da *Orientação*

Vocacional/Profissional, porquanto acabava com postos de trabalho antigos e tradicionais e criava novas necessidades de mão-de-obra, isto é, indivíduos que soubessem lidar com as máquinas e cumprir horários de trabalho, fato que não havia anteriormente.

Em princípios do século XX, a mecanização ultrapassa o taylorismo e culmina no fordismo, nos quais os elementos do processo de trabalho são completamente desmontados e reordenados no trabalho das linhas de montagem, incluindo as primeiras formas de automação. Deixando claro que taylorismo e fordismo não são a mesma coisa, Taylor (1856-1931) propõe a separação manual e intelectual, divisão e subdivisão e condicionando tempo para cada atividade. Ford (1863-1947) vai além e introduz a linha de montagem.

O principal resultado desta forma de mecanização foi a da acelerada desqualificação do trabalhador e o surgimento de um novo tipo de operário não-qualificado da linha de montagem, produto desta nova divisão capitalista do trabalho. Este processo fez com que novas formas de procurar operários para as tarefas necessárias fossem desenvolvidas, culminando no desenvolvimento de técnicas de treinamento e orientação acompanhadas por psicólogos.

Neste início do século XX, já havia indícios que em épocas anteriores, a preocupação com a metodologia para a *Orientação Vocacional/Profissional* se voltasse para a Psicologia e com isso várias linhas teóricas ingressassem nestas experiências. Dentre as várias linhas teóricas da Psicologia utilizadas tanto no estudo como na prática da *Orientação Vocacional/Profissional*, enfatizaremos as principais que são quatro: a Determinista, a Sociológica, a Fenomenológica e a mais recente que é a Psicologia Transpessoal. Procuraremos mostrar por analogia e dentro do possível as vantagens e desvantagens de cada uma dessas linhas teóricas da Psicologia.

A opção feita pelo Psicodrama como principal referencial teórico foi a partir do acompanhamento de aulas para turmas da graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas. Como participante e observador dessas aulas, foi possível verificar como as técnicas da teoria psicodramática ajudavam no desenvolvimento das atividades. Por proporcionar aos participantes o desenvolvimento da espontaneidade e da criatividade, fugindo desta forma, das respostas cristalizadas de conservas culturais², que impregnam a utilização dos métodos mais conservadores e tradicionais, cujo resultado é fazer

² Conservas culturais: Expressão utilizada por Moreno (1997, p.158) para a cristalização de uma ação criadora em um produto que integrará um acervo cultural de uma sociedade.

com que os participantes fiquem presos a respostas padrão, e testes que apenas fazem repetir erros já conhecidos.

O Psicodrama possibilita aos participantes que descubram através da utilização de suas diversas técnicas (a inversão de papéis, a auto-apresentação) e das atuações dramáticas das mais variadas profissões, uma escolha mais pessoal e aberta. Mesmo quando utilizado como aquecimento, ajuda muito, pois sua inerente capacidade terapêutica sempre atuará benéficamente.

Um dos fatores que merece destaque no que se refere ao início desta pesquisa foi a escassez de publicações sobre o assunto abordado, e algumas delas encontram-se fora de catálogo. Dentre as publicações encontradas, os conteúdos são muito repetitivos e com poucas variações de bibliografia indicada. Na internet, a grande quantidade de *sites* também não implica variedade significativa, pois na sua maioria, aproximadamente dois terços destinam-se ao anúncio de venda de cursos e assessoria, não constituindo, aparentemente, material de consulta.

Assim, tivemos que utilizar as indicações bibliográficas mais tradicionais. Estas publicações, livros, teses, dissertações ou publicações abertas, traziam poucas informações sobre o referencial histórico, de como se deu a *Orientação Vocacional/Profissional* na evolução humana, atendo-se mais nas discussões das questões psicológicas, todavia para o objetivo desta pesquisa não eram as mais adequadas. Quando encontrava material voltado à história da *Orientação Vocacional/Profissional*, as indicações eram vagas, motivo pelo qual a pesquisa iniciou-se pela releitura de clássicos da História e da Filosofia.

Com a intenção de apontar possibilidades futuras, desenvolvemos neste trabalho, uma pesquisa qualitativa composta de revisão da literatura disponível combinada com pesquisa exploratória das entrevistas realizadas com profissionais ligados ao tema da presente pesquisa, cujas indicações foram realmente interessantes, tais como: as preocupações demonstradas pelos entrevistados com questões futuras, ligadas às novas tecnologias, entre as quais o uso da Internet, possibilitando à *Orientação Vocacional/Profissional* ser exercida à distância; as mudanças inerentes às exigências do mercado de trabalho do mundo globalizado; e, suas conseqüências.

No capítulo um, por meio de pesquisa bibliográfica, estabelecemos as relações históricas entre o processo de divisão do trabalho e sua interferência no desenvolvimento da *Orientação Vocacional/Profissional*.

Esta visão histórica do desenvolvimento tanto da *Orientação Vocacional/Profissional*, como da evolução da divisão de trabalho, consta de alguns livros pesquisados, particularmente os que seguem a linha marxista ou sociológica os quais também são usados como fonte sobre a história da *Orientação Vocacional/Profissional*. Com a preocupação de indicações consistentes de fontes bibliográficas consultadas, essas obras foram relidas sob uma nova ótica. Essa preocupação veio à tona com a releitura de A Ideologia Alemã de Marx e Engels, pela constatação de que a questão histórica e sociológica da divisão do trabalho deveria ser minuciosamente desenvolvida nesta pesquisa.

No capítulo dois apresentamos um breve relato sobre a teoria psicodramática, como fundamentação teórica desta pesquisa. Para verificarmos como o Psicodrama vem sendo usado em publicações e orientações práticas, e ainda suas contribuições para a *Orientação Vocacional/Profissional*.

O capítulo três trata da metodologia desta pesquisa, apresentando o problema que originou este trabalho, os objetivos, os participantes entrevistados, e os procedimentos utilizados para a coleta, análise, interpretação e exploração de todos os dados e material coletado. No capítulo quatro, foi realizada uma análise de conteúdo das entrevistas com os participantes fundamentada na obra de Bardin (1991), e nas considerações finais apresentaremos as reflexões originadas por esta pesquisa.

CAPÍTULO 1 - BREVE HISTÓRICO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL.

A *Orientação Vocacional/Profissional* como as demais atividades desenvolvidas pelos seres humanos, está inserida num contexto histórico global. O trabalho humano desde as mais priscas eras se diferencia do trabalho meramente instintivo do animal, que o leva a caçar ou a construir abrigos para sua sobrevivência. O homem é o único ser que ao produzir interfere na natureza, como podemos observar na A Ideologia Alemã de Marx e Engels (1984, p.27):

Pode se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, [...] O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende antes de tudo, da natureza dos meios de vida já encontrados e que têm de reproduzir. [...] Tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção.

A definição de *Orientação Vocacional/Profissional* é genérica e abrangente, empregada para designar o apoio, a ajuda prestada às pessoas para ajustes de situações de vida. Segundo Koogan / Houaiss (1994, p. 607), “a orientação educativa e vocacional, orientação profissional, orientação da vida escolar e encaminhamento dos estudos em função das aptidões e motivações dos indivíduos e em função das possibilidades emprego e de colocação”. A abrangência do termo faz com que autores se posicionem como fez Carvalho (1995, p.44):

Esclareço que os termos “vocacional e profissional são usados sem discriminação neste trabalho. Originalmente a expressão em inglês, *vocation guidance*, definia uma área ampla incluindo desde os primeiros momentos da escolha de uma profissão, por meio da escolha de cursos adequados, até a programação de carreiras, o ajustamento e a realização. Nas traduções para o português das obras americanas, começaram a surgir diferenças de significado, uma vez que a palavra vocação em inglês não corresponde exatamente à palavra vocação em nosso idioma. Em dicionários da língua portuguesa, encontramos a palavra vocação com o sentido de “chamamento interior, apelo irresistível para uma atividade”(Caldas, Aulete e Tramonte): nos dicionários da língua inglesa a mesma palavra significa emprego regular, ocupação, Profissão”.

Para o termo *vocação* temos a definição de Koogan/Houaiss (1994, p.885): “*Ato ou efeito de chamar (-se)/ Tendência ou inclinação para um estado, uma profissão, etc..vocação literária/ Apelo ao sacerdócio ou à vida religiosa/ Fig. Aptidão natural, talento; um médico de vocação.*”

Também encontramos a definição para orientador (ibid, 1994, p.607):

Que orienta e dirige// orientador profissional, o especialista que orienta o aluno e o acompanha em sua vida escolar, que o aconselha nos rumos que deve seguir nos estudos imediatos e mediatos, segundo suas aptidões, motivações, personalidade, predileções e de acordo com as possibilidades de colocação futura no mercado de trabalho.

Como veremos a seguir, não é apenas no campo das definições lingüísticas que as questões ligadas à orientação vocacional, profissional ou educacional sempre soaram e soam ainda hoje contraditórias e de difícil compreensão.

Para os que seguem o pensamento materialismo-histórico dialético (marxista), o primeiro ato histórico da humanidade, pelo qual se distinguem dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida. E estas relações de produção dos meios de vida com o que está disponível na natureza condicionam não apenas as organizações originárias, naturais dos homens, como também todo o seu desenvolvimento ou não desenvolvimento até os dias de hoje. A esta capacidade de produzir os meios de vida, chamamos de trabalho, tarefa, ocupação e afins, segundo Arantes (2003, p.26):

A palavra trabalho tem sua origem na palavra latina *tripalium*, nome dado a um antigo instrumento de tortura com três pontas, carregando consigo um significado bem próximo daquele que tem representado em nossa realidade, que explora e tortura o trabalhador cruelmente, ao desvalorizar o significado humano de suas atividades. Historicamente, o trabalho vem sendo degradado, valorizado unicamente como produção utilitária, desconsiderando-se o sujeito desse processo, reduzindo-se o conceito de *práxis* a uma questão meramente educativa na economia e na política.

Num estágio posterior ao da produção dos seus próprios meios de vida, vai surgir a divisão do trabalho. Numa primeira fase desta divisão surge a separação entre o trabalho urbano de um lado, e o trabalho agrícola do outro, separação entre a cidade e o campo. Após esta fase, a separação entre o trabalho comercial e o industrial, segundo Marx (1984, p.29):

Ao mesmo tempo, através da divisão do trabalho dentro destes diferentes ramos, desenvolvem-se diferentes subdivisões entre indivíduos que cooperam em determinados trabalhos. A posição de tais subdivisões particulares umas em relação a outras é condicionada pelo modo pelo qual se exerce o trabalho agrícola, industrial e comercial (patriarcalismo, escravidão, estamentos e classes). Estas mesmas condições mostram-se ao se desenvolver o intercâmbio entre as diferentes nações.

Esta visão de como surgiu o trabalho e as suas divisões não são de forma alguma consenso nem entre as várias linhas de pensamento, muito menos entre as tradições culturais. Por exemplo, para os gregos o trabalho surge na vida dos seres humanos de outra forma, como nos relata Abrão (1999, p.20):

Em *Os Trabalhos e os Dias*, escrito para pedir a punição de um irmão desonesto, Hesíodo defende a necessidade do trabalho árduo como condição humana. O ser humano, segundo narra, teria passado por cinco idades: a de ouro, a de prata, a de bronze, a dos semideuses e de ferro. Na primeira, convive com os deuses, não conhece o trabalho nem a morte. Seguem-se fases intermediárias que terminam com a idade de ferro, a fase atual, em que o homem, após ter recebido o fogo roubado por Prometeu, foi separado dos deuses e condenado a trabalhar, a procriar, por conta própria. A procriação é possibilitada por Pandora, mulher que os deuses enviam aos homens como vingança pelo roubo do fogo. Dela - ou da caixa que carrega - nascem todos os dons e todos os males da Terra. O homem está abandonado, mas já é livre para fazer valer sua justiça e para pensar.

Também entre os gregos já havia a preocupação com a divisão de trabalho como propôs posteriormente Marx. Esta preocupação fez com que em várias épocas, pensadores e filósofos tratassem do assunto e propusessem soluções para adequá-las às realidades existentes. Platão, na sua obra *A República*, sugere que a organização da cidade ideal se baseie numa divisão racional do trabalho em três classes distintas: a dos artesãos, dedicados a produção de bens materiais; a dos soldados, encarregados de defender a cidade; a dos guardiões, incumbidos de zelar pela observância das Leis. Dessa forma, produção, defesa e administração interna, seriam as três funções essenciais para a cidade.

A efetivação dessa utopia se daria com mudanças nos âmbitos familiares, que deixariam de existir, as crianças seriam educadas pela cidade e a procriação deveria ser regulada para preservar a eugenia. Junto a um sistema educacional que permitisse a cada classe desenvolver as virtudes indispensáveis ao exercício de suas atribuições. A execução dos trabalhos não levaria em conta distinção de sexo, mas tão-somente a diversidade das aptidões naturais.

O livro *A República* é escrito na forma de diálogo, trazendo Sócrates debatendo as idéias com cidadãos atenienses, entre eles Glauco, como veremos no diálogo escrito por Platão (1999, p.60):

Sócrates - Não se tu e todos nós concordamos com o princípio, quando fundamos a cidade, de que é impossível a um único homem exercer satisfatoriamente vários ofícios.

Glauco - Tens Razão.

Sócrates - E não achas que o ofício de guerreiro depende de uma técnica?

Glauco - Sim, com certeza.

Sócrates - Tu Crês que se deve dar mais atenção à arte do calçado do que à da guerra?

Glauco - De forma alguma.

Sócrates - Mas nós negamos ao sapateiro o direito de exercer ao mesmo tempo o ofício de lavrador, tecelão ou pedreiro; obriguemo-lo a ser apenas sapateiro, para que os trabalhos de sapataria sejam bem executados, da mesma forma, atribuímos a cada um dos outros artesãos um único ofício, aquele para o qual está habilitado por natureza, se quer tirar proveito das oportunidades a desempenhar bem a sua tarefa.

Já em Roma, segundo Carvalho (1995, p.26), Cícero também se preocupou com a diferença de talentos das pessoas em relação às ocupações que deveriam se incumbir. Mas estas preocupações não tinham muitas chances de êxito, pois a estratificação rígida da sociedade à época em que eles viveram, não permitia tais possibilidades de escolhas ou mudanças.

Relata-nos Johnson (1999, p.29): “*que no século IX, Carlos Magno, desenvolveu um processo de “seleção vocacional” segundo o qual os padres selecionavam e instruíam os jovens para um melhor aproveitamento dos talentos*”. Na Idade Média ainda não havia ecos para estas preocupações, pois ainda eram muito rígidas as relações sociais e também havia a interferência das Guildas³, espécie de ancestral dos sindicatos atuais, as quais não permitiam que pessoas de fora de seus círculos restritos, e até familiares de alguns ofícios e ocupações nelas ingressassem.

As relações sociais na Idade Média, que eram baseadas na servidão e na forma de produção feudal, onde a terra era considerada o principal meio de produção, principalmente na Alta Idade Média, do século V ao século X, quando ainda não haviam ressurgido o comércio e a força das cidades. Sobre isso escreveu Marx (1988, p.74):

1. Guildas: associação de mutualidade constituída na Idade Média entre as corporações de operários, artesãos, negociantes ou artistas.

Desloquemo-nos da ilha Luminosa de Robinson à sombria Idade Média européia. Em vez do homem independente, encontramos aqui todos dependentes - servos e senhores feudais, vassallos e suseranos, leigos e clérigos. A dependência pessoal caracteriza tanto as condições sociais da produção material quanto as esferas de vida estruturadas sobre ela. Mas, justamente porque relações de dependência pessoal constituem a base social dada, os trabalhos e produtos não precisam adquirir forma fantástica, diferente de sua realidade. Eles entram na engrenagem social como serviços e pagamentos em natura. A forma natural do trabalho, sua particularidade, e não, como na base da produção de mercadorias[...] O dízimo, a ser pago ao cura, é mais claro que a benção do cura. Portanto, como quer que se julguem as máscaras que os homens, ao se defrontarem aqui, vestem, as relações sociais entre as pessoas em seus trabalhos aparecem em qualquer caso como suas próprias relações pessoais, e não são disfarçadas em relações sociais das coisas, dos produtos de trabalho.

Portanto, somente com o advento do Renascimento e da Reforma, mais os acontecimentos que vão dar fim a Idade Média no século XV, como as Grandes Navegações e principalmente o Mercantilismo, conforme citação de Adam Smith (1983, p.75):

A descoberta e colonização da América - como se há de reconhecer prontamente - contribuíram para incrementar a atividade primeiro, de todos os países que mantêm comércio direto com ela, tais como a Espanha, Portugal, França e Inglaterra; segundo, de todos os países que, embora não mantenham comércio direto com ela, enviam à América, por intermédio de outros países, mercadorias de sua produção própria, tais como o Flandres austríaco; e algumas províncias da Alemanha, as quais, através dos países mencionados, exportam para a América uma quantidade considerável de linho e outras mercadorias. É evidente que todos esses países ganharam mercado mais amplo para sua produção excedente, e conseqüentemente devem ter sido estimulados a aumentar a quantidade dessa produção.

Pelos motivos expostos, podemos afirmar que a mobilidade tanto social como profissional pode começar a andar, ainda que a passos tímidos e em alguns casos até controvertidos, como ocorreu na Inglaterra em 1601, quando foram criadas “as leis para os pobres” segundo a qual os filhos de pobres e pessoas indesejáveis eram retirados o mais cedo possível dos “maus lares” e levados para trabalhar como aprendizes junto aos comerciantes.

Esses acontecimentos que fecharam a Idade Média, tais como o Renascimento, as Grandes Navegações, o Mercantilismo e a Reforma Protestante, mudaram a visão do homem, contudo estavam somente no início do processo, que lhes permitira filosoficamente colocar o homem

como o centro do universo. Mas foi com o Iluminismo, movimento intelectual do século XVIII, que realmente a humanidade entrou para a era Contemporânea, segundo Abrão (1999, p.249):

Iluminar, ilustrar, esclarecer, fornecer as luzes: a Luz, metáfora da razão desde Platão, torna-se século XVIII - o Século das Luzes - a grande palavra de ordem. Na Inglaterra, na Itália, na França e na Alemanha, proliferam idéias em seu nome, que, se não se agrupam em um só movimento, tem a mesma intenção: combater o seu oposto, as trevas e o obscurantismo sejam eles filosóficos, religiosos, morais ou político.

O Iluminismo que reuniu nomes como: Newton e sua teoria geral do universo; Locke e seu empirismo; Hume e sua Investigação acerca do entendimento humano; Vico e sua abordagem histórica nas investigações filosóficas; Voltaire o panfletário; Diderot e sua enciclopédia; Montesquieu e as leis; mas é sem dúvida com Rousseau em sua obra: *Do Contrato Social*, já no primeiro parágrafo do capítulo I (1999, p.53):

O homem nasce livre, e por toda parte encontra-se ferros. O que se crê senhor demais não deixa de ser mais escravo do que eles. Como adveio tal mudança? Ignoro-o? Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver es questão, que vai com mais contundência aplicar esta nova visão à economia e a política.

O Iluminismo junto com a Revolução Industrial e a Revolução Francesa (1789), propiciaram, desta forma, o fim do Absolutismo, regime em que o rei mesmo reconhecido como uma figura terrena, ainda governava absoluto. Este é o marco do início daquilo que podemos chamar de vida moderna, tal qual a conhecemos hoje, inclusive uma relativa liberdade para a escolha das ocupações.

A Revolução Francesa tem para o final do século XVIII a importância de final de processo. Costuma-se analisar a Revolução Francesa como burguesa por excelência. O movimento teria levado a burguesia ao poder político a fim de se desembaraçar da monarquia absolutista e do Antigo Regime, conforme Abrão (1999, p.289) “[...] que, após ter favorecido a consolidação da posição econômica burguesa, transformaram-se em obstáculos a seu livre desenvolvimento”. Para isso, a burguesia teria contado com o apoio de parcelas do clero e da nobreza e de outras camadas do “terceiro estado” - camponeses e setores pobres das cidades (os chamados sans-culottes).

A partir de meados do século XVIII, outra revolução já estava em curso, a Revolução Industrial, cujo nome se deve a introdução de máquinas nas indústrias, tendo como símbolo a

máquina a vapor, inventada em 1769 pelo escocês James Watt (1736-1819). Para Marx a Revolução Industrial começou um pouco antes como verificamos em seus escritos (1985, p.8):

Quando, em 1735, John Wyatt anunciou sua máquina de fiar, e com ela, a revolução industrial do século XVIII[...] Se examinamos agora, mais de perto a máquina-ferramenta ou máquina de trabalho propriamente dita, então reaparecem, grosso modo, ainda que freqüentemente sob forma muito modificada, os aparelhos e ferramentas do homem.

A Revolução Industrial, porém, não se resume às máquinas, mas elas são fundamentais, porque permitem superar a relação do homem com a natureza, cujo limite seria a própria força física do homem. As máquinas tornaram possível a transformação da natureza em proporções muito superiores a que um homem com suas mãos seriam capazes de realizar, segundo Marx (1985, p.59):

A multiplicação dos meios de produção de subsistência com decréscimo relativo do número de trabalhadores leva a expansão do trabalho em ramos da indústria cujos produtos como canais, docas, túneis, pontes etc., só trazem frutos em futuro distante. Constituem-se diretamente com base na maquinaria ou, então na revolução industrial geral que lhe corresponde, ramos totalmente novos da produção e, portanto, novos campos de trabalho.

Um dos primeiros a investigar estas transformações foi outro escocês, Adam Smith (1723-1790), justamente por estas observações ele é considerado um dos fundadores da economia política. Mostrando entre outras coisas, que a divisão do trabalho, por si só é capaz de estimular o crescimento das forças produtivas do trabalho. A divisão do trabalho, na medida em que pode ser introduzida, gera, em cada ofício, um aumento proporcional das forças produtivas do trabalho, segundo Abrão (1999, p. 365): *“Dividir o trabalho, assim, implica uma nova organização da atividade produtiva: basicamente, a substituição do sistema doméstico, em que cada artesão (e seus familiares) executava um trabalho inteiro”*. A reunião de trabalhadores em um só local e a distribuição, entre eles, de partes desse trabalho, além de aumentar a produtividade, essa nova organização possibilita um maior controle, pelo empregador, do tempo de trabalho, impondo aos operários um ritmo mais intenso, o que seria conseguido com maior eficiência com a introdução das máquinas.

Na transição do século XIX para o século XX, já haviam ocorrido várias descobertas e avanços importantes nos setores tecnológicos e científicos como a lâmpada, o telégrafo, transmissões radiofônicas, o automóvel, o cinematógrafo, o avião, o telefone, e muitas outras invenções. O setor industrial vinha crescendo gradativamente e a máquina ganhou papel fundamental. A classe dominante passou a desfrutar o conforto material que tudo isso proporcionava. Em sua obra Ferretti (1997, p.106) vai destacar:

Os desenvolvimentos históricos da divisão do trabalho anteriormente apresentados não ultrapassam o final do século XIX, mas prenuncia as conquistas futuras, Isto por uma simples razão: o capitalismo, para sobreviver, necessita expandir-se continuamente. E a expansão se faz, por sua vez, às custas do próprio crescimento. Assim, o capitalista não só investe na construção de mais fábricas, mas também na pesquisa científica. Essa pesquisa permitirá que o aproveitamento do conhecimento se transforme em tecnologia. [...]. Tal desenvolvimento é responsável por máquinas sofisticadas, utilizando processos industriais também sofisticados, que produzem grandes quantidades de mercadorias com o emprego de um reduzido número de trabalhadores.

No entanto, toda esta euforia durou até o início da Primeira Guerra, que estourou, entre outros fatores, pela necessidade crescente de colônias fornecedoras de matérias-primas e por nacionalismos extremados de algumas nações. Além disso, a classe operária começou a rebelar-se e fazer greves, além de formarem sindicatos, espelhando-se em idéias anarquistas e socialistas, principalmente quando, em 1917, estoura a Revolução Russa, quando o comunismo ameaça o resto do mundo, até mesmo após a guerra, em 1918.

Neste contexto conturbado do início do século XX, que foi criado segundo Gemelli in Carvalho, (1995, p.122) “*o primeiro centro de orientação profissional foi criado em 1902, em Munique, na Baviera*”. Após, foram criados novos centros na Itália (1903); na França (1906), nos Estados Unidos (1908), na Inglaterra (1908) e na Suíça (1908), todos com o objetivo principal de identificar indivíduos desprovidos de capacidade ou vocação para as tarefas que lhes eram designadas, com o intuito de evitar acidentes. Estas iniciativas eram realizadas pelos trabalhadores em conjunto com os empresários; a seguir muitos outros centros com este perfil se espalharam pelo mundo.

Segundo Carvalho (1995, p.29) a primeira obra escrita a respeito foi em 1909 Parsons escreveu *Escolhendo uma Profissão*, e nesta obra ele inclui uma modificação nos objetivos da orientação profissional, que além das circunstâncias sociais inicia o uso da psicometria, seu

trabalho foi desenvolvido junto a *Civic Service House*, com o auxílio da Associação Cristã de Moços e propunha três passos fundamentais: analisar o futuro trabalhador para que as pessoas pudessem lucrar ao se compreenderem e o orientador lucrar ao compreendê-las; estudar as ocupações para compreender suas condições e vantagens; orientar o ser humano sobre a ocupação, relacionando suas características pessoais aos requisitos da ocupação. Isto foi denominado pelo autor de “raciocínio verdadeiro”.

A partir de então muitos trabalhos sobre orientação profissional são desenvolvidos e pelo caráter didático do mesmo surge em 1912 a Orientação Educacional, expressão cunhada por Kelley. A orientação profissional encontra-se ora como parte da psicologia do trabalho, ora como parte da orientação educacional, mas em ambas se ocupava apenas de técnicas psicométricas e de informação ocupacional.

Entretanto, somente durante a Primeira Grande Guerra (1914 a 1918), com a crise socioeconômica somada ao grande desenvolvimento dos testes utilizados pelos exércitos (com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra), segundo Johnson (1999, p.37), “*os testes foram aperfeiçoados e aplicados para selecionar as pessoas intelectualmente superiores para serem oficiais (testes Alfa) e os analfabetos e com deficiências mentais para serem recrutas (teste Beta)*”, que os referidos testes passaram a ser utilizados em larga escala pelo mundo do trabalho. Contudo estes testes tinham apenas cunho sociométrico, depois vieram os testes de personalidade, de interesses e de aptidões pessoais. Ainda segundo a mesma autora os protótipos dos testes de personalidades foram desenvolvidos por *WoodWorth* (1867-1946), durante a guerra e depois foram também muito utilizados para as mais variadas ocupações civis.

Após 1929 durante a grande crise econômica que se abateu sobre o mundo, no período entre guerras, o desemprego forçou os homens a reexaminarem suas aptidões e chances ocupacionais sob circunstâncias nas quais a escolha era limitadíssima: muitos homens se davam por contentes em poder aceitar qualquer espécie de emprego e, assim sendo, procuravam a *Orientação Vocacional/Profissional* para readaptar-se.

Com a ocorrência da Segunda Grande Guerra (1939 a 1945), novos problemas de adaptação, sejam no trabalho nas diversas empresas, ou seja, no exército, esta guerra foi muito diferente da Primeira Grande Guerra, pois havia acontecido grandes avanços nos processos de industrialização, o que levou às mudanças radicais nos empregos, como a criação de novos postos

de trabalho e o desaparecimento de outros, mais antigos que se mostravam defasados. E isto ocorreu tanto no campo civil como no militar.

Estas novas áreas de atuação profissional vão provocar uma necessidade maior de orientação profissional, de treinamento específico, mas trouxe a tona problemas de adaptação dos trabalhadores a essas novas especializações e também conflitos humanos (afetivos e sociais) no interior das empresas. Com isto a necessidade de reformular os métodos e técnicas de orientação e seleção dos futuros trabalhadores, conforme nos explica Carvalho (1995 p.31):

Por outro lado, as informações ocupacionais, que no início era fornecida apenas por pessoas que trabalhavam nas áreas em questão, não apresentavam uma sistematização e nem uma uniformidade de dados. Eram informações bastante pessoais, parciais e redigidas de modo literário. Com o desenvolvimento dos estudos sobre orientação profissional tornou-se necessária uma revisão no material coletado e uma atualização da coleta de dados por meios de métodos mais científicos. Morri Vittels criou uma metodologia de análise de profissão, propondo uma forma mais objetiva e sistemática do levantamento das características e das aptidões pessoais exigidas para o seu desempenho.

Na América Latina a orientação profissional só chegou em 1925, na Argentina onde foram fundados o Instituto de Orientação Profissional do Museu Social Argentino, seguido por serviços de orientação educacional e vocacional instituído no México por Robleda, por Blumenfeld no Peru e por Del Olmo na Colômbia e na Venezuela.

1.1 - A Orientação Vocacional/Profissional no Brasil

No Brasil em 1924, o engenheiro suíço Roberto Mange contratado para lecionar na Escola Politécnica, introduziu a orientação profissional para os alunos do Liceu de Artes e Ofício de São Paulo. Em 1930 a estrada de Ferro Sorocabana iniciou um serviço de seleção, orientação e formação de aprendizes; em 1934 foi criado o Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional, ~~este~~ já em nível nacional. No serviço público sob orientação de Lourenço Filho, em 1931, junto ao Serviço de Educação do Estado São Paulo; em 1938 foi criado o INSOP - Instituto Nacional de Seleção e Orientação Profissional, que só foi inaugurado em 1947 no Rio de Janeiro.

Roberto Mange também iniciou em 1937 no Instituto Profissional Masculino, atual Escola Técnica Getúlio Vargas os primeiros trabalhos permanentes de orientação vocacional nas escolas,

a partir de então a orientação profissional passou a ser desenvolvida pelo Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI), no Serviço Nacional de Aprendizado Comercial (SENAC), posteriormente o Serviço Nacional de Formação Profissional Rural (SENAR).

Apesar de todos estes órgãos serem vinculados a entidades patronais: Confederação Nacional da Indústria, Confederação Nacional do Comércio e Confederação Nacional dos Produtores Agrícolas; curiosamente se repete a divisão do trabalho sugerida por Marx em sua obra literária *A Ideologia Alemã* (1984, p.29), como já citado na página 8/9.

Só a partir da promulgação da Lei Federal nº 4.119 de 1962, a orientação profissional junto à seleção profissional passou a ser disciplina do Currículo do curso de Psicologia, atingindo assim ao nível superior, mesmo sendo usada por vários institutos de educação, saúde e outros tantos desde os anos trinta do século XX. Após esta data, tanto a orientação educacional quanto a orientação vocacional tiveram grande importância oficial, tendo inclusive sido incluídas nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a LDB 5692/1971, como parte integrante do processo formativo.

Com o fracasso do ensino profissionalizante obrigatório, não só a obrigatoriedade do ensino profissionalizante foi revogada, mas também a orientação profissional foi cancelada. O ensino profissionalizante não foi bem aceito, sofrendo várias críticas de cunho político-educacional por ter sido importado sem os devido cuidados e também por representar uma educação massificada com ênfase apenas para suprir as necessidades das indústrias e de outros geradores de emprego. A LDB editada em 1996, nem sequer menciona as orientações educacionais, vocacionais ou profissionais.

Como podemos observar o ensino profissional para os filhos de pobres tem raízes antigas e ainda perdura (Johnson,1999 p.29). Para as classes subalternas as próprias condições de vida obrigam a uma sujeição profissional. Enquanto as classes privilegiadas optam por modelos mais acadêmicos. Também Ferretti (1997, p.36):

Todavia, teóricos da educação liberal, como, por exemplo, Dewey e Anísio Teixeira, admitem que a sociedade não se organiza de forma democrática. Ao contrário, tende, em função da ordem econômica, a organizar-se em classes e a estruturar o sistema escolar de modo que ele contribua para mantê-las.

Assim sendo, esta mescla que começa na escola é levada depois para as ocupações e empregos. Principalmente nos casos em que a formação acadêmica tem maior peso, como os concursos públicos e empregos/ocupações com poder de mando.

A partir de meados dos anos 60, mas mais fortemente nos anos 70, houve uma mudança muito grande nos conceitos de empregos. No caso brasileiro com um ingrediente a mais: o milagre econômico brasileiro, que criou necessidades especiais como bem observou Prado Filho (1993, p.112):

Talvez o fenômeno mais marcante que se observe em relação a essas transformações no mercado de trabalho se refira à desestruturação das profissões enquanto espaços ocupacionais bem delimitados, com firme definição de campo de atuação e de procedimentos práticos. O Brasil assistiu durante os anos 70 e, especialmente nos 80, a uma gradativa corrosão das bases tradicionais da maioria das profissões, com significativos reflexos no mercado de trabalho, decorrentes da introdução de novidades tecnológicas na produção.

Mas para a Orientação Vocacional Profissional estas transformações ocorridas na sociedade vão ter reverberações. A orientação deu-se conta, nos anos 70, de que as transformações na sociedade não permitiam mais se pensar uma única profissão, estável, para toda vida, Segundo Johnson (1999, p.58): “[...] Não basta uma pessoa escolher e preparar-se, ela terá que ser selecionada (ou fazer-se selecionar) pelo contratante de seus serviços profissionais, depois de ter sido selecionada e admitida num curso preparatório”. Portanto as transformações ocorridas neste período obrigam que a *Orientação Vocacional/Profissional* seja repensada.

Nos anos 80 com a introdução de computadores e sistemas altamente mecanizados, ocorreu uma série de novas mudanças no mercado de trabalho e nas questões ligadas a *Orientação Vocacional/Profissional*. Com a visão crítica baseada no materialismo-histórico prevaleceram visões como a de Carvalho (1995, p.210):

Conseqüentemente, tanto o sistema familiar como o sistema educacional leva os jovens e freqüentemente até mesmo os orientadores que os atendem (por também pertencerem à mesma classe social) a uma visão distorcida e desinformada da realidade ocupacional brasileira. A valorização excessiva do nível universitário, do ‘título de doutor’ e, por outro lado, a desvalorização de profissões novas e das profissões de nível técnico reflete nitidamente os valores oriundos da sociedade aristocrática do passado. As escolhas profissionais são feitas por “rótulos”

prestigiados, com total falta de informações, seja da própria profissão, seja do mercado de trabalho, por um grande número de adolescentes. Quando existe alguma informação, esta é geralmente incompleta, parcial, romântica e até mesmo “mágica”.

Segundo a autora (ibid, 1995, p.115) quando o jovem chega ao Serviço de Orientação Profissional e diz que gostaria de ser engenheiro ou médico, ou outra profissão tida como convencional, na verdade ele está tentando, por meio desta escolhas previsíveis conseguir para si os poderes que ele atribuiu à estas profissões: honra, reconhecimento, prestígio, poder econômico. O título profissional está funcionando, na sua fantasia, como uma palavra mágica, que poderia lhe abrir as portas, para poder galgar e alcançar os valores do mundo adulto. As escolhas, na maioria das vezes, nada têm a ver com suas características e condições pessoais, com as características da profissão e com as necessidades de trabalho do país, nesta determinada época, como podemos ver a grande quantidade de cursos de direito e outros que abrem como se fossem franquias de oportunidades.

Nos anos 90 a *Orientação Vocacional/Profissional* se estendeu para muitas outras instituições além da escola. Muitos públicos-alvos, incluindo todas as chamadas minorias e também os adultos sentiram a necessidade desta orientação. Estes novos públicos-alvos que se destacam nos estudos são adultos em transição de carreira e as populações em risco, caracterizadas por pessoas que enfrentam forte indecisão quanto aos seus planos e dificuldades graves para realizá-los. E como as antigas máquinas, sendo trocadas por máquinas mais novas e produtivas. Essa situação nos remete mais uma vez a ao sistema de produção atual, que nada mais é do que o capitalismo, e como escrevera a respeito desta necessidade de descarte deste sistema na sua principal obra Marx (1988, p.146):

Uma máquina que não serve no processo de trabalho é inútil. Além disso, sucumbe à força destruidora do metabolismo natural. O ferro enferruja a madeira apodrece. Fio que não é usado para tecer ou fazer malha é algodão estragado. O trabalho vivo deve apoderar-se dessas coisas, despertá-las dentre os mortos, transformá-las de valores de uso apenas possíveis em valores de uso reais e efetivos. Lambidas pelo fogo do trabalho, apropriadas por ele como seus corpos, animadas a exercer as funções de concepção e vocação, é verdade que serão também consumidas, porém de um modo orientado a um fim, como elementos constitutivos de novos valores de uso, de novos produtos, aptos a incorporar-se ao consumo individual como meio de subsistência ou a um novo processo de trabalho como meios de produção.

Para combater esta injustiça criada pelos novos tempos, desenvolveu-se o conceito de orientação continuada. O objetivo visado pela orientação contínua, para estes, é a persistência no empenho para concluir sua formação profissional e desenvolver novas habilidades, para ingressar numa ocupação ou para persistir no emprego. Para esses anos 90 a visão predominante é próxima à de Bolles (2000, p.22):

O que torna os anos 90 diferentes é que aumentou muita a injustiça no mercado de trabalho. Enquanto fusões ou enxugamentos são utilizados pelos patrões para se livrar de empregados que já pretendiam mesmo demitir, é também verdade que empregados competentes e leais, com dez, ou vinte anos de serviço bem-prestado, estão sendo postos na rua injustamente. Em muitas empresas, isso atinge até aqueles empregados que ajudam o negócio a funcionar, com muito empenho e carinho. São mandados embora porque os enxugamentos exigem que o empregado justifique sua permanência, e fica difícil medir sua contribuição por gráficos de eficiência. Assim, muitas empresas estão se deteriorando e se tornando máquinas sem coração, já que, de forma injusta, demitem exatamente aqueles que são o coração de que toda companhia necessita para prosperar e para constituir um local de trabalho mais humano.

Essa injustiça do mercado de trabalho verificado nas décadas finais do século XX contrapõe-se ao momento vivido após a Segunda Guerra Mundial, principalmente no final dos 50 e início dos anos 60, quando numa época de grande industrialização no Brasil, recorreu-se aos Ginásios Industriais e Vocacionais objetivando suprir a mão de obra técnica necessária.

1.1.1 - O Ensino Técnico e os Ginásios Vocacionais e Industriais

Os ginásios vocacionais e os ginásios industriais estão inseridos no âmbito da educação técnica e suas leis. Segundo Agnelo Corrêa Vianna (1970, p 1), *“a educação técnica designa, genericamente as atividades sistemáticas de formação e aperfeiçoamento de pessoal para ocupações existentes na agricultura, indústria, comércio e serviços”*, esta formação era oferecida em cursos de nível médio e como parte complementar ao curso o aluno devia realizar estágio em empresas.

A educação voltada para o nível técnico industrial é um produto concreto do capitalismo. O ensino técnico foi criado em função da divisão social do trabalho em determinada sociedade em determinada época, pois a escola técnica deveria reproduzir de certa forma, a organização da produção e as relações sociais desta sociedade.

As transformações que ocorrem no ensino técnico não ocorrem isoladamente das transformações da sociedade. Segundo Machado (1989, p.22) utilizamos a divisão do ensino técnico no Brasil em quatro períodos históricos [até 1930, 1930 a 1945, 1945 a 1964, e a partir de 1964], que geralmente são tomados como marcos significativos da sociedade brasileira. Apresentaremos os principais acontecimentos relacionados com ensino técnico profissionalizante seguindo a linearidade proposta pela autora.

Em 1826, os primeiros projetos para instituir oficialmente o ensino de artes e ofícios.

O seminário de São Joaquim é transformado em escola de artes e ofícios em 1834, mais tarde se tornará o Colégio D. Pedro II.

Em 1837, o Arsenal da Marinha da Corte passa a receber menores abandonados para serem profissionalizados, neste mesmo ano o Estabelecimento de Aprendizizes Menores do Arsenal de Guerra tem seus estatutos aprovados.

Em 1854, ocorre a criação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, com o ensino de tipografia e encadernação.

Foi criado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos em 1856, com profissionalização nos ofícios de encadernador, dourador, pautador e sapateiro.

Em 1879, decreto de 19 de abril previa a introdução nas escolas primárias de segundo da Corte, a prática manual de ofícios.

Em 1882, o então Conselheiro Rui Barbosa apresenta substitutivo ao projeto de reforma da instrução, elaborado por Souza Dantas, Ministro do Império: a) que cada paróquia da Capital possuísse aulas de desenho industrial; b) que nas províncias fossem criadas escolas de arte industrial; c) que na Corte fosse fundada uma Escola Normal Nacional de Arte Aplicada, e d) criação, no Imperial Colégio D. Pedro II, de seis cursos profissionais (estudo de finanças e de comércio, curso de máquinas, industrial, relojoaria e instrumentos de precisão).

Em 1882, foi criado por D. Pedro II, uma escola para oferecer cursos de serralheria e marcenaria, carpintaria, litografia, tipografia e gravura em madeira.

Foi criado o Instituto Antonio Ferreira Viana em 1883, introduzindo no curso primário a educação manual. Após a aprovação da Lei de Ensino Rivadávia Correia, esta escola passou a ser pré-vocacional.

Em 1885, D. Pedro II cria a Escola de Santa Cruz para filhos de ex-escravos da Corte, com cursos de prática-agrícola, marcenaria, forja, serralheria, alfaiataria e sapataria.

Em 1890, o Decreto de 8 de dezembro. Reorganiza os ensinos primários e secundários do Distrito Federal, com a inclusão dos trabalhos manuais.

A criação do Instituto Profissional João Alfredo, em 1894, para atender a profissionalização de tipógrafos, litógrafos, carpinteiros, torneiros, entalhadores, ferreiros, serralheiros, funileiros, alfaiates, encadernadores, correeiros e sapateiros.

Em 1906, a Câmara dos Deputados pela proposição nº 195, habilita pela primeira vez o Estado a destinar recursos financeiros para a criação de escolas profissionais federais; neste ano a questão da formação profissional entrara na plataforma de governo. Em seu manifesto Afonso Pena assinalara: *“A criação e a multiplicação de institutos de ensino técnico e profissional muito podem contribuir também para o progresso das indústrias, proporcionando-lhes mestres e operários instruídos e hábeis”*. E é criada a Escola Prática de Aprendiz das Oficinas do Engenho de Dentro pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

O Presidente Nilo Peçanha cria, em 1909, pelo Decreto nº 7566, de 23 de dezembro em quase todos os estados, as Escolas de Aprendiz Artífices, representando o início da atuação direta do governo federal na área de formação profissional. São apresentadas as seguintes justificativas pelo decreto:

Considerando: que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes operárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; *que para isso se torna necessário não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime;* (grifos nossos) que é um dos primeiros deveres do Governo da república formar cidadãos úteis à nação.

A partir desta data são criadas inúmeras escolas práticas para aprendizes e profissionais, este entusiasmo de ter encontrado no ensino técnico a solução para os mais variados problemas sociais vai ser inviabilizados pelas dificuldades de funcionamento que estas escolas encontraram, e como se tratavam de experiências pioneiras, tinham também enormes dificuldades para encontrar professores especializados para estes estabelecimentos.

A Lei Álvaro Batista, de 1911, reforma os ensinos: primários, normais e profissionais, integrando a aprendizagem técnica no plano da instrução pública municipal, proporcionando-lhe o nome e o caráter de ensino primário técnico profissional.

O Presidente Venceslau Brás, continua na mesma linha do Presidente Nilo Peçanha, tratando de forma oficial o ensino técnico e profissionalizante como saída para as mazelas sociais do país e já propõe a importação de profissionais especializados para suprir esta carência nacional. Porém, a crise econômica gerada pela primeira Guerra Mundial (1914-1918) vai arrefecer este ímpeto pelos projetos de formação técnica profissional.

Segundo Machado (1989, p.26) no manifesto expresso por Venceslau Brás ao assumir a presidência da República definindo uma concepção sobre a formação profissional:

A criminalidade aumenta; a vagabundagem campeia; o alcoolismo ceifa; cada vez mais, maior número de infelizes, porque em regra, não tendo as pobres vítimas um caráter bem formado e nem preparo para superar as dificuldades da existência, foram vencidos em plena mocidade e se atiram á embriaguez e ao crime. *Dê-se, porém, outra feição as escolas primárias e às secundárias, tendo em vista que a escola não é somente um centro de instrução, mas também de educação e para esse fim o trabalho manual é a mais segura base; instalem-se escolas industriais, de eletricidade, de mecânica, de química industrial, escolas de comércio, que os cursos se povoarão de alunos e uma outra era se abrirá para o nosso País.* (grifos nossos) Se não tivermos pessoal habilitado para essas escolas, o que não é de se admirar, país novo que somos, contrataremos no estrangeiro a missão industrial. Conseguiremos, assim remediar em parte os males do presente e lançaremos as bases para um futuro melhor, bem como alcançaremos desviar a corrente impetuosa e exagerada que atualmente existe para a empregomania e para o bacharelismo

Ainda assim, em 1917 foi criada a Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás, em 11 de agosto, pela Prefeitura do Distrito Federal, que objetivava atender a municipalidade nas suas necessidades de professores, mestres e contramestres para o ensino profissional e de professores de trabalhos manuais para as escolas primárias.

Nos anos seguintes várias leis e decretos são assinados com o intuito de criar, modificar e regulamentar o ensino técnico. Exemplo é o Decreto nº 13.064 de 12 de junho de 1918, que mantinha como prerrogativa para matrícula nas Escolas de Aprendizes Artífices a situação de “*desfavorecido da fortuna*”. No ano seguinte a Escola Normal de Artes e Ofícios Venceslau Brás tem sua transferência para o âmbito federal.

Aprovado o projeto de Fidélis Reis em 1927, projeto este que tramitava desde 1922 com amplo debate. Originalmente, este projeto tornava o ensino profissional obrigatório em todo País,

entretanto, mesmo sofrendo mudanças por meio de substitutivos que tiravam esta obrigatoriedade e da aprovação presidencial, esta lei não foi executada.

Somente o levantamento histórico das datas do ensino técnico não é suficiente para evidenciar o caráter que este assume e quais determinações sofrem em relação à estrutura econômica, política e social desta época, que considerava o ensino técnico próprio apenas para certos grupos sociais, inclusive como possibilidade de redenção das mazelas sociais e, entendendo ser necessário que mais pessoas devessem constituir a força de trabalho qualificada para o sistema produtivo. Como o ensino secundário continuava reservado a elite, era necessário criar outras opções, capazes de ao mesmo tempo atender às pressões populares e às necessidades da produção.

O segundo período histórico adotado para estudos desta pesquisa vai de 1930 a 1945, durante todo o primeiro governo de Getúlio Vargas. Segundo Machado (1989, p.38) *“Não há dúvida que a concepção predominante acerca de todo ensino profissional continuará sendo aquele destinado às classes menos favorecidas”*. Deste período destacaremos alguns dos principais eventos.

A criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, em 1930, que tem como consequência direta para o ensino técnico, a possibilidade de uma política centralizada e unificada.

Foi criada em 1931 a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico que tinha por função dirigir, orientar e fiscalizar todos os serviços relacionados ao ensino profissional e técnico, sob a orientação do Engenheiro Francisco Montojos.

Em 1932 acontece o lançamento do “Manifesto dos Pioneiros”, contrário ao centralismo, combatiam o dualismo entre ensino acadêmico e profissional. Propunham a organização de cursos acadêmicos e profissionais num mesmo estabelecimento e a adaptação das escolas aos interesses e às exigências regionais.

Com a promulgação de nova Constituição para o País em 1934, cujo caráter uniformizador determina à União a responsabilidade de traçar as diretrizes educacionais; a Inspetoria do Ensino Profissional foi transformada por decreto em Superintendência do Ensino Profissional, sob orientação ministerial direta, tendo mantido na sua direção o mesmo Engenheiro Francisco Montojos.

Este Decreto de nº 24.558 previa ainda: a expansão do ensino industrial através da anexação às escolas existentes; a possibilidade de criação de novas escolas industriais por parte do Governo Federal; mecanismos de reconhecimentos das escolas profissionais pelo Ministério da Educação; intercâmbio entre a Superintendência e as associações industriais e a instituição de bolsas de estudo para alunos oriundos do interior dos estados.

Em 1937, a Lei 378, de 13 de janeiro reestrutura o Ministério da Educação e Saúde Pública empreendida pelo Ministro Gustavo Capanema, extinguindo a Superintendência do Ensino Profissional, substituindo-a pela Divisão do Ensino Industrial, órgão subordinado ao Departamento Nacional de Educação. Para diretor de Ensino Industrial foi nomeado o Engenheiro Francisco Montojos, e as Escolas de Aprendizes Artífices passariam a chamar-se Liceus. Neste mesmo ano uma nova Constituição substitui a de 1934, a qual em seu artigo 129 chegou a estabelecer que o ensino pré-vocacional e profissional era destinado às “classes menos favorecidas”.

Em março de 1938, em atendimento à recomendação constitucional, a Divisão do Ensino Industrial apresentou um anteprojeto regulamentando a criação de escolas de aprendizes, denominadas sindicais, cuja manutenção seria responsabilidade das indústrias ou dos sindicatos dos empregadores. No ano seguinte o decreto-lei nº 1.238, de 8 de maio propõe a criação de refeitórios e cursos de aperfeiçoamento para indústrias com mais de quinhentos empregados.

O artigo 1º do Decreto nº 6.029, de 26 de julho de 1940, dizia: *“Os cursos profissionais, decorrentes do Artigo 4º do Decreto-lei 1.238, de 8 de maio de 1939, serão instalados como unidades autônomas, nos próprios estabelecimentos industriais, ou nas proximidades destes, podendo ser mantido em comum por vários estabelecimentos obrigados aos termos do referido decreto-lei”*. Segundo este regulamento, aos Ministérios da Educação e do Trabalho é que competiam especificar quais os ofícios carentes de formação profissional.

Em 1942, por determinação de Getúlio Vargas, é criado o SENAI sob a direção da Confederação Nacional da Indústria, pois a solução encontrada no Decreto 6.029, de 1940, mostrou-se limitada para as necessidades da época. Ao Ministério da Educação caberia apenas a aprovação do regimento. São objetivos do SENAI, a realização de aprendizagem metódica em escolas; assistência às empresas na aprendizagem realizada no local de trabalho; colaboração na

preparação e treinamento de supervisores da indústria; promoção de cursos, seminários e palestras de interesse imediato das indústrias.

Neste mesmo ano a Lei Orgânica do Ensino Industrial, Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, unifica a organização deste ensino em todo território. Estabelece como objetivo a preparação profissional dos trabalhadores da indústria, dos transportes, das comunicações e da pesca, agora em paralelo ao ensino secundário. Outro Decreto de nº 4.127, de 25 de fevereiro, estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Segundo Machado (1989, p.35):

Esta reforma, sob a inspiração da Reforma Gentile, aplicada por Mussolini na Itália, foi elaborada por um grupo de trabalho restrito, e contribuiu para a consolidação da estrutura elitista do ensino brasileiro. A exposição dos motivos da Lei definia como objetivo do ensino secundário a “preparação das individualidades condutoras”, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades dentro da sociedade e da nação, [...] Esta concepção de ensino secundário vai justificar a estruturação dos ensinos profissionais (industrial, agrícola, normal e comercial) como subsistemas, através de leis orgânicas.

Estas reformas duraram quase duas décadas e foram propiciadas por fatores conjunturais, como a expansão econômica do pós-guerra, as iniciativas econômicas estatais, dentre as quais destacam-se a usina siderúrgica de Volta Redonda, a Fábrica Nacional de Motores (FNM) entre outras, incluindo a política centralizadora deste primeiro governo de Getúlio Vargas.

Após a queda de Vargas e seu Estado Novo, começa o nosso terceiro período histórico para estudo do ensino técnico profissional. Foram feitas inúmeras mudanças, entre elas destacamos a mudança efetuada em 1946, no Ministério da Educação quando as Divisões de Ensino Superior, Secundário, Comercial e Industrial ficaram subordinadas diretamente ao Ministro da Educação. Criou-se a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (CBAI) que introduziu o método TWI (Training Within Industry).

A Resolução 51 do Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura, de 25 de julho de 1946, passa aceitar os pedidos de registros dos alunos formados pelas escolas técnicas de grau médio, fornecendo-lhes carteiras profissionais e a possibilidade de conduzir os trabalhos de sua especialidade onde não houvessem engenheiros, com autorização do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura – CREA, e exercer independente de prova de habilitação, as funções de Auxiliar de Engenheiro nas repartições públicas.

Em 1946, através dos Decretos-Leis 8.621 e 8.622, criou-se o SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) que, nesse caso, ficou subordinado ao empresariado comercial. Em conjunto com o SESI, criado em 1942, implementaram uma série de cursos na área do ensino industrial e comercial, paralelos à estrutura educacional estatal.

Constituição da República promulgada em 18 de setembro de 1946 dispõe que as diretrizes e as bases da educação nacional devem ser definidas pelo Governo Federal. No entanto cada estado deve adotar medidas que as ajustem às suas realidades, uma autonomia significativa em relação à Constituição de 1937. Dispõe ainda sobre a obrigação das empresas ministrarem aprendizagem aos seus trabalhadores menores de idade conforme as leis existentes.

O Ministro da Educação cria a comissão de Estudos das Diretrizes e Bases da Educação, conforme Portaria 205, de 3 de abril de 1947. Essa Comissão tinha por objetivo elaborar um anteprojeto de lei orgânica da educação nacional. Os dois princípios fundamentais foram a flexibilização de articulação dos ramos e graus de ensino e a descentralização. No que se referia ao ensino técnico, o Projeto de Lei das Diretrizes e Bases criava cursos profissionais supletivos para crianças a partir de onze anos; mantinha os cursos técnicos e industriais, alterando a denominação destes últimos para cursos profissionais e extinguiu os cursos de mestria e artesanais.

Ainda naquele ano de 1947 a Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial – CBAI, reuniu-se no Rio de Janeiro, entre 13 de janeiro e 22 fevereiro, os diretores de escolas técnicas e industriais e promoveram naquele mesmo ano, o Primeiro Curso de Aperfeiçoamento para professores do ensino industrial, na cidade do Rio de Janeiro e nos Estados Unidos, com duração de um ano e três meses. Em setembro de 1947 embarcavam para os Estados Unidos dez diretores de escolas técnicas e industriais para fazerem um curso de administração de escolas técnicas. Em 1948 com a mesma finalidade partia um segundo grupo de diretores de escolas técnicas, por intermédio da CBAI.

Em 1950 o acesso dos alunos formados em escolas do SENAI aos cursos técnicos foi autorizado pela Portaria Ministerial nº 15, de 31 de janeiro. Outra Portaria Ministerial a de nº 236, de 24 de junho, estendia esta autorização aos alunos das escolas oficiais de aprendizagem, cujos cursos tinham duração de três anos e eram semelhantes aos do SENAI, não tiveram validade por muito tempo.

Surtem as primeiras tentativas de tornar os cursos profissionais equivalentes ao curso secundário. A Lei 1.076, de 31 de março de 1950 concede aos concludentes do primeiro ciclo profissional, certificado de curso secundário desde que completassem as disciplinas que faltassem em seu currículo.

A Lei 1.821, de 1953 permite aos egressos dos cursos técnicos o acesso a qualquer curso superior. Uma ressalva confere a esta equivalência um caráter limitado. Os concluintes dos cursos profissionais só poderiam submeter-se aos vestibulares desde que aprovados em exames de complementação das matérias dos cursos secundários, que não figurassem em seus cursos de origem. A grande diferença de conteúdos entre os cursos contribuía para que essa equivalência fosse apenas formal.

A comissão especial nomeada pela Portaria nº 26 de 27 de janeiro de 1955, encarregada de elaborar um anteprojeto de lei que reajustasse a legislação referente ao ensino industrial, em face das alterações decorrentes da lei nº 1.821, de 1953, e da necessidade de compatibilizar a Lei orgânica de ensino Industrial, de 1942, com a Constituição de 1946.

Em 1959, a Lei 3.552 reformou o ensino industrial, trazendo uma nova fase para este ensino, com maior autonomia e alargamento do conteúdo da cultural geral destes cursos, estas inovações surgiram em decorrências das próprias necessidades do desenvolvimento capitalista. Estabelece que dois membros representantes da indústria. Participassem do conselho dirigente das escolas técnicas, conforme exposição do Ministro Clóvis Salgado a fim de *“estretar mais a associação escola-fábrica, de forma a que os diplomados pela primeira atendam, efetivamente, às necessidades da segunda”*.

Esta que acabava com a multiplicidade de cursos industriais básicos, instituindo apenas um curso com fundamentação de cultura geral e algumas noções de vários ofícios, teve vida curta, pois em 1961 o decreto nº 50.492, dispôs sobre a organização e o funcionamento dos Ginásios Industriais e logo após entrou em vigor a Lei de Diretrizes e Bases – Lei 4024, de 20 de dezembro do mesmo ano. Esta lei não trouxe mudanças profundas na organização do ensino técnico, contribuiu principalmente para consolidar mudanças anteriores.

Os ginásios vocacionais foram criados pela lei conhecida como Lei do Ensino Industrial, a lei estadual 6.052, de 03 de Fevereiro de 1961, que criou formalmente o Ensino Vocacional, no seu artigo 21, *“Os Cursos Vocacionais, de dois ou quatro anos de duração, de 1º ciclo do ensino*

de grau médio, terão o caráter de curso básico, destinado a proporcionar cultura geral, explorar as aptidões dos educandos e desenvolver suas capacidades, dando-lhes iniciação técnica e orientando-os em face das oportunidades de trabalho e para estudos posteriores”.

As matérias de iniciação técnica incluíram atividades de experimentação profissional de várias modalidades e práticas de oficina ou de laboratório, sem preocupação imediata de formar artífices, mas com a finalidade de proporcionar orientação profissional e despertar interesse para profissões técnicas e científicas.

Outro aspecto importante estava disposto no artigo 25 “*O Curso Básico Vocacional e o Curso de Iniciação Vocacional poderão funcionar nas Escolas Industriais ou Escolas de Economia Doméstica e de Artes Aplicadas, sujeitos a direção administrativa dos mesmos estabelecimentos*”; inovações que eram o principal objeto da legislação. Essa hipótese das unidades do Vocacional funcionarem junto a estas escolas nunca se concretizou, segundo Chiozzini (2003, p.16):

Só foi possível criar a estrutura que deu origem aos Ginásios Vocacionais porque o parágrafo único do mesmo artigo estabelece que, com a autorização do Poder Executivo, os mesmos poderiam “*funcionar como unidade distinta (...), diretamente subordinada e orientada por órgão especializado em educação secundária*”. Isso permitiu que o Sistema de Ensino Vocacional adquirisse posteriormente grande autonomia administrativa e pedagógica. Uma de suas características marcantes foi a constituição de uma dinâmica própria de funcionamento, com toda sua estrutura diretamente subordinada ao Secretário da Educação, totalmente paralela ao aparelho burocrático já existente na Secretaria.

A lei estadual estabelecia nos artigos seguintes como seria o funcionamento dos Ginásios Vocacionais caso os mesmos viessem a funcionar nos estabelecimentos de Ensino Industrial e de Economia Doméstica, o que nunca chegou a acontecer, como já foi mencionado. Estava efetivamente criado o Serviço de Ensino Vocacional – SEV, órgão que seria então coordenado pela educadora Maria Nilde Mascellani.

Deste modo, tanto os Ginásios Vocacionais, quanto os Cursos Básicos, funcionariam como uma etapa transitória entre o ensino primário e as Escolas Industriais e de Economia Doméstica. Daí o fato da Lei aprovada e do Decreto, anteriormente citados, mencionarem a hipótese dos Ginásios Vocacionais funcionarem integrados a outros Centros Educacionais.

Entre 1961 e 1968 foram criados dezenas de Ginásios Vocacionais em todo estado. A Assembléia Legislativa autorizou a sua criação mediante projetos de lei, que, após serem aprovados, viravam letra morta. Como sabemos, coube ao Serviço de Ensino Vocacional (SEV) e ao Secretário da Educação a decisão de abrir as unidades e organizá-las.

Sobre as Classes Experimentais de Socorro, as informações são escassas, mais centradas em relação ao que ocorria no Estado de São Paulo. O contato de educadores brasileiros com a proposta da *École de Sèvres* ou *Classes Nouvelle* iniciou-se em 1950, ocasião em que, após um convite do Consulado Francês, um grupo de educadores foi fazer um estágio na cidade de Sèvres. Participando do grupo estava Luís Contier, diretor do Instituto Educacional Alberto Conte, uma escola pública do Bairro de Santo Amaro, em São Paulo.

Dois anos após regressar de Sèvres, Luís Contier passou a adaptar algumas metodologias da proposta pedagógica francesa ao Ginásio que dirigia. Gildásio Amado, diretor do Departamento de Ensino Secundário – DES, durante o período de 1956 a 1968, teve contato com essa experiência na 1ª Jornada de Estudos de Diretores de Estabelecimentos de Ensino Secundário, em 1957, quando Luis Contier expôs o trabalho que vinha realizando. A partir daí, Gildásio Amado passou a articular a aprovação da portaria do MEC que permitiu que surgissem outras classes experimentais no país.

Contier defendia uma educação que acompanhasse o ritmo das descobertas científicas e do desenvolvimento econômico e social, que então ocorriam em ritmo vertiginoso no Brasil; enaltecendo a formação do caráter, tão importante quanto a formação da inteligência, e a aquisição de conhecimentos a partir da experiência pessoal.

Em 11 de junho de 1959, seria publicado o Decreto n.º 35.069 que autorizaria o funcionamento das Classes Experimentais em todo o país, e em 25 de julho de 1959, o Ato nº 41, em que o Secretário da Educação do Estado autorizaria o funcionamento da Classe Experimental de Socorro. Maria Nilde Mascellani tornou-se Orientadora Pedagógica das Classes Experimentais e, quando passou a integrar a Comissão de Reforma do Ensino Industrial, Olga Bechara assumiu a Orientação. As inovações implementadas começaram a integrar o conteúdo de diferentes disciplinas, inclusive com liberdade para alterar a ordem em que esses conteúdos eram ministrados ao longo do ano. Intensificou-se a realização de trabalhos em grupo, montados a

partir de sociogramas e passou-se a utilizar livros didáticos como referência e integração das disciplinas.

Outra inovação a ser destacada nas Classes Experimentais, feita concomitantemente a essas iniciativas de integração das disciplinas, foi o estudo da comunidade a partir dos estudos do meio. O uso e o desenvolvimento desta metodologia deixaram claro o papel central da área de História, o Estudo do Meio iniciou-se de maneira integrada ao Plano de Ação desenvolvido pelo Governo Carvalho Pinto, coordenado pelo então Secretário de Planejamento Plínio de Arruda Sampaio.

Neste contexto, o trabalho da Comissão da qual fazia parte Maria Nilde Mascellani, foi concluído e deu origem à criação inicial de três unidades dos Ginásios Vocacionais nas cidades de Batatais, Americana e São Paulo, onde essa proposta pedagógica iniciada com as Classes Experimentais de Socorro foi desenvolvida.

A Lei de Diretrizes e Bases aprovada em 1961, que em seu artigo 104 assegurou a regulamentação dos Ginásios Vocacionais sob a égide federal, segundo Chiozzini (2003, p.67):

Acabou sendo, em determinado aspecto, uma vitória dos setores mais conservadores da sociedade, pois restringiu as verbas e as atribuições do estado sobre a educação. Além disso, as propostas de flexibilização do currículo em função da preparação para o trabalho foram contempladas com a fixação de disciplinas e práticas educativas de caráter optativo e de uma disciplina vocacional, dentro das necessidades e possibilidades locais de cada escola. Apenas sinalizou, portanto, uma possível renovação no ginásio secundário.

Os Ginásios Vocacionais surgiram em um contexto em que o Brasil se firmava como membro da periferia do capitalismo mundial e representou uma contradição, por que o propósito do governo era dar subsídios aos jovens para a escolha de suas profissões, contudo para uma parcela da classe média, muito ativa cultural e politicamente nesse período de final dos anos 50 e início dos 60, a escola não representava apenas um meio de ascensão social, mas também parte constituinte de um projeto de transformação gradual dessa sociedade. Segundo Tamberline (2001, p.33):

O ensino renovado que caracterizou a proposta do Ensino Vocacional pode, então ser definido como sendo um ensino de cunho transformador, que visa formar o educando integralmente, desenvolvendo-lhe tanto as aptidões teóricas, quanto as práticas,

capacitando-o a atuar na sociedade em que vive. A educação é centrada no educando e o professor é uma espécie de orientador que deve criar situações que permitam o “desabrochar” das capacidades do aluno. O conhecimento desenvolvido é visto como totalidade da consciência crítica, a inserção no meio social em que se vive, visando à transformação e à melhoria do nível cultural da comunidade, constituem pontos primordiais do projeto do ensino renovado.

Várias experiências educacionais como os Ginásios Vocacionais, que tinham sua linha pedagógica fundamentada no ensino renovado, foram desenvolvidas nos anos 60, entre as mais conhecidas e importantes podemos citar: o Colégio de Aplicação da USP; o Colégio Caetano de Campos e o Ginásio Pluricurricular Experimental da Lapa em São Paulo, o Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro; e o Instituto Estadual de Educação de Minas Gerais.

Esta idéia da escola como centro irradiador da transformação social presente nos documentos sobre os Ginásios Vocacionais, o caráter militante junto ao fervor político propício a época, que transformava o ensino numa missão de transformação social, pode ser percebida segundo Tamberlini, (ibidem, p.41), *“nos depoimentos dos educadores católicos que, por vezes, superestimaram o poder da escola como foco de criação cultural, e hoje percebem estes limites, embora admitindo a possibilidade de intervenção através da ação educativa”*.

Essa crença no poder transformador da educação não foi um fato que caracterizou somente os seguidores do ensino renovado e os educadores militantes dos Ginásios Vocacionais, e sim todo universo de educadores, pesquisadores, movimentos culturais e políticos, que visavam a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, nos anos 60.

Toda uma geração de educadores que viam possibilidades de modificar o ensino utilizando métodos educacionais ativos, por acreditarem que faziam parte de uma sociedade que se modificava sempre; deveriam tentar compreender e aceitar tais mudanças na sociedade. Um dos pilares para que essas modificações acontecessem era a necessidade de democratizar a educação com fundamento na formação do indivíduo para a vida e o para o mundo trabalho. Para tanto priorizavam o trabalho em equipe, o estudo dirigido, o estudo do meio, bem como uma coordenação de disciplinas, isto é por meio desta coordenação, propiciar aos alunos formas harmoniosas de estudo e trabalho.

A idéia de uma escola comunitária, que atuasse o meio onde estava inserida, comprometendo desde cedo o educando com o desenvolvimento de atitudes que promovessem a

inserção social consciente e transformadora, abrangendo as necessidades e expectativas dos grupos sociais, era uma das idéias principais do projeto.

Outro pilar da educação desenvolvida nos Ginásios Vocacionais, era a integração das disciplinas, e tinha como eixo central Estudos Sociais, envolvendo História e Geografia, que posteriormente veio a ser usado pelos militares, mas completamente desfigurada de sua proposta original. Esta experiência foi taxada de subversiva, e em 5 de junho de 1970 foi publicado o Decreto Estadual 52.460, que extinguiu o ensino renovado em todas as escolas estaduais. Entre eles todos os Ginásios Vocacionais e o Colégio Pluricurricular da Lapa. A experiência estava de fato extinta.

O quarto período histórico para o estudo do ensino técnico adotado para esta pesquisa cobre os anos posteriores a 1964, no período inicial deparamo-nos com uma ditadura militar entre os anos de 1964 e 1985, uma transição política para a democracia de 1985 a 1989 e, a partir daí retomamos as regras do estado de direito democrático. Estudaremos primeiro o período ditatorial.

Em março de 1965, foi constituída a Equipe de Planejamento do Ensino Médio - EPEM, pelo Ministro da Educação Raymundo Moniz de Aragão, com o intuito de ajudar a unidades federativas na elaboração dos planos de ensino técnico. Retomando as experiências dos ginásios orientados para o trabalho, com forte influência norte-americana, foi assinado um convênio do Ministério da Educação e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional – USAID, com participação de técnicos desta nacionalidade.

O projeto inicial destes ginásios polivalente previa obrigatoriamente nas duas últimas séries a prática de no mínimo duas entre as quatro definidas (artes industriais, técnicas comerciais, técnicas agrícolas e economia doméstica e artes aplicadas), tal projeto não aceito, a EPEM decidiu-se por outro que definia que todos os alunos passariam pelas quatro áreas e na terceira série optariam por uma delas.

Em 1967 surge o Plano Estratégico do Desenvolvimento, para dar prioridade a preparação de recursos humanos, adequando o sistema educacional às crescentes necessidades do País, principalmente no que se refere à formação de nível médio. Dentre os programas prioritários encontrava-se a reformulação do ensino médio, para constituir com o primário, um sistema fundamental que assegurasse a formação básica do educando e sua preparação para as atividades

econômicas na indústria, agricultura e serviços, e a formação e treinamento dos professores de disciplinas específicas do ensino técnico.

Com o Decreto nº 63.914, de 26 de dezembro de 1968, criou-se o Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio – PREMEM, órgão vinculado ao MEC, o qual tinha por objetivo implementar e executar os programas elaborados pela EPEM. Neste mesmo ano foi regulamentada a profissão de técnico industrial.

Inicia-se em 1970 a implantação dos ginásios polivalentes, com a ajuda da USAID. O Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional – CENAFOR, começa a funcionar para capacitar docentes, técnicos em educação, instrutores técnicos, técnicos em treinamento e especialista no desenvolvimento de Recursos Humanos. Esta instituição ficou encarregada da coordenação e supervisão geral das atividades do Projeto de Capacitação de Recursos Humanos para o Ensino de 2º grau. Além destas atividades o CENAFOR desenvolve projetos de pesquisa, do desenvolvimento de materiais de ensino e de informação; estabelece convênios, acordos e contratos; promoveu seminários, encontros e reuniões.

A Lei de Diretrizes e Bases de 1971, Lei 5.692, de 11 de agosto, não revogou totalmente a LDB de 1961 e nos aspectos administrativos não se registrou grandes alterações. Os artigos 4º, 5º e 6º da nova passaram a caracterizar o ensino profissionalizante. O artigo 4º previa que os currículos de 1º e 2º graus passariam a constar de duas partes, o núcleo comum composto pelas disciplinas obrigatórias em todo País e a parte diversificada, que atenderia as questões regionais e individuais dos alunos.

Nos artigos 5º e 6º foram introduzidas outras modificações, como a divisão do currículo pleno em duas partes, uma geral e outra específica, de formação especial (profissionalização), deu-se ênfase à educação geral e sondagem de aptidões no 1º grau e a profissionalização no 2º grau, em função das necessidades do mercado de trabalho e, facultou-se a realização em conjunto com as empresas.

O Parecer nº 45 de 1972 procurava estabelecer diferenças entre o Técnico em Nível Médio e o Auxiliar Técnico, tendo em vista que continuava a existir dois tipos de ensino profissionalizante: realizado pelas escolas técnicas tradicionais e aqueles ministrados pelas escolas em geral com as novas determinações legais, mesmo após a LDB 5.692/71.

O Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – I PND, de 1972, tinha como projeto central tratar da integração escola-empresa-governo. Criou-se então o Centro de Integração Empresa Escola – CIEE, com implementação local e/ou regional. O II PND realizado em 1974 e reforça as recomendações anteriores.

Em 1974 o Decreto nº 74.296, criou a Secretaria de Mão-de-Obra, órgão subordinado ao Ministério do Trabalho, como o próprio nome diz, tinha por objetivo a preparação de mão-de-obra para o mercado.

A Lei 6.297, de 15 de dezembro de 1975, dispunha sobre as deduções do lucro, para fins de Imposto sobre a Renda – IR das pessoas jurídicas, autorizando a dedução em dobro do valor dispendido com projetos de formação profissional. Os projetos deveriam ser aprovados pelo Ministério do Trabalho, existia também, a possibilidade de serem executados pelo SENAI e SENAC, mediante contrato.

Foi instituído, em 1976, o Sistema Nacional de Formação de Mão-de-Obra, com o objetivo de aglutinar e estabelecer normas para o desenvolvimento de recursos humanos. E em 1977, foi criado o Programa de Desenvolvimento de Mão-de-Obra – PRODEMO, pelo Decreto nº 80.930, para operacionalização do contrato firmado entre o Ministério do Trabalho e Banco Internacional da Reconstrução e Desenvolvimento, no valor de US\$ 32.000.000,00.

Durante o período da ditadura Militar, observamos que mesmo com o acordo feito entre o governo e agência USAID, para ajudar a implementar um ensino técnico mais eficiente nas relações com as empresas, as expectativas restaram frustradas. As mudanças no ensino técnico eram confusas, misturam-se áreas ministeriais, o Ministério do Trabalho e o Ministério da Educação, procuravam centralizar, cada um para si, as atividades ligadas à formação de mão-de-obra. No final dos anos 70, o ensino técnico começa a cair em descrédito, ficando praticamente abandonado. O ensino vocacional, que teve seu auge no final dos anos 50 e meados dos anos 60, perde a importância na Lei de Diretrizes e Bases de 1971 e sequer é mencionada na LDB de 1996, lei 9394/96.

1.2 - A Orientação Vocacional/Profissional na Atualidade

No início do século XXI, novamente, mudanças ocorrem, enquanto esta pesquisa está sendo realizada, os jornais noticiam mudanças nas leis trabalhistas, palavras como flexibilização e desregulamentação das normas e leis trabalhistas, nem sempre a favor dos empregos ou dos trabalhadores. Mudanças em desfavoráveis a classe trabalhadora, mesmo em países com ampla tradição na defesa dos interesses dos trabalhadores como França e Alemanha têm ocorrido. Trabalhadores europeus tiveram suas jornadas de trabalho ampliadas para até 48 horas semanais, quando já haviam conseguido jornadas próximas há 35 horas semanais e outros benefícios sendo diminuídos ou até excluídos dos contratos de trabalhos.

As exigências para se ingressar no mercado de trabalho nos dias de hoje são muito maiores do que há três décadas, podemos ver isso segundo Arantes (2002, p.68):

O domínio de outros idiomas e da informática são pré-requisitos indispensáveis no currículo de um Profissional que deseja construir uma carreira brilhante no atual mercado de trabalho, que não pode descuidar-se de uma aprendizagem contínua acompanhando as mudanças em sua área específica; imprescindível num mundo globalizado, e sucessivamente transformado por novas descobertas científicas e tecnológicas. O diploma já não é mais considerado garantia de um bom emprego, principalmente quando obtido em faculdades obsoletas e ineficientes, preocupadas quase que exclusivamente em informar seus alunos, relegando a formação para estágios e experiências externas às salas de aula.

A *Orientação Vocacional/Profissional* na atualidade passa novamente por grandes mudanças, mas continuamos por ter diversas teorias como base para a *Orientação Vocacional/Profissional*, todas estas teorias se referenciam em quatro linhas ou correntes básicas, que se formaram durante o século anterior, que são: a-) concepção Determinista: o universo é regido por leis naturais, que independem da vontade e da ação humana; b-) Crítica de Conteúdo Social: fundamentada no materialismo histórico dialético (marxismo), concepção dinâmica da sociedade, que é construída coletivamente pelos sujeitos, que são os verdadeiros sujeitos da história; c-) concepção Fenomenológica: esta começa a se sobrepor a visão positivista a partir de meados do século XX, ainda que admita que haja uma realidade independente do sujeito, propaga que o Eu é determinante da cultura do homem; d-) a Psicologia Transpessoal: acrescenta aos

pressupostos filosóficos e científicos, os discursos artístico e religioso; com preocupações estéticas e espirituais.

Estas quatro visões ou teorias vão trazer suas contribuições e alguns problemas para o desenvolvimento da *Orientação Vocacional/Profissional*. O positivismo contribui ao dar identidade para a *Orientação Vocacional/Profissional*, desligando-a da psicoterapia, pelo empenho em estruturar os pressupostos teóricos, desenvolvendo metodologias de pesquisa e com isso beneficiando o nível científico das pesquisas, diante da formação e informação profissional, que é idealizada, abstrata. Mas, pratica uma psicologia determinista, com ênfase nos aspectos racionais e cognitivos, em detrimento dos afetivos emocionais. Desconsidera o contexto social imediato, mas representa seus interesses, orientação estática, a-histórica (não histórica).

O enfoque é o desajustado e não o saudável, visando desta forma solucionar os problemas, ignorando os elementos integrativos e os processos dinâmicos do comportamento humano.

O materialismo histórico dialético destaca os aspectos sociais, econômicos e históricos do ser humano. Enriqueceu a *Orientação Vocacional/Profissional* com estudos sobre a relação educação, trabalho e sociedade, contextualizando-os historicamente. Destaca as transformações sociais versus mudanças pessoais, também relacionou *Orientação Vocacional/Profissional* com currículo, sugerindo uma metodologia para informação profissional e relacionando cada profissão à estrutura geral do trabalho e sua dinâmica na sociedade capitalista. Conforme diz Ferretti (1988, p.23):

Em geral, as denominadas “teorias sociológicas” de escolha vocacional tendem a explicar as opções dos indivíduos fundamentalmente a partir de sua origem sócio-econômica, à qual é atribuída a conotação de condição de classe social. Nesse sentido, o fato de o indivíduo provir de um dado estrato determinaria suas aspirações sociais e ocupacionais, suas oportunidades de escolarização e de preparação profissional, os limites de sua mobilidade social e profissional e as oportunidades de trabalho efetivo. Tais determinações seriam, ainda, complementadas por outras, de natureza social, relacionadas à etnia, às idéias dominantes da cultura nacional, à origem geográfica (campo ou cidade) e à profissão dos pais.

O materialismo histórico dialético preocupa-se em demasia com questões mais abrangentes, sistema social mais amplo, atribuindo pouca importância ao indivíduo e suas motivações pessoais. Trata o homem do ponto de vista social e econômico, desconsiderando por sua vez o homem psicológico e os aspectos pessoais do trabalho, ou seja, não encara o indivíduo

como agente. A linguagem usada por esta teoria é cáustica, desagradável e contundente. Como podemos ver no trecho final da Ideologia Alemã de Marx e Engels (1984, p. 121):

Para os proletários, ao contrário, a condição de sua existência, o trabalho, e com ela todas as condições de existência que governam a sociedade moderna, tornaram-se algo accidental, algo que eles, como indivíduos isolados, não controlam e sobre qual nenhuma organização social pode dar-lhes o controle. A contradição entre [...] a personalidade de cada proletário isolado e a condição de vida a ele imposta, o trabalho, torna-se evidente para ele mesmo, pois ele é sacrificado desde a juventude e porque, no interior de sua própria classe, não tem chance de alcançar as condições que o colocam na outra classe.

Por estas razões, a visão marxista se mostra suficiente para tratar o porquê e para quê escolher, mas não ajuda na escolha de como fazê-la. Por tratar sempre as questões do ponto vista social, pela luta de classes, e sempre levando em conta aspectos econômicos globais, não conseguem ver questões individuais e mesmo psicológicas.

A Fenomenologia colocou questões filosóficas, chamando atenção para a importância do conflito humano. Levanta questões básicas e profundas sobre a natureza humana, sobre a liberdade e a busca de sentido para a existência humana. A orientação profissional com abordagem fenomenológica apresenta características diferenciadas do trabalho com testes por priorizar a escolha do indivíduo, seus riscos e responsabilidade frente à situação e não o resultado de um teste que tira a responsabilidade e autonomia da pessoa. Desenvolve-se através de sessões focais, ou seja, são sessões de psicoterapia focada, especificadamente, na escolha profissional, desta forma é mais rápida do que um processo terapêutico tradicional. Entretanto, nas sessões são abordados também, diversos assuntos e não só a escolha profissional, apesar de tê-la como norteadora. Sendo necessário, portanto, saber um pouco da vida, das relações, do modo-de-ser, para que seja possível compreender o sentido das coisas e assim clarear as decisões, ampliando a possibilidade da escolha, conforme cita Arantes (1996, p.67):

A Orientação Profissional destaca-se com uma das especialidades da Orientação Educacional, que promove o desenvolvimento humano na área Educacional fundamentada em sólidos conhecimentos teórico-práticos. Na prática, os Orientadores visam através de encontros individuais ou em grupos, promover a sintonia entre os interesses (desejos) e o mercado de trabalho (realidade), por meio de Entrevistas, Questionários e Inventários de Interesse, seguido do Acompanhamento dos Orientandos depois do encerramento do processo. No curso de Psicologia, além das estratégias utilizadas na área Educacional, os psicólogos aprendem a acrescentar a

aplicação de Testes de Personalidade, Inteligência Geral e Aptidões; utilizando os recursos psicoterapêuticos em casos clínicos, quando os problemas psicológicos interferem na formação das Identidades Pessoal e Profissional.

Os orientadores vocacionais que seguem a teoria fenomenológica são criticados pelos seguidores de outras teorias por serem excessivamente indulgentes com os orientados, também recebem críticas por supostamente desconsiderarem o contexto histórico e social imediato, e que muitas vezes o enfoque não é sistemático, e muito menos que é científico. E por isso dá impressão de representar mais uma filosofia do que uma teoria com definição, sistematização e objetividade de pressupostos.

Prestando pouca atenção a métodos e técnicas, torna-se intuitiva e vaga, não oferecendo condições para verificações empíricas. Muitas vezes com linguagem incompreensível para leigos e sua posição não-intervencionista é considerada inexecutável, potencialmente perigosa, com excesso de otimismo e até ingenuidade.⁴

Aqueles que seguem a linha transpessoal procuram incluir um conjunto de forças que podem produzir obstáculos, mas também um outro grupo de forças consideradas saudáveis, criando assim uma sinergia. Esta sinergia pode ser encontrada no Universo e refere-se à ação cooperativa de elementos, que resulta num efeito global e diferenciado, melhor do que todos os elementos, se tomados separadamente. Desta forma, atuando nesse nível, rasga-se a unidade fundamental do ser, sua essência perene. A Psicologia Transpessoal é anunciada como a quarta força da Psicologia, segundo Saldanha (1999, p. 33):

A quarta força anunciada foi a Psicologia Transpessoal, inicialmente chamada de trans-humanista, termo criado por Julian Huxley em 1957 e que ainda hoje é mantido em algumas universidades do Canadá.[...] Victor Frankl, Stanislav Grof, James Fadiman e Antony uniram-se a Maslow e oficializaram em 1958 a Psicologia Transpessoal, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psique, especialmente os caracterizados pela experiência culminante (peak-experience), pela consciência cósmica unitiva, pelo êxtase e plena consciência.

No Brasil, esta quarta força foi introduzida no final dos anos setenta, com rápida disseminação por todo o território. Além dos fundadores citados por Saldanha nomes como

⁴ Crítica com a qual o autor do trabalho não concorda.

Roberto Assagioli, Charles Tart, Chogyam Trungpa Rimpoche, Taartang Tulku, Baba Ram Dass, Daniel Goleman, Pierre Weil entre outros atuaram na pesquisa, na elaboração teórica e na divulgação da visão do mundo na Psicologia Transpessoal, que é a visão do ser humano como um todo integrado, encontrando ligações com várias linhas teóricas do conhecimento, segundo a autora Saldanha (ibidem, p.35):

A Psicologia Transpessoal encontra ligações significativas com os elementos postulados na física quântica e relativista, nas observações de Max Planck, Albert Einstein, Fritjof Capra, David Bohm, na teoria de sistemas de informação, nos estudos das estruturas dissipativas de Ilya Prigogine, na teoria dos campos morfogenéticos, proposta pelo biólogo Rupert Sheldrake, bem como nos recentes estudos em neonatologia, embriologia genética e psiconeuroimunologia.

Os orientadores que seguem as linhas do determinismo ou do realismo, são os que defendem principalmente os princípios do capitalismo e a idéia de que os homens têm a liberdade de escolha, mas colocam a liberdade, tão cara a estes, apenas no campo econômico, tirando-a dos demais como o social e o jurídico; enquanto aqueles de concepção marxista jogam a igualdade apenas para o campo social, isto é, para a economia e para o trabalho, e a liberdade fica para um segundo plano.

Por isso, a visão mais atual deveria se preocupar em escapar do individualismo romântico, como também do criticismo exagerado e de visões únicas e unilaterais. As relações sociais nas quais se encontram as relações de trabalho e econômicas deveria reger o princípio da fraternidade, onde os trabalhos dos sujeitos fossem úteis para o desenvolvimento do trabalho dos outros sujeitos e com isso realmente criar redes de trabalho e interesses sociais. Observando tal princípio amenizariam as atuais relações capitalistas onde o lucro e exploração ainda definem e criam necessidades, que muitas vezes não tem relação alguma com a realidade de determinadas sociedades.

Entre os institutos que hoje trabalham a relação da *Orientação Vocacional/Profissional*, a Academia de Versailles está entre os mais avançados do mundo; segundo o seu Inspetor Geral da Educação Paul Ricaud-Dussarget (1997, p.54):

É preciso dizer, em primeiro lugar, que a concepção de orientação evoluiu muito. De um modo sumário, podemos estimar que em alguns anos passamos de uma visão determinista para uma abordagem educativa. Pensávamos poder definir, com ferramentas que acreditávamos confiáveis, o perfil “do aluno e fazer um prognóstico de seu futuro escolar e social. Essa visão correspondia a um período relativamente estável da história econômica e social. Não é mais o caso. Hoje o futuro é incerto e pouco previsível. Trata-se, então, agora, de dar ao aluno os meios de fazer, ao longo de, toda a sua vida, escolhas realistas e adaptadas”.

Para os membros desta academia é necessário distinguir claramente educação para orientação da escola. E ela deve, sobretudo, possibilitar aos jovens, atualmente no sistema escolar, poderem realizar suas escolhas sucessivas e viver as mudanças que constituirão seu futuro ambiente social e profissional. Fala-se de educação para a escolha, de associar à orientação um novo processo educativo, visando desenvolver nos alunos as habilidades para efetuar escolhas de orientação de modo autônomo e responsável na oportunidade em que terão de fazê-las.

Para que seja possível conhecer os grandes setores de atividades apresentamos alguns ofícios que os compõem: utilizar uma gama variada de descritores para observar e analisar uma atividade profissional; ordenar e classificar as profissões segundo critérios diversos; apreender os efeitos das evoluções das técnicas sobre as atividades profissionais através de alguns exemplos; conhecer alguns dados amplos da economia, começando por aqueles relacionados ao ambiente local; conhecer a organização, as grandes funções e a vida de empresas de portes e naturezas diferentes; identificar as características do mercado de trabalho e as condições de inserção por grandes setores profissionais.

Podemos considerar que o modelo social que se constituiu após a Segunda Guerra Mundial, e que foi amplamente difundido, não pode mais funcionar hoje.

A organização do trabalho e do funcionamento das empresas se modificaram, igualmente: a noção de serviço se generalizou, fazendo com que autores predissessem que estávamos caminhando em direção a uma sociedade na qual grande parte do nosso tempo seria dedicada a outras atividades que não o trabalho, conforme a teoria do Ócio Criativo, segundo De Masi (2000, p.13.):

Esta é uma observação empírica, como feita pelo sociólogo americano Daniel Bell quando, em 1956, nos Estados Unidos, ao constatar que o número de “colarinhos brancos” ultrapassava o de operário, advertiu: “Que poder operário que nada! A sociedade caminha em direção à predominância do setor de serviços”. Aquela ultrapassagem foi registrada por Bell. Ele não a adivinhou ou a profetizou. Da mesma

maneira, eu me limito a registrar que estamos caminhando em direção a uma sociedade fundada não mais no trabalho, mas no tempo vago.

Estas perspectivas nos levam a questionar o papel da *Orientação Vocacional/Profissional*, principalmente sobre o papel da formação contínua que se impõe: ela deve ser baseada num modelo promocional individual ou num modelo de sociedade cognitiva? O desenvolvimento deve repousar unicamente sobre os processos individuais ou igualmente sobre uma organização do coletivo? Há, pois, uma profunda modificação em relação ao trabalho. Mas, quer nos direcionemos a modelos político-econômicos de ultraliberalismo, ou para modelos de proteção do social, podemos pensar que essa nova relação com o trabalho colocará em jogo a individualidade em si.

A formação inicial não pode mais ignorar esse horizonte, e deve preparar os jovens para essa nova situação. O ofício, a atividade profissional é, ainda hoje, central na construção da identidade social, em particular para os homens. Levando-se em conta certas evoluções, podemos questionar sobre a permanência dessa marca. Para simplificar, antes da segunda guerra mundial, havia uma relação simples entre ofício e identidade pessoal. Era pela aprendizagem do ofício que se construía a identidade social das pessoas. Não havia escolha prévia individual. Existiam imposições sociais, familiares, vista como científica através das práticas da psicomетria.

Depois da Segunda Guerra Mundial desenvolveram-se a democratização do ensino e a escolarização da formação profissional, que se integraram à formação inicial sob a responsabilidade do estado. Iniciava-se um período no qual a estabilidade temporária profissional, não apenas do emprego, parecia se destruir, e no qual a evolução de uma profissão era mais rápida que o tempo biológico humano.

Isso tudo traz consequências para o funcionamento geral das empresas. As dependências dos mercados e dos clientes os envolvem na pesquisa de adaptação e flexibilidade. A produção depende da demanda do mercado, que pode variar continuamente, e que por sua vez envolve uma variedade do volume de empregos que tem efeitos sobre a demanda de administrações. Observa-se uma aceleração do ritmo das mudanças tecnológicas que provoca modificações importantes nas situações de trabalho: automatização e perda de postos de trabalho; situações cada vez mais abstratas de controle do processo, de distância do concreto; a rápida evolução das tecnologias requerem modificações também rápidas nas habilidades dos trabalhadores.

As ferramentas tornam-se nômades, é o tempo de tudo portátil. A necessidade da fábrica ou do escritório assim como o espaço de agrupamento num tempo coletivo obrigatório não é mais reclamado pelas características das ferramentas e das pressões materiais. No fundo, a pressão da presença espacial será substituída pela da permanência no tempo. Assim, a formação específica para adequação às mudanças nas atividades serão, cada vez mais, necessárias.

A organização tailorista se ameniza e a importância dos departamentos internos das fábricas diminui. Um novo modelo se desenha em torno das equipes de projeto: reunião de habilidades diversas durante a duração de um projeto. Isto teve efeito, entre outros, de explodir fronteiras, de desfazer territórios internos às empresas, de tornar muito flutuantes os ambientes humanos. O aumento de situações individuais de trabalho fora dos locais da empresa, trabalhos feitos em casa, por exemplo, fará perder a dimensão da proximidade coletiva que marca mais freqüentemente a situação de trabalho ainda hoje.

Quer seja pelo tele-trabalho, ou pelo desenvolvimento da noção de projeto nas empresas, percebe-se que a evolução das situações de trabalho supõe uma redução do quadro coletivo, e reclama, ao contrário, uma responsabilidade, um engajamento que exigirá, cada vez mais, recursos psicológicos pessoais. Podemos, por analogia, tomar por exemplo, o que ocorreu na passagem do modelo rural para o modelo urbano.

A conjunção de todas essas circunstâncias fez com que a situação de trabalho se tornasse bem diferente. Os indivíduos serão, cada vez mais, confrontados com mudanças nas múltiplas áreas: empregadores, atividades, lugares, ambiente humano, ritmos, período de trabalho/período de formação. De uma maneira geral, os enquadramentos coletivos, ligados ao tempo, ao espaço, aos regulamentos, diminuem.

Orientação Vocacional/Profissional quer dizer a escolha de uma profissão que permita a inserção social. Até a metade do século XX, essa escolha era feita essencialmente sobre a base da reprodução social direta, visando uma promoção social. Nos últimos quarenta anos, sobretudo ligaram a orientação à escolaridade. Sobre a base do sucesso escolar, foi justificada a divisão social e uma certa mobilidade social. Insistimos na relação entre o diploma inicial e o nível de inserção, a profissão.

Este último período é, sobretudo, marcado pela aceleração de todas as mudanças, o que torna muito incerta toda projeção individual. O modelo de orientação que repousava sobre a idéia

de uma estabilidade permitia justificar que situação à época era à base de inserção e da trajetória social do indivíduo, todo esse modelo está em vias de se dissolver. Houve uma recomposição do modelo social de orientação.

Segundo os especialistas da Academia de Versailles a expressão “orientação ao longo de toda a vida” resume, em parte, os tipos de problemas que os jovens enfrentarão num futuro próximo. Não serão apenas as questões de orientação que se renovarão sem cessar, mas também problemas de inserção: inserção numa nova empresa, inserção numa nova forma de emprego, inserção numa nova equipe. As pessoas deverão, por diversas razões, reexaminar sua orientação.

Muitos pesquisadores fazem uma ligação entre essa mutação incontornável e seu acompanhamento por uma reavaliação das finalidades educativas na medida em que o trabalho, no sentido clássico, não poderá ser o único organizador do lugar social de cada um. Se essa nova sociedade supõe a passagem de um forte enquadramento do comportamento individual para uma liberação desse comportamento, existe um grande risco, se a educação não tiver feito sua obra de preparar o indivíduo para essa nova forma de autonomia, haverá uma grande possibilidade de se cair num vazio.

A compreensão do conjunto de uma situação será cada vez mais necessária para a condução da ação. De um modo geral, o ensino desenvolve antes uma atitude analítica, enquanto a resolução de problemas do mundo contemporâneo necessita de uma abordagem sistêmica. A concepção subjacente mais difundida entre os adultos, pais e educadores é a da escolha, da escolha séria, feita com conhecimento de causa. Essa escolha, que compromete por muito tempo, supõe que se tenha uma idéia muito clara do que se quer, e que se possa escolher o bom caminho que nos conduzirá a ela. Esse modelo é constituído por elementos de representação e forte simbolismo social: a boa formação, o bom diploma, a boa empresa, o bom contrato.

Essa diversidade de posturas leva em seguida a diferenciar as intervenções na área da educação para a orientação segundo duas dimensões fundamentais: de um lado, as que são de natureza educativa que se distinguem das que são de natureza psicológica e, de outro, as cuja finalidade social é fundamentalmente conservadora e reprodutora por oposição às que visam a auto-determinação e a emancipação do indivíduo.

A atividade do aconselhamento na *Orientação Vocacional/Profissional* inscreve-se num contexto histórico e social determinado, podemos defini-la como um produto desse contexto.

Com efeito, uma organização social, um certo estado das técnicas de produção, um estado de organização da produção assim como do sistema de formação que tornam pertinentes algumas intervenções ou, ao contrário, que as desqualificam. Esses contextos técnico, econômico, social e educativo determinam, assim, num dado momento, questionamentos que não se colocavam antes e que se colocarão, provavelmente, de outra forma ulteriormente.

Dois exemplos permitem ilustrar essa ligação entre o contexto social e práticas de orientação. O primeiro trata da noção de orientação ao longo de toda a vida. O segundo é o da emergência, da idéia de educação para a orientação, como está sendo desenvolvida atualmente na França. Entre as mudanças sofridas pelas práticas de orientação desde seu início nos países desenvolvidos no começo do século, a mais fundamental, foi certamente, a passagem de uma intervenção pontual a uma orientação ao longo de toda a vida. Tal evolução da concepção de orientação não pode ser compreendida sem que se faça referência às transformações da sociedade na qual ela se desenvolve. Antes de tudo, ela é uma adaptação de uma prática social às evoluções sociais.

Neste contexto certos problemas podem aparecer. Esses problemas podem não existir ou aparecer de outra maneira num outro momento ou mesmo aparecer em outro lugar, segundo Guichard (1997, 35 p):

Por exemplo, quando Alfred Binet – o pai da primeira escala de inteligência – escrevia, em 1908, que um dos objetivos da psicologia era “advertir as crianças, desde a escola, sobre as profissões para as quais elas são mais aptas”, é numa organização social que apresenta certas características em que ele se situava.

Primeiramente, essa sociedade não era holista, não era uma estrutura social na qual o peso era colocado na sociedade em seu conjunto, como homem coletivo, uma estrutura social onde cada homem particular deveria contribuir na sua vez, para a ordem global e onde a justiça consistiria em proporcionar as funções sociais em relação ao conjunto.

Essas evoluções e mudanças técnicas e organizacionais eram, entretanto, nitidamente mais lentas do que o são hoje. Podia-se, por consequência, imaginar que se pudesse anunciar a cada criança, desde a escola, os ofícios aos quais lhe conviesse destinar-se. A idéia de construir uma disciplina que determinasse de modo rigoroso a natureza das relações entre os indivíduos e as profissões bem circunscritas e relativamente estáveis não era, então, insensata.

A previsão em matéria de emprego tornou-se, aliás, um jogo estratégico: anunciar que serão recrutados nos anos vindouros possuidores de tal perfil é, de fato, fornecer aos concorrentes informações preciosas. Nesses contextos científicos, técnicos e econômicos, os especialistas do trabalho não podem predizer como será sua evolução. A flexibilidade deverá constituir a norma. Nessas circunstâncias, é claro que o objetivo da *Orientação Vocacional/Profissional* não poderá ser a indicação aos adolescentes das profissões que ele poderá exercer alguns anos mais tarde.

A intervenção que parece mais pertinente no contexto atual é a de preparar o jovem, desde a escola, para essas múltiplas transições que ele deverá viver. Trata-se de fazê-lo adquirir as habilidades necessárias para se representar da maneira mais adequada possível à tarefa de fazer suas escolhas para sua orientação e inserir-se socialmente e profissionalmente. Com isso fazê-los participar ativamente na elaboração e adaptarem-se, segundo Bohoslavsky (2003, p.29):

Corresponde ao senso comum a afirmativa de que a adolescência é um período de *crise, transição, adaptação e ajustamento*. Nas mudanças implícitas na passagem da infância à idade adulta, o indivíduo deve encontrar maneiras diversas de se adaptar a áreas e níveis diversos e encontrará, nesse processo, dificuldades cuja magnitude determinará uma adolescência mais ou menos conflitiva, mais ou menos tensa. Uma das áreas em que esse ajustamento se realizará refere-se precisamente ao estudo e ao trabalho, entendidos como meio e forma de ascender a papéis sociais adultos. Quando esse ajustamento se realiza no plano psicológico, dizemos que o sujeito alcançou sua *identidade ocupacional*.

Da mesma maneira, os professores poderiam sugerir aos alunos que organizassem encontros com profissionais. Isso significaria delegar a responsabilidade dessa organização aos jovens, que preparariam esses encontros e depois explorando com eles as informações obtidas. Permitir ao aluno identificar a origem de suas dificuldades: resultam de seu modo de trabalho, de uma incapacidade para analisar a tarefa que lhe é proposta ou de descobrir seu sentido.

Como já vimos antes o trabalho evolui muito rapidamente em nossos dias. Algumas profissões aparecem, outras desaparecem. Setores que acreditávamos promissores em termos de emprego revelam-se decepcionantes, enquanto outros nos quais não havíamos sequer sonhado apresentam desenvolvimentos importantes e inesperados, como afirma Bohoslavsky (ibidem, p.20):

Atribui-se mais importância à aprendizagem do que congênito. Ao mesmo tempo, o avanço da tecnologia exige os pais da responsabilidade de estimar quais são os “engenhos” de seus filhos. Essa “tecnologia” psicológica supõe que se possa observar as diferenças entre os indivíduos de uma forma definitiva. Ao mesmo tempo, ninguém vacilaria em afirmar que existe uma complexidade social maior, a qual permite que as possibilidades, os campos de trabalhos e as tarefas profissionais estejam muito mais diversificadas e que apareçam novas atividades.

Essa constatação leva a destacar que uma educação para a carreira, como preferem os franceses, não pode limitar-se à situação atual do emprego e das profissões. Uma das questões fundamentais para a inserção profissional de um adolescente de quinze anos é a seguinte: quais atividades profissionais que poderão desenvolver-se ao longo da próxima década?

Diversas pesquisas mostraram o papel da televisão no emprego cotidiano do tempo dos adolescentes. Algumas séries são seguidas de modo privilegiado por populações significativas de jovens. É verossímil que os programas de televisão desempenhem não apenas um papel na formação de estereótipos profissionais, mas que influenciem também as escolhas de alguns jovens. Guichard cita o jornal francês *Le Monde* (22-23 de dezembro de 1996) noticiou o trabalho de uma estudante americana teria mostrado que a difusão da série *Emergência* levou a um aumento de 300% das inscrições em medicina. Do mesmo modo, podemos nos questionar sobre o papel que desempenhamos os Jogos Olímpicos no encaminhamento dos bacharelados para as áreas de Educação Física.

Outra questão relevante cada vez mais influente é a globalização, que os franceses chamam de mundialização e seus efeitos sobre as situações de trabalho, que segundo Yannick Sinbron⁵:

O fato maior é que a economia de mercado foi imposta em âmbito do planeta. Hoje, a discussão não é mais entre a livre troca e o protecionismo, mas sobre as condições e com quais regras do jogo social a livre troca pode funcionar? Segundo fato, vivemos numa economia global mundializada. Não é uma grande descoberta. É claro que a passagem da economia da esfera doméstica à esfera internacional é uma evolução constante e irreprimível da humanidade desde a noite dos tempos. Mas em torno dessa economia mundializada, há alguns destaques a fazer: Meu último destaque geral é que uma das conseqüências é que, por todo lado, o social explode. Todas as relações

⁵ Diretor do Bureau Internacional do Trabalho na França - BIT

mundiais o indicam. Há um crescimento das desigualdades, não apenas entre as regiões ricas e pobres, os países ricos e os pobres, mas no interior de cada país, de cada região. As desigualdades também aumentaram assim os ricos tornaram-se mais ricos e os pobres mais pobres.

É preciso lembrar que nos primeiros tempos da industrialização reunir todos os operários na fábrica permitia uma melhor divisão de trabalho, supervisão mais eficiente, uma ligação completa do operário à sua tarefa. Um dos problemas que o capitalismo enfrentou consistia em fixar a instabilidade operária. Conseguiram sedentarizar os operários nômades pela instalação de infra-estruturas sociais junto aos grandes parques industriais.

Atualmente, o cenário que se apresenta aos trabalhadores está muito modificado. As grandes empresas libertaram-se dos problemas de localização. É provável que cheguemos a assistir ao desenvolvimento de uma nova geração de tele-trabalhadores: os nômades eletrônicos que trabalham nas redes passando de um *site* eletrônico a outro. Acredita-se que serão centenas de milhões nos próximos anos.

Considerando as diferenças diferentes concepções, contribuições e críticas adotar-se-á neste trabalho a linha teórica baseada na Fenomenologia, com contextualização histórica, realçando a utilização de técnicas psicodramáticas como ferramenta norteadora da *Orientação Vocacional/Profissional*. Deste modo, tratar-se-á no próximo capítulo, do estudo dos principais fundamentos teóricos acerca do Psicodrama, bem como de sua trajetória na relação com a evolução histórica da humanidade a partir do século XX.

CAPÍTULO 2 -PSICODRAMA

O Psicodrama e a Socionomia foram criados pelo espírito inquieto de Jacob Levy Moreno (Bucareste 1889, Beacon - Nova York, 1974). A socionomia que se propõe a ser a nova ciência social se subdivide em três outras: a Sociodinâmica, a Sociatria e a Sociometria. Segundo Arantes (2003, p.40):

Jacob Levy Moreno(1889-1974) foi o criador do Psicodrama, aprimorando o tratamento dispensado aos seres humanos pela Medicina e Psicologia, ao trazer os recursos do teatro para a psicoterapia, recuperando o importante Papel da expressão corporal no processo psicoterapêutico. Compreendeu o ser humano em sua plenitude, cuja Identidade Pessoal é parte integrante de um grupo familiar, social, profissional e espiritual, ensinando Médicos, Psicólogos, Educadores, Pais e Responsáveis, a orientar seus Pacientes, Clientes, Alunos e Filhos numa relação horizontal com o “olho no olho”, e atitudes verdadeiramente democráticas. Moreno criou a Socionomia (*socius* = grupo e *nomos* = regras), subdividida em Sociometria, Sociatria e Sociodinâmica.

Trataremos da Socionomia e suas divisões: a Sociodinâmica, a Sociatria e a Sociometria. Estudar qualquer destas criações de Moreno, de forma isolada dos demais conceitos por ele criados, é quase impossível, por isso nos mais diversos momentos estes conceitos morenianos apareceram entrelaçados como: conceito de Papel, de Inversão de Papéis, Espontaneidade e Criatividade, Dramatização, teatro da Espontaneidade, Role-Playng, Psicodrama, Teste Sociométrico e outros.

A socionomia traz uma nova concepção de homem que passou a funcionar como premissa de toda sua formulação teórica, Nela o homem é considerado um gênio, apenas necessitando aprender a desenvolver esse potencial, dependendo de como lida com a própria espontaneidade. Essa genialidade do homem lhe confere a capacidade de atuar como “Deus” no primeiro dia da criação ao lidar com o caos e ao criar a partir dele. Segundo Bustos (1992, p.18):

É subjacente a toda obra de Moreno um ideal de ser humano, espontâneo, capaz de criar continuamente seu próprio destino. O Eu-Deus próximo do panteísmo não indica delírio. Sugere, sobretudo Deus perdido, ajudando-o a sair do servilismo a falsos ídolos da “Conserva Cultural”. Abrir-se a Deus é sentir-se Deus [...] Quando escreve as Palavras do pai em primeira pessoa[...] convida o outro Deus a um encontro entre

deuses, imperfeitos, mas com a maravilhosa capacidade de criar, que configura sua essência.

Com raízes européias, principalmente Viena capital da Áustria no início do século XX, onde Moreno estudou, mais foi após sua imigração para os Estados Unidos da América, que se envolveu com as Ciências Sociais, sendo influenciado pelo filósofo Martin Buber (1878-1965), que afirmara em sua obra que o senti do eu "é" o "tu", Moreno por esta época havia introduzido o conceito de encontro, e com isso se iniciaram os fundamentos teóricos da psicoterapia de grupo, a terapia pelo encontro segundo as teorias morenianas.

Outra grande influência foi do também filósofo Henri Bergson (1859-1941), que havia introduzido na filosofia o princípio da espontaneidade, que não era aceito nos meios científicos, essa nova postura científica cria um novo paradigma, incluindo a intuição no postulado, segundo Moreno (1997, p.58):

O universo de Bergson não pode começar e não pode repousar, é um sistema em que não há lugar para o movimento. Em sua justificável refutação do conceito intelectual e matemático do tempo, ele foi longe demais. Com o relógio, com a medição de um momento mecânico, ele também excluiu o momento criador. Entretanto, sem um momento como *locus nascendi*, uma teoria da espontaneidade e da criatividade corre o perigo de ficar inteiramente metafísica ou de se tornar completamente automática.

Moreno (1997) propõe a Socionomia, como o projeto de uma nova sociologia, que se preocupa em estudar as formações e tensões sociais no aqui e agora. A formulação dos conceitos que estruturam o corpo teórico da Socionomia numa visão microsociológica permite a pesquisa de grupos com todas as suas propriedades e com sua capacidade de sobrevivência. Atingindo aspectos macrosociológicos promove a pesquisa de sobrevivência, através de recursos inatos ao homem que são a espontaneidade, a criatividade e a sensibilidade.

A espontaneidade vai se tornar a base da teoria de Moreno que, junto com a criatividade e a cultura, constituem partes de um mesmo processo ao coexistirem, o homem nasce espontâneo e deixa de sê-lo por vários fatores, meio ambiente, vida escolar, convivência social e outros. Os obstáculos ao desenvolvimento da espontaneidade encontram-se tanto no grupo mais próximo da criança, chamados de Matriz de Identidade e Átomo Social, quanto no sistema social em que a família se insere.

A Criatividade é a capacidade de conectar os elementos advindos da espontaneidade, que é uma espécie de energia interior com o contexto exterior, e isto vai produzir o que chamamos de criação. Quando esta produção se perpetua através dos tempos seja através de relatos escritos (livros), de utilização de quaisquer outros meios culturais, pintura, escultura, peças de teatro, e outros meios de preservar este ato criador, é o que na teoria moreniana se chama de Conserva Cultural. Segundo Moreno (1997, p.158):

O livro é o arquétipo de todas as conservas culturais - a conserva cultural por excelência. Em essência, existiu muito antes da invenção da imprensa, nos volumes manuscritos dos mosteiros e nas conservas mnemotécnicas dos monges budistas. O livro talvez tenha sido o mais importante fator, individualmente considerado, na formação de nossa cultura. A conserva cultural propõe-se ser o produto acabado e, como tal, adquiriu uma qualidade sagrada. Este é o resultado de uma teoria de valores geralmente aceita. Os processos levados a seu termo, os atos finalizados e as obras perfeitas parecem ter satisfeito mais a nossa teoria de valores que os processos e coisas que permanecem inacabadas ou em estado imperfeito. Essas idéias de perfeição foram associadas à própria de Deus.

Todo resultado de um processo de criação ou de um ato criador pode cristalizar-se como Conserva Cultural, para que a Criatividade se manifeste é necessário, segundo Moreno, que as conservas culturais constituam somente o ponto de partida e a base da ação. Se a humanidade prostra-se ao que o espírito humano já produziu e permanecesse neste estado, com certeza a Espontaneidade seria perdida.

Como dito anteriormente a Socionomia possui três grandes ramificações, que têm em comum a ação dramática, como elo de ligação: a Sociodinâmica, a Sociatria e a Sociometria.

Sociodinâmica é a ciência da estrutura dos corpos sociais, onde estão as leis que evidenciam a dinâmica dos grupos humanos, através das técnicas de interpretação.

Sociatria é a ciência da medida do tratamento dos sistemas sociais, onde estão os métodos de intervenção como; psicoterapia, Psicodrama, Sociodrama.

Sociometria é a ciência da medida dos relacionamentos humanos. É nessa ciência que estão às aferições métricas das relações, através de instrumentos próprios que respeitam a natureza do objeto estudo. Principais instrumentos são: o teste sociométrico objetivo e o teste sociométrico de percepção.

Psicodrama provém do grego psiqué (alma) e drama (ação, realização). O psicodrama é segundo Moreno (1997, p.17), *“a ciência que explora a verdade dos seres humanos por métodos dramáticos”*. O psicodrama segundo Bermúdez (1970, p.15) *“O psicodrama é uma técnica psicoterápica cujas origens se acham no Teatro, na Psicologia e na Sociologia. Do ponto de vista técnico, constitui em princípio, um processo de ação e interação. Seu núcleo é a dramatização”*. O psicodrama representa também um rompimento na forma de tratamento terapêutico, segundo Moreno (1997 p. 59):

Historicamente, o psicodrama representa o ponto culminante na passagem do tratamento do indivíduo isolado para o tratamento do indivíduo em grupos; do tratamento do indivíduo por métodos verbais para o tratamento por métodos de ação. Desenvolveu uma teoria da personalidade e uma teoria do grupo que é, tanto no espaço analítico como no tratamento, mais profunda, mais ampla e mais econômica do que suas predecessoras. É uma combinação eficaz da catarse individual com a coletiva, da catarse de participação com a de ação.

Por utilizar recursos cênicos e dramáticos como ferramenta de objetivação de subjetividades, por meio da ação dramática e criação, a dramatização. Estimula a criatividade nas pessoas, mobiliza grupos para vivenciarem a realidade. Por se originar nos jogos, o psicodrama se utiliza dos mesmos como uma atividade que propicia ao indivíduo expressar as criações do seu mundo inteiro, realizando-as na forma de representação de um Papel, pela produção mental de uma fantasia ou por uma determinada atividade corporal. Segundo Arantes (2003, p.88):

Desde que nascemos nós começamos a jogar, e a essência do *Jogo*, em nossos momentos mais prazerosos, está associada à expressão Espontânea de nossos desejos, numa espécie de “pesquisa em ação”, descompromissada com as responsabilidades pessoais, sociais, espirituais e profissionais. O Jogo é inerente à espécie humana envolvendo-nos como um todo integrado entre sentimentos e pensamentos na ação; preparando-nos para a vida. Pelo processo de *Neotenia*, preservamos características infantis, juvenis e um desejo de jogar, presente durante toda a vida, o que justifica a classificação dos seres humanos como *Homo Ludens*, proposta por Huizinga.

A utilização do jogo na dramatização é proporcionar ao ator uma visão dos pontos de vistas de outras pessoas, pois o jogo cria uma atmosfera mais permissiva que propicia novas formas alternativas de conduta podendo assim fugir da resposta única e estereotipada de uma

conserva cultural. E podendo dar assim respostas novas, livres mais espontâneas, pois o jogo dramático deixa o indivíduo num campo mais relaxado de conduta.

Com esta possibilidade, o conceito de papéis no jogo dramático se tornou simples e esta idéia levou Moreno ao teatro de improvisação e ao teatro terapêutico, atingindo o seu ponto mais alto na inversão de papéis e por fim no Psicodrama. O contato corporal, terapia corporal, treinamento corporal são partes essenciais da situação psicodramática.

No Psicodrama o conceito de espontaneidade sofre uma ressignificação, indo muito além dos conceitos de espontaneidade filosóficos, no psicodrama a espontaneidade e a criatividade, são levadas a conseqüências nunca pensadas antes. A espontaneidade é o motor criativo que dirige o ato criativo, por esta razão o Psicodrama e suas várias técnicas procuram sempre promover a espontaneidade, principalmente a espontaneidade mútua e contagiosa, para que todos do grupo sejam contagiados e com isso a energia possa fluir livremente pelo grupo.

Neste embate entre o que é espontaneidade para o teatro de improvisação e Psicodrama de um lado e a filosofia de outro, Moreno vai elogiar e se contrapor a Bérghson a quem julga o introdutor da espontaneidade na filosofia e também a Pierce que também fez surpreendentes referências a espontaneidade. Os dois são considerados pelo autor como filósofos-espectadores e não filósofos-atores. Segundo Moreno (1997, p.58):

O ponto mais vulnerável nas alusões de Bérghson e Pierce à espontaneidade é que elas são respostas generalizadas a situações generalizadas. Mesmo que o verdadeiro significado de espontaneidade pudesse ser descoberto por reflexão pura, seria uma verdade não concretizada e não vivida. A espontaneidade é que produz a espontaneidade, não a reflexão sobre ela. A espontaneidade é que produz a ordem, não as leis que são, em si mesmas, instrumento de uma ordem espontânea. A espontaneidade é que incentiva a criatividade.

Outro embate proposto por Moreno é em relação ao método Stanislavski (1863-1938), ele relaciona Stanislavski a Freud (1856-1939), dizendo que este também tentou fazer com que seus pacientes fossem mais espontâneos. Assim como Stanislavski procurava fazer que seus atores também fossem mais espontâneos nas representações, mas ambos preferiam as experiências intensas do passado. Embora trabalhassem em ramos diferentes segundo o autor eram contrapartes um do outro. Moreno (1997, p.88):

É interessante ampliar a comparação da abordagem de Stanislavski do drama legítimo com o meu Teatro para a Espontaneidade. Stanislavski era um veemente protagonista da conserva dramática, o teatro de Shakespeare, Racine, Moliere e Chekov. A sua maior ambição era reproduzir a obra do autor teatral tão dinâmica e perfeitamente quanto possível. Ele ponderou sobre o modo como inventar meios pelos quais pudesse libertar o organismo do ator de clichês e torná-lo livre e criador para desempenhar. Como um dos meios para prepará-lo, fez uso da improvisação. [...] as inspirações, recebidas daquilo que chamamos, em psicodrama, os estados espontâneos, numa formulação conservada e não criativa, isto é, não criada pelo ator.

Além deste aspecto mostrado no parágrafo anterior, Moreno aponta ainda que Freud falhou em mais dois aspectos, primeiro pela rejeição da religião, não reconhecendo a contribuição dada pelos santos e profetas para a psicoterapia, e também por sua indiferença em relação aos movimentos sociais, como uma grande oportunidade de estudar a estrutura de grupos. Segundo Moreno (1997, p.57):

Marx deixara um vasto campo aberto à crítica, por negligenciar em sua análise social os processos específicos de ação individual. Mas Freud negou-se a transpor os limites do organismo individual. Coube ao psicodrama levar a sério a representação de Deus e traduzi-la em terapeuticamente válidos; e coube a sociometria levar a sério o grupo - como um processo *sui generi* - ampliar e aprofundar dessa forma o âmbito da análise, mais além do qualquer visão que Freud possa ter tido, alguma vez, sobre o assunto.

Para Moreno (1997) qualquer que seja o agente da improvisação ele procura dentro si o estado de espontaneidade, que é entidade psicológica independente. Como sabemos a palavra espontaneidade vem do latim *sponte*, que significa de livre vontade, que se faz por si. O psicodrama define o teatro mais como extensão e da ação do que como sua imitação. Conforme Moreno (1997, p.86):

O agente da improvisação, poeta, ator, músico, pintor, encontra seu ponto de partida não fora, mas dentro de si mesmo, no “estado” de espontaneidade. Este não é algo permanente, algo estabelecido e rígido como são as palavras escritas ou as melodias; é, contudo fluente, de uma fluência rítmica entre altos e baixos, que cresce e desaparece gradualmente como atos da vida e, no entanto, é diferente da vida. É o estado de produção, o princípio essencial de toda experiência criadora. Não é algo dado, como as palavras e as cores. Não está conservado nem registrado. O artista improvisador deve ser “aquecido” deve fazê-lo galgando a colina. Uma vez que tenha percorrido o caminho ascendente até ao “estado”, este se desenvolve com toda a sua potência e energia.

Sempre com o intuito criar uma ciência das relações sociais, que servissem de interligação para as diversas manifestações de fenômenos sociais e humanos; e com isso possibilitar uma maior intersecção do indivíduo com o coletivo. Desta forma, consubstanciar sua crítica às ciências tradicionais. Buscou no teatro a sua inspiração para desenvolver esse novo modelo científico; um novo tipo de teatro, onde se pudessem encenar a vida atual, um tipo de teatro do improviso ou o Teatro da Espontaneidade. Deste teatro, o psicodrama herdou quatro regras básicas:

1. A produção total de uma sessão, os acontecimentos, ação e diálogos, tanto no grupo como na cena, são considerados como o fio diretor da continuação e da análise do tratamento e não se dispõem nem de um manuscrito de uma peça pré-concebida. Toda produção no presente é a única instância decisiva e todo passado se exprime de alguma forma na produção atual.
2. A produção é orientada para o presente e não para o passado.
3. A regra de livre-associação é substituída e contida pela regra da livre-atuação.
4. O divã bidimensional da psicanálise é substituído por um espaço tridimensional.

A filosofia do momento, que embasa toda a teoria e prática psicodramática, foi conseguida através de sua observação do potencial criativo humano. Segundo Arantes (2003, p.41):

Foi na complexidade das ações que Moreno definiu o Psicodrama como um método ativo, visando a formação integral do ser humano, incluindo a espiritualidade. Moreno foi marcado por uma profunda experiência religiosa no *Hassidismo*, religião com origens no *Sufismo* e na *Cabala*, sendo a Cabala uma teosofia judaica (538 a.C.), e o *Sufismo* uma doutrina filosófica secreta (800 d.C.). A formação médica de Moreno contribuiu para reduzir seu misticismo a criações mais concretas, como o Psicodrama e a Sociometria, sem eliminar a grandiosidade de seus sonhos espirituais, com a humanidade desenvolvendo a *Criatividade* e *Espontaneidade* para alcançar um equilíbrio psicológico universal.

Moreno (1997) foi um profundo observador da Natureza humana se expressando em seu *status nascendi*, as ruas praças de Viena no início do século XX foram seu *locus*. Por *status nascendi* compreendemos o desenvolvimento e o *locus* como lugar. A matriz é como uma

placenta social que atende suas necessidades fisiológicas, afetivas, sociais e espirituais. Estas três coordenadas marcam a dinâmica que estrutura toda a tarefa dramática.

O símbolo de uma matriz definida transmitirá uma determinada estrutura que projetará sua maneira especial de ver o mundo. Segundo Moreno (1997, p.49) *“O caminho mais curto para chegar à essência de uma idéia é explorar como foi concebida e anunciada pela primeira vez.”* O lócus do psicodrama foi o teatro (Komoedien Haus, Viena), e deste saem todos os seus elementos, inclusive o fato de estar projetado para iniciar e terminar em uma só sessão.

O que hoje se denomina Psicodrama, é na verdade toda dramatização, que utiliza certa ordem técnica, embora os objetivos metodológicos e suas modalidades operacionais se apresentem com infinitas possibilidades de aplicação. Isto acontece por que algumas de suas propostas se generalizaram, e muitos de seus seguidores foram desenvolvendo suas próprias práticas e suas próprias reflexões, continuando desta forma o que Moreno iniciou. É comum encontrarmos atualmente na bibliografia disponível a palavra Psicodrama adjetivada de diferentes formas, para distinguir as diversas acepções do mesmo fenômeno que ocorre na dramatização. Outras vezes, a adjetivação indica o campo de aplicação: educacional, institucional, didático, clínico, grupal, individual, de casal, de família, etc.

O mundo psiquiátrico é dividido por Moreno em três domínios: a-) psiquiatria de confissão; b-) psiquiatria shakesperiana; c-) psiquiatria maquiavélica. O autor traz como exemplo da psiquiatria de confissão a psicanálise, da psiquiatria shakesperiana o psicodrama, por tratar e pesquisar a verdade através de métodos dramáticos e contribui não para a forma, mas para o conteúdo dessa terapia. E como exemplo de psiquiatria maquiavélica são as terapias pelo eletrochoque, pela insulina e pela lobotomia. É chamado de maquiavélica pelo fato de Maquiavel (1469-1527) recomendar muitas vezes os métodos mais cruéis na condução das relações humanas.

2.1 - Instrumentos do Psicodrama

O psicodrama é um arcabouço teórico complexo, constituído por cinco instrumentos fundamentais; o Diretor, protagonista, egos-auxiliares, palco/cenário e o auditório. Com estes

instrumentos, opera-se em quatro etapas: aquecimento, dramatização e comentário ou análise e comentários complementares, levando-se em conta três contextos o social, dramático e o social.

2.1.1 - Protagonista

É o ator central da dramatização. O termo protagonista vem do teatro grego e significa etimologicamente, aquele que se oferece à ação em primeiro lugar, é aquele que se oferece a sofrer e morrer a serviço dos outros. As duas concepções são instrumentalmente válidas. O protagonista segundo Moreno(1997, p.17):

É solicitado a ser ele mesmo no palco, a retratar seu próprio mundo privado[...] Ele tem que atuar livremente, à medida que as coisas lhe acodem à mente; é por isso que tem de lhe ser concedida liberdade de expressão e espontaneidade. Em grau de importância, o processo de representação segue-se à espontaneidade. O nível verbal é transcendido e incluído no nível de ação. Existem muitas formas de representação, simulação de estar desempenhando um papel, passagem ao ato (acting out) ou representação de uma cena passada, vivenciar um problema atualmente premente, criando vida no palco ou testando-se a si mesmo para o futuro.

Exige-se dele que se represente a si mesmo no cenário, que esboce seu próprio mundo, que seja ele mesmo e não um ator de teatro que sacrifique seu próprio eu para o papel que o dramaturgo escreveu. Os protagonistas desenvolvem maiores habilidades ao assumir papéis e se libertam das velhas atitudes e papéis cristalizados, tornando mais autênticos e abertos. À medida que o protagonista experimenta outros papéis na situação dramática, começa a mudar os sentimento e pensamentos em seus novos papéis, passando a ver o mundo de forma diferente e a olhar para a própria vida a partir de uma nova perspectiva.

Por apresentar novas situações e temas, exige do grupo e do protagonista muita atenção para que se responda adequadamente a estas situações; com propicia a emergência maximizada da espontaneidade, na criação desses novos comportamentos.

2.1.2. – Diretor

O termo diretor para o psicodrama tem origem na terminologia teatral considerava o papel de diretor como o de orquestrador ou facilitador do fenômeno teatral, tanto no aspecto da encenação quanto na tarefa da direção de atores, Moreno (1997, p.19):

Ele (diretor) tem três funções: produtor, terapeuta e analista. Como produtor, tem que estar alerta para converter toda e qualquer pista que o sujeito ofereça em ação dramática, para conjugar a linha de produção com a linha vital do sujeito e nunca deixar que a produção perca contato com o público. Como terapeuta, atacar e chocar o sujeito é, por vezes, tão permissível quanto rir e trocar chistes com ele; às vezes, poderá ser passivo e indireto, e a sessão, para todos os fins práticos, parece ser dirigida pelo paciente. Enfim, como analista, poderá complementar a sua própria interpretação mediante respostas provenientes de informantes no público, marido, filhos, amigos ou vizinhos.

No psicodrama o papel do diretor não é como na psicanálise o de ouvinte tranqüilo e passivo, ele tem a função de promover no paciente a produtividade, ele interagirá com o paciente-ator, pois na atuação psicodramática esta luta é necessária. Além disso, o diretor psicodramático precisa estar atento ao desenvolvimento do grupo, facilitando o estabelecimento de redes sociométricas. Para que isso ocorra à necessidade de que seja estabelecido um forte vínculo dos membros do grupo com o protagonista.

O diretor psicodramático não pode se satisfazer em observar o paciente como já vimos no parágrafo anterior e se limitar a transpor em linguagem clara e científica o comportamento simbólico deste, mas com a ajuda dos egos-auxiliares que terão papéis como meio participante e meio observador, para que o paciente-ator possa se desenvolver no psicodrama.

2.1.3. - Ego-auxiliar

No psicodrama considera-se indispensável a função do ego-auxiliar, como elemento necessário à compreensão do processo interpessoal que se desenvolve no cenário. A função do ego-auxiliar é de “ator” que representa pessoas ausentes, como elas aparecem na vida privada do protagonista, segundo as percepções que tem dos papéis íntimos ou das figuras que dominam seu

mundo. Podendo este ser desempenhado por um ego-auxiliar espontâneo ou por um ego-auxiliar profissional. Para Moreno (1997, p.19):

Estes egos-auxiliares ou atores terapêuticos têm duplo significado. São extensões do diretor, exploratórias e terapêuticas, mas também são extensões do paciente, retratando as personagens reais ou imaginadas de seu drama vital, As funções do ego-auxiliar são triplas: a função de ator, retratando papéis requeridos pelo mundo do paciente; a função do agente terapêutico, guiando o sujeito; e a função do investigador social.

2.1.4. – Auditório

Um dos aspectos essenciais da platéia e ressoar de forma comprometida, aquilo que está acontecendo no cenário. No psicodrama, a platéia tem duplo objetivo, ajudar o protagonista e transformar-se ela mesma em protagonista, pois de acordo com a teoria moreniana, cada um dos papéis desempenhados no cenário pertence àquele que o desempenha, mas é também um papel de que participam todos que integram o grupo como platéia, suas reações são tão improvisadas quanto as reações do protagonista. Segundo Moreno (1997, p.19):

Este se reveste de uma dupla finalidade. Pode servir para ajudar o paciente ou, sendo ele próprio ajudado pelo sujeito no palco, converte-se então em paciente. Quando ajuda o paciente, é um sólido painel de opinião pública. Suas respostas e comentários são tão extemporâneos quanto os do paciente e podem variar desde o riso ao violento protesto [...] Quando o público é ajudado pelo sujeito, assim se tornando o próprio sujeito, a situação inverte-se. O público vê-se a si mesmo, isto é, um de suas síndromes coletivo é retratado no palco.

O aquecimento feito pelo protagonista, para apresentar os seus problemas, serve também para aquecer o auditório, e a se identificar com ele, entram em contato direto entre si. O público divide com o protagonista suas próprias preocupações, como ele dividiu as suas com eles, e aos poucos atingem a catarse, o grupo fica em efervescência e aí entra a arte do diretor para encontrar junto ao grupo o ponto de equilíbrio.

Podemos dividir o aquecimento em específico e inespecífico: o aquecimento inespecífico serve para que o diretor num primeiro momento entre em contato com o grupo, para o estabelecimento de regras de acordo com o jogo escolhido, para designar os papéis que cada

participante irá desenvolver, serve também como primeira preparação da delimitação do campo de ação tanto do jogo como dos jogadores e indica quando a espontaneidade começa a vigorar.

Por sua vez o aquecimento específico é direcionado para o contexto psicodramático, é estimulado através de vários métodos, auto-apresentação, troca de papéis, método do espelho, solilóquio e outros mais; para a construção do papel, facilitando seu desempenho e tem por objetivo transformar o paciente em ator de teatro, é neste momento que ele escolhe o nome idade, profissão local, época. Para que possa ter uma percepção mais clara do que é na vida real enquanto atua no palco.

Após o aquecimento começa a dramatização propriamente dita, a dramatização começa com a primeira cena. Sendo a segunda etapa do Psicodrama a dramatização é o ponto principal da teoria moreniana, pois é quando podemos observar a atuação e evolução dos participantes, o grau de espontaneidade e criatividade de cada um.

É neste segundo tempo da ação psicodramática quando o protagonista representa no contexto dramático os dramas pessoais de seu mundo interno, que convivem com ele desde o passado, no presente e possivelmente em épocas futuras, sendo, portanto uma ótima oportunidade para que o protagonista protegido no contexto da sessão psicodramática se examine. E desta forma conscientizar de conflitos, conhecerem dificuldades e preparar possíveis soluções.

No Psicodrama a dramatização é o principal método para o autoconhecimento, para podermos resgatar a espontaneidade e entrar em contato com seus conflitos que permaneciam em estado inconsciente até então e com a utilização de todos os instrumentos e técnicas disponíveis no Psicodrama, para proporcionar que o protagonista desempenha com espontaneidade, papéis que eram representados pelo protagonista sem convicção.

Os comentários realizados após a dramatização, pelos participantes do grupo, é a fase que encerra o procedimento do Psicodrama. É importante que todos sejam ouvidos pode ser desdobrada em um momento anterior que é o compartilhamento, em que os participantes do grupo, abandonam seus papéis e conversam sobre o trabalho realizado e expressam suas opiniões sobre o que sentiram. Após este momento é feita uma análise, que é o momento dos comentários terapêuticos e também das interpretações pessoais.

Com a participação do diretor e dos egos-auxiliares, o grupo comenta tudo o que sentiu, e não se prenderá a observações de ordem técnica, muito menos a crítica de comportamento, o

grupo expressará suas emoções do modo como a dramatização atingiu seus sentimentos, levando-as em conta e refletindo sobre elas. Além destes comentários e análises, pode ainda haver comentários complementares, segundo Arantes (1993, p.115): *“também de comentários, efetuada pelo diretor e egos-auxiliares, sem a presença dos outros elementos do grupo, onde se discute a sessão mais particularmente”*; esta proposição é fundamentada em experiências pessoais e na observação das atividades de outros psicodramatistas. Isto poderá auxiliar a minimizar a situação problema do grupo.

2.1.5. - Palco/Cenário

É o espaço virtual onde se compõe o drama e a cena presente no íntimo do protagonista. Todas as pessoas carregam dentro de si um cenário imaginário, onde transcorrem e são registrados os atos de sua vida. O palco psicodramático permite recriar esses atos por meio do desempenho dos papéis próprios e complementares.

O palco é um espaço multidimensional com ou sem cenário e móvel onde ocorre a ação dramática. Ele é montado em função das necessidades de andamentos das cenas psicodramáticas. Assim uma almofada poderá representar um automóvel, uma linha imaginária traçada entre dois pontos poderá ser uma parede. A tarefa do palco psicodramático é fazer com que liberemos energias e nos unamos ao homem cósmico.

O conceito psicodramático de palco difere daquilo que um mero tablado pode implicar. Nesse espaço, mesmo quando nele se desenvolve, no âmbito manifesto, um acontecimento do cotidiano do protagonista, ele sempre enquadra o que vai aparecendo de uma maneira característica. O que acontece é sempre como se fosse a realidade e agora é representado dramaticamente. Para Moreno (1997, p.17):

O palco proporciona ao paciente um espaço vivencial que é flexível e multidimensional ao máximo. O espaço vivencial da realidade da vida é amiúde demasiado exíguo e restrito, de modo que o indivíduo pode facilmente perder o seu equilíbrio. No palco ele poderá reencontrá-lo [...] O espaço cênico é uma extensão da vida para além dos testes de realidade da própria vida. Realidade e fantasia não estão em conflito; pelo contrário, ambas são funções dentro de uma esfera mais vasta - o mundo psicodramático de objeto, pessoas e eventos.

O cenário tem a vantagem de poder apresentar uma situação em três dimensões, enquanto que a poltrona ou o divã tradicionais não oferece essa possibilidade. Por não haver necessidade de grandes espaços, nenhuma sofisticação ou mesmo edifícios preparados, pode acontecer numa sala de aula, sala de reunião, num salão ou qualquer outro espaço, o que prevalece é a união circular, o entrosamento dos componentes que poderão se comunicar frontalmente. Mesmo com toda essa liberdade ficou famosa a briga de Moreno com Kiesler. Segundo Marineau (1992, p.90):

Dissemos que Moreno incluiu um modelo de palco em *O teatro da espontaneidade*, Moreno pensava que, principalmente para teatro improvisado, era preciso haver uma estrutura arquitetônica que fizesse eco a seu objetivo de criar um espaço no qual cada pudesse ser parte da ação, no qual cada um poderia ser ator.[...] A idéia de um teatro sem platéia deveria ser burilada nos meses seguintes à publicação do livro. Enquanto isso, o autor decidiu apresentar a idéia de um palco revolucionário numa mostra de novas técnicas teatrais, que teve lugar em Viena pelos fins de 1924. Com a ajuda de um amigo, o arquiteto Hönigsfelt[...] O projeto foi convenientemente apresentado, mas sua apresentação foi ofuscada pelo sucesso de uma outra feita por Fridrich Kiesler,[...] Quando hoje olhemos os dois projetos, podemos facilmente notar tanto suas semelhanças quanto suas diferenças. Moreno não notou. Pelo contrário, ficou furioso e na abertura da mostra acusou publicamente Kiesler de plágio. Criou um grande tumulto e teve que ir ao tribunal explicar a sua atitude.

O Psicodrama pode reunir participantes diversos em um único encontro, da mesma forma, podendo ser realizado com grupos homogêneos, como escolas ou empresas. Isto faz com que a figura do diretor que coordena as idéias, distribui papéis, define a duração dos mesmos, seja importantíssima. E outra principal função sua é a de manter os limites entre Psicodrama Terapêutico e Psicodrama Pedagógico. Nesse trabalho será enfocado o Psicodrama pedagógico.

2.2 – Contexto

O contexto no Psicodrama tem uma importância única, pois toda ação psicodramática origina-se num contexto social, a sessão psicodramática se desenvolve ainda em outro contexto que é o contexto grupal e estes passos desembocam no contexto dramático.

2.2.1. - Contexto Dramático

O contexto dramático é onde se desenvolve o papel psicodramático, onde ocorre o imaginário e a fantasia; para poder representar inclusive papéis sociais. Neste contexto o tempo será subjetivo e o espaço será virtual.

2.2.2. - Contexto Grupal

O contexto grupal é o que caracteriza as situações e objetivos específicos, no contexto psicodramático que o grupo vai delinear o trabalho e interesses que serão realizados na sessão psicodramática. A partir destes interesses estabelecidos, espera-se que o grupo desvincule-se de modelos sociais, e possa agir com espontaneidade e criatividade.

2.2.3. - Contexto Social

O contexto social é aquele por ser constituído a partir de uma realidade geográfica, e temporal, é o que melhor representa uma comunidade, pois, engloba as instituições pertinentes ao mundo em que vivemos como a escola, a família, a sociedade como um todo com suas normas, regras e padrões.

2. 3 - Psicodrama Pedagógico

No campo pedagógico o Psicodrama, apesar das poucas publicações disponíveis para área educacional baseada na teoria moreniana no Brasil, têm inúmeras contribuições e muitas possibilidades de aplicações do método e de técnicas psicodramáticas, e ser utilizada como um eficiente recurso didático para a aprendizagem, a utilização destas técnicas só vem proporcionar aos alunos a possibilidade de melhorar seus conhecimentos e compreender melhor as suas dificuldades.

Partindo da teoria moreniana que a escola do futuro será aquela que melhor exercitar e formar suas crianças ou alunos de qualquer idade para a espontaneidade. Daí a sua crítica as

concepções de Rousseau, Dewey e Pestalozzi, principalmente por acreditar que os mesmos confundiam espontaneidade com instinto, segundo Moreno (1997, p.198):

O nome de Rosseau está comumente vinculado à mudança na teoria educacional, estimulante no sentido de uma reavaliação dos instintos humanos, mas, apesar disso a sua fé na orientação do desenvolvimento infantil pela natureza foi mais reacionária que progressista. Se os instintos humanos forem abandonados à sua espontaneidade “crua” o resultado dos processos não será a espontaneidade mas, pelo contrário, o produto acabado,. Organizado. A lei da inércia subjugará o começo espontâneo da natureza e tentará aliviá-la de contínuos esforços para o estabelecimentos e conservação de padrões.

Ao estender sua crítica aos seguidores de Rousseau: Froebel, Montessori e outros educadores progressistas de seu tempo, pelo fato de que eles tinham uma idéia limitada do que era espontaneidade, restringindo-a apenas a forma intuitiva e como o fator inato que se apresenta como uma forma de energia em constante transformação, que capacita o homem para enfrentar novas situações e também criar novas respostas as antigas situações por isso ele critica o currículo das escolas que não possibilitam ao homem criar continuamente, Moreno (1997, p.199):

O problema de um currículo para as escolas lúdicas tem de reconsiderar três elementos. Primeiro: o antigo hábito de cercar a criança com brinquedos acabados ou com materiais para a montagem de brinquedos encoraja na criança a concepção de um universo mecânico, do qual ela é o único e desinibido senhor; a crueldade e a falta de simpatia que as crianças manifestam amiúde em relação aos seres vivos devem-se a uma prolongada ocupação com objetos inanimados. Segundo: o currículo deve ser parcialmente ampliado mediante a adição de todas as matérias que são oferecidas ao aluno mediante a o aluno da escola primária e secundária apresentadas num nível correspondentemente baixo. Terceiro: têm de ser inventadas técnicas de ensino dessas matérias de acordo com os princípios de espontaneidade.

Além do Psicodrama, as artes em suas múltiplas formas, pintura, escultura, música, também possuem elementos favoráveis ao crescimento humano. Daí a importância de se unirem a Pedagogia, nessa visão moreniana de desenvolvermos a espontaneidade e a criatividade.

(O Psicodrama através da dramatização estruturou o caminho pedagógico em três tópicos para que a vivência pudesse ser transmitida: a-) *Aproximação intuitiva e afetiva*: neste nível a dramatização é real e surge da experiência ou dos dados de referência; b-) *Aproximação racional*

ou conceitual: neste nível a dramatização é simbólica; c-) *Aproximação funcional*: neste nível a dramatização é da fantasia. Segundo Arantes (1993, p.141), “a dramatização permite uma reorganização das experiências individuais num nível social, no aqui e agora, recuperando no contexto educacional os aspectos afetivos e simbólicos, envolvidos na aprendizagem”.

De acordo com a teoria moreniana a educação depende das ações adequadas criativas organizadas com uma aquisição própria do conhecimento, envolvendo a integração com o meio. Por objetivar uma integração do conhecimento com a ação, no aqui e agora, faz com que o Psicodrama se diferencie dos demais métodos pedagógicos, segundo Courtney (1974, p.45):

Moreno, ao examinar a aplicação de seu método para a educação, especificamente a espontaneidade, considerava que seu exercício pode ajudar tanto o aprendizado formal quanto social. As implicações educacionais da técnica psicodrama, mais que puro jogo espontâneo, são também importantes. O processo de aquecimento é uma técnica educacional válida em muitos aspectos da educação.

Por não ter o propósito de trabalhar características terapêuticas os educadores que se utilizam das técnicas psicodramáticas na educação devem se atentar aos objetivos pedagógicos deixando os objetivos terapêuticos para o Psicodrama Terapêutico, porém como já vimos anteriormente a utilização de dramatizações, acabará por trazer alguns benefícios terapêuticos indiretos aos alunos.

Na utilização das técnicas do Psicodrama na *Orientação Vocacional/Profissional*, estes benefícios terapêuticos também ocorrerão, porém, enquanto consequência natural. E a utilização destas técnicas da teoria moreniana, devem sempre levar em conta os contextos grupais e dramáticos a partir do contexto social a que pertencem os participantes.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo trata da metodologia aplicada à pesquisa neste trabalho sobre *Orientação Vocacional/Profissional*. Inclui a descrição do perfil dos participantes envolvidos, o procedimento e instrumentos utilizados para a obtenção de dados, os critérios adotados para análise e interpretação dos resultados obtidos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com revisão bibliográfica.

3.1 - Problema

Chama a atenção a dificuldade que os jovens demonstram para conseguir se colocar frente ao mundo do trabalho e dos estudos. Esta dificuldade causa diversos transtornos, tanto aos jovens e adolescentes quanto aos pais, educadores e profissionais que atuam na *Orientação Vocacional/Profissional*, pois no desejo de ajudá-los; voltamos nossa atenção para este assunto. Constatamos que se nas gerações anteriores essas dificuldades não foram muito diferentes, porém, a geração atual tem como agravante à velocidade com que as mudanças sociais, econômicas, políticas, profissionais e, principalmente as tecnológicas se processam.

Poucos trabalhos se propõem a fazer um levantamento das várias possibilidades de pesquisas que englobem as questões inerentes a *Orientação Vocacional/Profissional*. As pesquisas feitas com *Orientação Vocacional/Profissional*, quase sempre trabalharam de forma isolada, com apenas uma linha teórica em sua fundamentação, não se preocupando suficientemente em promover o dialogo entre os contextos, sejam eles: sociológicos, históricos, psicológicos e também o espiritual que vem ganhando forças desde as últimas décadas do século XX.

Isto fez com que procurássemos desenvolver este trabalho respeitando a evolução histórica da divisão social do trabalho, suas relações com a dinâmica dos trabalhos e estudos voltados à *Orientação Vocacional/Profissional* enfatizando a Fenomenologia, mais especificamente o referencial teórico psicodramático por ser uma das alternativas pensadas para fugirmos ao uso de fórmulas já desgastadas que aprisionam as respostas as conservas culturais, pois acreditamos que o Psicodrama com sua proposta de desenvolver a espontaneidade e

criatividade, nos ajudará a escaparmos destas respostas padrões, comum aos testes de personalidade, testes psicotécnicos e outras ferramentas convencionais.

3.2 - Objetivos

3.2.1 - Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa qualitativa se fundamentou na revisão da literatura disponível e entrevistas com profissionais que atuam em atividades de *Orientação Vocacional/Profissional* para que por meio dessa pequena amostragem teórica e prática pudéssemos mapear quais os referenciais teóricos existentes e mais utilizados e de que maneira o Psicodrama contribui para a práxis na temática apresentada. A partir desses dados nos propomos a oferecer aos profissionais dessa área elementos que possam indicar novas alternativas relacionadas à *Orientação Vocacional/Profissional*.

3.2.2 - Objetivos Específicos

- a- Pesquisar bibliográfica em bibliotecas e através da internet sobre o tema *Orientação Vocacional/Profissional*.
- b- Analisar histórica das evidências de como as mudanças ocorridas na divisão do trabalho se relacionam e interferem na *Orientação Vocacional/Profissional*.
- c- Proceder a entrevistas com profissionais que atuam na área de *Orientação Vocacional/Profissional*, tendo em vista a atualização e possíveis perspectivas do futuro da *Orientação Vocacional/Profissional*.
- d- Fazer levantamento de como o Psicodrama pode contribuir para os trabalhos de *Orientação Vocacional/Profissional*.

3.3 – Os Participantes

Os participantes selecionados para o estudo são profissionais com experiência na área de *Orientação Vocacional/Profissional* sob a ótica fenomenológica, porém utilizando-se técnicas operacionais diferenciadas.

As entrevistas foram feitas com dois profissionais da área: Um psicólogo e professor universitário de uma instituição de ensino superior pública que orienta projetos de pesquisa e atua na área de *Orientação Vocacional/Profissional* e uma pedagoga com longa experiência na área de *Orientação Vocacional/Profissional* em instituições voltadas para esse campo. Tal escolha se deu pelo fato de ambos apresentarem interesse pela pesquisas e experiências institucionais no tema pesquisado, valorizando dessa forma, a práxis desses profissionais. Ambos aceitaram prontamente o convite à entrevista.

3.4 - Procedimento Para a Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada com entrevistas em situação natural, de maneira espontânea.

Apresentamos aos entrevistados um questionário com dez questões semi-abertas que respeitasse a proposta fenomenológica, sem a utilização de respostas alternativas - múltiplas escolhas, porém trazendo enquanto preocupação na formulação das questões a garantia mínima de respostas que enfatizassem os temas já apresentados, divididas em três eixos temáticos: A linha teórica utilizada na práxis da *Orientação Vocacional/Profissional*; a relação entre a *Orientação Vocacional/Profissional* e a divisão social do trabalho em diferentes épocas e das possíveis contribuições que o Psicodrama pode trazer para os trabalhos de *Orientação Vocacional/Profissional*.

Os documentos entregues foram considerados suficientes e adequados à pesquisa, dado que continham as respostas espontâneas dos entrevistados, trazendo ricas contribuições para a análise da pesquisa.

3.5 - Procedimento para a Análise e Interpretação das Respostas

A análise e a interpretação das respostas das questões seguiram as fases propostas por Bardin (1991): a pré-análise; a exploração do material; o tratamento de resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita, tem por objetivo de tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, para que possamos nos conduzir por um esquema preciso de análise. Esta primeira foi subdividida em três outras que são: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise. No nosso trabalho, refere-se a transcrição das entrevistas. A segunda subdivisão é a de formulação das hipóteses e objetivo que é a análise das respostas e a terceira subdivisão que a elaboração de indicadores, que fundamentaram a interpretação final. Estes três fatores não se sucedem em ordem cronológica.

Já a exploração do material, é a etapa intermediária, que segundo Bardin (ibidem, 101) *“Se as diferentes operações da pré-análise foram convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais que a administração sistemática das decisões tomadas”*. Esta fase que normalmente se apresenta longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação e enumeração do material a ser tratado.

No tratamento de resultados, na inferência e na interpretação, as respostas obtidas foram transcritas na íntegra e sem alterações ou correções, mantendo a mesma estética adotada no original. Os resultados brutos foram tratados para que se tornem significativos e válidos para a legitimação da pesquisa.

3.6 - Índices e Indicadores

Foram adotados como índices de análise os temas emersos nos conteúdos das respostas e como indicadores sua presença ou ausência nos depoimentos.

3.7. - A Exploração do Material

Esta segunda etapa corresponde a uma transformação dos dados brutos dos textos em unidades para expressar seu conteúdo. O tratamento dos textos inclui a especificação de unidades de registro e de contexto, a especificação de categorias de classificação e agregação e a enumeração.

3.7.1 - As unidades de contexto

Para possibilitar a análise dos depoimentos, estes foram divididos em unidades de contexto, correspondentes aos tópicos discutidos nas entrevistas.

3.7.2 – As unidades de registro

Os temas abordados em cada unidade de contexto constituíram as unidades de registro, base da análise, observando-se que tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado.

3.7.3 - As unidades significativas

São identificadas no conteúdo do discurso direto dos entrevistados – CE, que foram traduzidos em discurso indireto sintético e claro quanto aos seus significados inferidos, denominados unidades transformadas – UT.

As leituras, nesta etapa da análise, procuram verificar exatamente o que o participante quis dizer em seus próprios termos buscando tematizar suas percepções e intenções para, em seguida, relacioná-lo a temas incluídos nas categorias estabelecidas.

Foram identificados temas como: Orientação Vocacional/Profissional/, Psicodrama, método tradicional, distanciamento professor-aluno, ansiedade, dramatização, jogos dramáticos, reflexão nas escolhas, avanços tecnológicos, psicologia transpessoal, orientação à distância, fenomenologia, mundo do trabalho, mundo da educação, habilidades cognitivas, organização da

sociedade, escola pública e privada, divisão social do trabalho, inserção social e educação para a orientação.

3.7.4 - As Categorias de Classificação e Agregação

As unidades percebidas nas entrevistas possibilitaram seu agrupamento em nove categorias, segundo os temas abordados.

As categorias identificadas foram:

1. As expectativas gerais em relação a Orientação Vocacional/Profissional.
2. Os fatores pessoais da escolha da profissão.
3. As informações profissionais: os cursos e as profissões.
4. A relevância dos fatores socioeconômicos nas escolhas profissionais.
5. Os fatores referentes à organização/divisão do trabalho na sociedade.
6. O psicodrama e sua relação com a Orientação Vocacional/Profissional.
7. As limitações à liberdade de opção.
8. A necessidade de uma nova perspectiva na Orientação Vocacional/Profissional.
9. *Orientação Vocacional/Profissional* e educação.

3.7.5 - A contagem

A análise tratou da totalidade dos textos identificando e classificando os temas emergentes nas categorias, considerando como critério principal sua presença.

3.7.6 - O Tratamento dos Resultados e Interpretações

Esta fase da análise inclui os procedimentos, as estatísticas, a síntese dos resultados, das inferências e das interpretações dos dados resultantes das fases anteriores. Os procedimentos estatísticos foram restritos ao registro da presença das unidades significativas das categorias. Este

registro encontra-se apresentado na tabela da página 75.

3.7.7 - A síntese a Interpretação dos Resultados

Nesta etapa da análise, se procurou descrever sinteticamente o sentido da comunicação, realçando, num segundo plano, os significados de natureza psicológica e sócio-econômica.

No capítulo quatro apresentaremos a síntese geral das unidades significativas transformadas, análise e interpretação do conteúdo das entrevistas.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

Este capítulo apresenta a análise das entrevistas feitas com dois profissionais da área tratada nesta pesquisa: Um psicólogo e professor universitário de uma instituição de ensino superior pública que orienta projetos de pesquisa e atua na área de *Orientação Vocacional/Profissional* e uma pedagoga com mestrado e longa experiência na área de *Orientação Vocacional/Profissional*, tendo trabalhado em instituições voltadas para esse campo. Tal escolha deu-se pelo fato de ambos apresentarem interesse pela pesquisa e experiências institucionais no tema pesquisado que trariam contribuições para a pesquisa.

4.1 – As Unidades Significativas

As unidades percebidas nas entrevistas possibilitaram seu agrupamento em nove categorias, segundo os temas abordados. As categorias identificadas foram: as expectativas gerais em relação a *Orientação Vocacional/Profissional*; os fatores pessoais da escolha da profissão; as informações profissionais; os cursos e as profissões; a relevância dos fatores socioeconômicos nas escolhas profissionais; os fatores referentes a organização/divisão do trabalho na sociedade; o psicodrama e sua relação com a *Orientação Vocacional/Profissional*; as limitações à liberdade de opção; a necessidade de uma nova perspectiva na *Orientação Vocacional/Profissional* e *Orientação Vocacional/Profissional* e educação

As categorias de unidades significativas e os depoimentos onde foram identificados:

Categoria de unidades significativas = temas	Entrevista A	Entrevista B
As expectativas gerais em relação a <i>Orientação Vocacional/Profissional</i> .	3,5,6,7,8,10	5,6,7,10
Os fatores pessoais da escolha da profissão.	3,4,5,6,7,8	3,6,7,9,10
As informações profissionais: os cursos e as profissões.	3,6,7,8	3,5,6,7,10
A relevância dos fatores socio-econômicos nas escolhas profissionais.	5,6	5,6,7,10
Os fatores referentes a organização/divisão do trabalho na sociedade.	2,3,4,5,6,7,8,9,10	4,5,6,7,9,10

O psicodrama e sua relação com a Orientação Vocacional/Profissional.	3,6,7,8,10	8,9
As limitações à liberdade de opção	3,4,5,6,7	2,4,6,7
A necessidade de uma nova perspectiva na Orientação Vocacional/Profissional.	7,9,10	4,5,6,7,10
Orientação Vocacional/Profissional e educação.	2,3,7,8,9,10	3,4,5,6,7,10

4.2 - Análise das respostas

Pergunta 1: Você segue alguma linha teórica da Psicologia? Qual?

ENTREVISTADO A: Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... 1973 comecei a trabalhar com o psicodrama”. “... 3º ano de Psicologia conheci o Psicodrama no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira de Campinas”

Unidade Transformada – U.T. – O entrevistado conheceu o Psicodrama em 1973, quando cursava 3º ano de Psicologia em estágio no Hospital Psiquiátrico Candido Ferreira em Campinas (SP),

C.E. – “... iniciei um processo de formação na teoria psicodramática, na extinta Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama, que existiu em Campinas de 1972 até meados dos anos 80...”.

U.T. – iniciou sua formação na extinta Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama.

C.E. – “... Comecei a trabalhar com Psicodrama em clínica particular junto com o Professor Joel Giglio”.

U.T. – Trabalhou com Psicodrama em clínica particular.

C.E. – “... tese de Doutorado, aplicando o Psicodrama na sala de aula”

U.T. – Fez doutorado com tese sobre Psicodrama em sala de aula.

Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... Essa é a linha que sigo atualmente dentro da Psicologia, fundamentado no Psicodrama”.

U.T. –Segue a linha psicodramática na Psicologia,

C.E. – “... O Psicodrama se preocupa em atender o indivíduo em grupo, seja na área educacional, organizacional ou mesmo na área clínica”.

U.T. – Escolheu o Psicodrama por entender que este atende o indivíduo dentro do grupo nas áreas específicas.

ENTREVISTADO B: C.E. – “... Eu gosto especialmente da fenomenologia e procuro praticá-la, enquanto linha de referência de trabalho”.

U.T. – Tem preferência pela fenomenologia e procura praticá-la.

Pergunta 2: Por quê você escolheu esta teoria?

ENTREVISTADO A: C.E. – “... Em parte porque eu percebi que o Psicodrama era bastante eficiente, desde a primeira experiência que eu tive no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira, utilizando técnicas do Psicodrama no atendimento de psicóticos”.

U.T. – A escolha se deu após perceber a eficiência do Psicodrama, no atendimento a psicóticos; desde a experiência no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira.

C.E. – “... Percebi como o Psicodrama era eficiente ao lidar com problemas psicológicos, em seguida; comecei a trabalhar em sala de aula”.

U.T. – Ao perceber sua eficiência com problemas psicológico levou o Psicodrama também para sala de aula.

C.E. – “... Fui convidado para trabalhar como professor na disciplina de” Introdução ao Psicodrama”; aplicando-a na área educacional”.

U.T. – Trabalhou como professor da disciplina de Introdução ao Psicodrama.

C.E. – “... Recuperando a ação na sala de aula”. “... O Psicodrama torna mais real o envolvimento do cliente, do aluno e do operário de uma organização, com aquilo que está sendo desenvolvido no trabalho”.

U.T. – Utiliza o Psicodrama na área educacional para recuperar a ação, torna real o envolvimento com aquilo que se está desenvolvendo no trabalho ou sala de aula.

C.E. – “... a Teoria do Psicodrama é muito atraente em função da questão da horizontalidade”, “... diferente da relação vertical estabelecida na teoria psicanalítica, ou teoria comportamental que era vista por mim como um distanciamento entre terapeuta e paciente, entre professor e aluno ou entre patrão e operário”. “... No Psicodrama esse distanciamento deixou de existir, graças a essa perspectiva de relação horizontal estabelecida por Moreno”.

U.T. – Para o entrevistado o Psicodrama é atraente por ser horizontal, difere da relação vertical da psicanálise ou da teoria comportamental visto como distanciamento entre as partes. O Psicodrama acaba com o distanciamento.

C.E. – “... Também considerei importante o Psicodrama se preocupar em recuperar a questão do relaxamento: em sala de aula, na clínica, na organização, ou seja, no sentido de rebaixar a ansiedade, rebaixar o clima de tensão, para um trabalho mais tranqüilo, mais harmonioso até mais bem humorado”.

U.T. – Para o entrevistado o Psicodrama se preocupa com o relaxamento: em sala de aula, na clínica, na organização, rebaixando a ansiedade, o clima de tensão tornando o trabalho mais harmônico e bem humorado.

ENTREVISTADO B: C.E. – “... Concentra-se na pessoa enquanto tal e a respeita, não invade”
“... Investiga significados de atos humanos, escolhas, decisões”.

U.T. – O Psicodrama não invade a pessoa, apenas investiga os significados dos atos humanos.

Pergunta 3: Como você tem desenvolvido o processo de Orientação Vocacional/Profissional?

ENTREVISTADO A: C.E. – “... trabalho com Orientação Vocacional/Profissional também desde 1974, quando eu estava no 4º ano de Psicologia”.

U.T. – O entrevistado trabalha com Orientação Vocacional/Profissional desde 1974, quando cursava o 4º ano de Psicologia.

C.E. – “... Nós iniciamos um estágio no Colégio Bento Quirino aqui em Campinas; por já conhecer técnicas do Psicodrama, tentamos fazer algumas dramatizações em torno da questão da escolha vocacional”.

U.T. – O entrevistado participou de estágio no Colégio Bento Quirino em Campinas; tentou dramatizações na questão da escolha vocacional, por conhecer técnicas psicodramáticas.

C.E. – “... Depois de formado trabalhei com a Orientação Vocacional/Profissional no modelo tradicional, com aplicação de testes: de inteligência, de aptidão e personalidade”. “... Paralelamente fui trazendo aquilo que já tínhamos começado no estágio no Colégio Bento Quirino: a dramatização das escolhas que os orientandos faziam”.

U.T. – Após se formar trabalhou com a Orientação Vocacional/Profissional no modelo tradicional, com aplicação de testes: de inteligência, de aptidão e personalidade; mas introduzindo a dramatização das escolhas para os orientandos como no estágio do Colégio Bento Quirino.

C.E. – “... Ao chegar ao final da Orientação, ao invés de simplesmente passar informações ao nível verbal, tentava dramatizar as escolhas, e com o passar do tempo fui percebendo a possibilidade de tornar esse processo de Orientação Vocacional/Profissional, cada vez mais direcionado para utilização das técnicas do Psicodrama”.

U.T. – No final da Orientação, dramatizava as escolhas em vez de verbalizá-las e cada vez mais direcionava o processo de Orientação Vocacional/Profissional, para as técnicas do Psicodrama.

C.E. – “... Foi quando eu comecei a trabalhar com os alunos do Cursinho DCE-UNICAMP e do Cursinho do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Campinas”

U.T. – Começou a trabalhar com os alunos do Cursinho DCE-UNICAMP e do Cursinho do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Campinas

C.E. – “... a preocupação maior não era tanto com a informação, mas sim com a formação do sujeito através de jogos dramáticos”.

U.T. – O entrevistado se preocupa mais com a formação do sujeito utilizando jogos dramáticos.

C.E. – “... Optei pelos jogos dramáticos por estar trabalhando na Faculdade de Educação”.”... onde os alunos por cursarem Pedagogia e não Psicologia teriam dificuldades de trabalhar com dramatizações”.

U.T. – Ao optar pelos jogos dramáticos na Faculdade de Educação, procurou facilitar para os alunos de Pedagogia, que poderiam ter dificuldades com dramatizações.

C.E. – “... através dos jogos dramáticos tornava-se mais viável para um aluno do curso de Pedagogia esse tipo de Orientação Vocacional/Profissional. Portanto, o Psicodrama, na Orientação Vocacional/Profissional”.

U.T. – Com a utilização de jogos dramáticos tornava mais viável para os alunos do curso de Pedagogia esse tipo de Orientação Vocacional/Profissional.

C.E. – “... tornou-se a base teórica na minha tese de Livre-Docência”.

U.T. – O Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional tornou-se a base teórica de sua tese de Livre-Docência,

C.E. – “... continuo orientando e treinando alunos para trabalhar com a Orientação nessa perspectiva”.

U.T. – O entrevistado continua a orientar fundamentado no Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional.

C.E. – “... Ainda estamos em fase de implantação desse processo envolve uma série de jogos, preocupados com a questão das inteligências múltiplas e com o desenvolvimento do pensamento

reflexivo, no sentido de criar condições para que o orientando tenha condições de fazer a sua escolha sem que haja necessidade de *receitas* de testes de aptidão ou de personalidade”.

U.T. – O entrevistado coloca suas preocupações questões várias como as inteligências múltiplas e com o desenvolvimento do pensamento reflexivo, e que esta implantando processo que cria condições para que os orientandos possam fazer suas escolhas de forma mais livre sem necessidade de “receitas”.

ENTREVISTADO B: C.E. – “... Numa abordagem chamada de Modelo de Ativação do Desenvolvimento Vocacional, de Pelletier et all. Esse modelo inclui – e trabalha – os grandes temas da OP, em 100 atividades/temas diferentes”.

U.T. – O entrevistado utiliza a abordagem chamada de Modelo de Ativação do Desenvolvimento Vocacional, de Pelletier et all, modelo que inclui e trabalha com os grandes temas da Orientação Vocacional/Profissional.

Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... FATORES PESSOAIS: O que eu quero

FATORES AMBIENTAIS: o que eu posso

CONHECIMENTO DE SI MESMO: personalidade, interesses, valores, etc.

MUNDO DO TRABALHO: organização, estrutura, profissões, as mulheres no trabalho, etc

PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES ESCLARECIDAS: estilos de decisão, etc.

MUNDO DA EDUCAÇÃO: percursos, carreiras”.

U.T. – O entrevistado lista alguns temas como: o que eu quero; o que eu posso; personalidade, quais meus interesses, valores, organização; que tipo de estrutura, profissões, as mulheres no trabalho; estilos de decisão; quais carreiras.

C.E. – “... A cada tema está associado o trabalho de desenvolvimento de habilidades cognitivas diferentes. Na seqüência das etapas do processo decisório ou do desenvolvimento de uma pesquisa científica”.

U.T. – Neste modelo, em cada tema desenvolvem-se habilidades cognitivas diferentes; como na seqüência das etapas, do processo decisório ou de uma pesquisa científica.

C.E. – “... Os orientandos saem mais *sabidos*, isto é, com melhor sensibilidade para os problemas e outras muitas habilidades”.

U.T. – Segundo o entrevistado por este modelo, os orientandos saem com melhor sensibilidade para os problemas e outras habilidades.

Pergunta 4: Você concebe a Orientação Vocacional/Profissional, necessariamente relacionada com a organização da sociedade? Como você acha que isto acontece?

ENTREVISTADO A: –C.E. – “... O ser humano é um ser que faz, indiscutivelmente ser e fazer estão relacionados”.

U.T. – Para o entrevistado o homem ser um ser que faz, por isso ser e fazer estão relacionados,

C.E. – “... se o ser humano não faz se sente até alienado em relação à convivência em sociedade”.

U.T. – Portanto se o indivíduo não produz se sente alienado em relação à sociedade.

C.E. – “... designamos a pessoa mais pelo que faz do que pelo que é”.

U.T. – Afirma que costumamos designar a pessoa pelo que faz, que é um médico, um dentista e não que é o Fulano ou Beltrano.

C.E. – “... A sociedade é composta de uma série de pessoas com seus respectivos fazeres”.

U.T. – Que a sociedade é composta por pessoas e seus respectivos fazeres,

C.E. – “... se estiverem bem escolhidos implicarão numa relação de troca mais satisfatória que quando acontece de uma pessoa fazer uma má escolha profissional”.

U.T. – O entrevistado alerta para que as escolhas devem implicar numa relação de troca satisfatória.

C.E. – “... O indivíduo insatisfeito com seu fazer, que não encontra nada de significativo nas suas atividades profissionais tornando-se uma pessoa com dificuldades de relacionamentos”.

U.T. – E quando o indivíduo não está satisfeito com seu fazer não encontrando significado nas suas atividades profissionais, isto dificulta os relacionamentos.

C.E. – “... Gastamos a maior parte de nosso dia com aquilo que escolhemos como uma profissão, portanto se esta escolha for mal concretizada, esta escolha influenciará negativamente todas as nossas relações, sejam profissionais, sociais ou afetivas”.

U.T. – Por gastarmos a maior parte tempo com nossa profissão, se esta escolha for mal concretizada, influenciará negativamente nossas relações, nos vários âmbitos.

C.E. – “... Por isso acredito que a Orientação Vocacional/Profissional tem uma relação muito importante com a construção da sociedade que nós vivemos”.

Unidade Transformada – U.T. – Acredita que a Orientação Vocacional/Profissional é muito importante para a construção da sociedade em que vivemos.

ENTREVISTADO B: C.E. – “... Se existe orientação profissional – e ela muda - é em função das necessidades de uma sociedade”.

U.T. – Segundo o entrevistado a orientação profissional muda em função das necessidades de uma sociedade.

C.E. – “... Na antiguidade, as profissões passavam de pai a filho”. “... Na Idade Média, o primeiro filho era o herdeiro, o segundo militar, o terceiro padre. Até então, a ordem social deveria ser mantida”. “... Na idade contemporânea – século XX – a sociedade mudou sua forma de organizar-se e ao trabalho”.

U.T. – Se na antiguidade, as profissões eram hereditárias. Na Idade Média, só o primogênito era herdeiro, o segundo militar, o terceiro padre, com isso a ordem social era mantida. Somente na idade contemporânea (atualmente) a sociedade mudou sua forma de organizar-se e ao trabalho.

C.E. – “... A concentração das pessoas – trabalhadores – nas cidades, nas indústrias mexeu no esquema conservador, requereu mais trabalhadores qualificados, gerou a criação de escolas profissionais – e de orientação profissional: o melhor lugar para cada um produzir mais.

U.T. – Com a concentração dos trabalhadores nas cidades, as indústrias alteraram o esquema conservador, pois necessita trabalhadores qualificados, de escolas profissionais e, de orientação profissional, para adequar o operário ao trabalho e com isso produzir mais.

C.E. – “... A guerra também: os americanos quiseram colocar cada soldado na função que ele poderia exercer melhor, daí surgiram os testes vocacionais, meramente distributivos numa sociedade fechada, com funções estáticas até por isso esses testes não podem funcionar hoje – em tempos tão diversos”.

U.T. – Segundo o entrevistado as Guerras Mundiais levaram os americanos a colocar cada soldado na função que ele exercesse melhor, surgindo assim os testes vocacionais, que eram meramente distributivos conforme as funções estáticas desta época, não funcionam mais, em tempos tão diversos, é impossível prever o rumo do trabalho e das oportunidades, hoje em dia.

C.E. – “... Hoje é impossível prever qual será o rumo do trabalho e das oportunidades; não há como orientar o jovem para esta ou aquela profissão promissora. Temos que prepará-los para o novo, a mudança, para profissões que sequer existem ainda, para serem “*flexíveis*”.

U.T. – Para o entrevistado ficou difícil orientar o jovem para uma profissão promissora. Temos que prepará-los para o novo, para profissões que sequer existem ainda, para que sejam “flexíveis”.

Pergunta 5: Desde que a Orientação Vocacional/Profissional deixou de ser obrigatória no ensino médio, as classes mais abastadas, que podem pagar uma Orientação Profissional particular, estão sendo privilegiadas?

ENTREVISTADO A: –C.E. – “... as classes sociais menos privilegiadas não têm nem condições de refletir naquilo que seria mais significativo ou não para elas, no sentido de integrar o fazer com ser”. “... São jogados diretamente num mercado de trabalho antes mesmo de terem espaço para refletir sobre essa questão, mesmo antes de alcançar uma idade que lhes permita enxergar o mundo com mais clareza, enxergar o que desejam”.

U.T. – Segundo o entrevistado as classes sociais menos privilegiadas têm dificuldades de refletir o que seria mais significativo para elas, no sentido de integrar o fazer com ser. E são jogados no mercado de trabalho sem refletir sobre essa questão, sem idade suficiente para ver o que desejam.

C.E. – “... As classes mais abastadas estão sendo privilegiadas, principalmente no caso daqueles que tem a possibilidade de fazer uma Orientação Profissional, quando sentem necessidade”. “... grande número de pessoas consegue delinear seus objetivos com clareza sem necessidade de Orientação”,

U.T. – Somente os indivíduos das classes privilegiadas, podem fazer Orientação Vocacional/Profissional, quando necessitam. Isto, por que muitas pessoas conseguem delinear seu objetivo com clareza, sem ajuda de orientadores.

C.E. – “... Aqueles que não têm condições de receber esta Orientação Vocacional/Profissional quando precisam, com certeza serão prejudicados”.

U.T. – Portanto quem não recebe a Orientação Vocacional/Profissional quando precisa é prejudicado.

C.E. – “... se a escolha profissional não for bem realizada, vai acarretar em prejuízos durante toda sua existência, tanto para aqueles que escolheram mal, como aqueles convivem profissional, social e afetivamente com esta pessoa”.

U.T. – Desta forma se a escolha profissional não for bem realizada, acarretará prejuízos durante a existência, daqueles que escolheram mal, como para quem convive com estas pessoas.

ENTREVISTADO B: –C.E. – “... Teoricamente, à primeira vista, parece que sim”.

U.T. – O entrevistado acha que teoricamente sim.

C.E. – “... Não necessariamente. São raras as escolas, mesmo particulares de elite, que mantêm programas decentes de orientação profissional”.

U.T. – Acha que não necessariamente. Pois, são raras as escolas, que mantêm programas de orientação profissional, e que poucos adolescentes, mesmo de classes abastadas, procuram a Orientação Vocacional/Profissional.

C.E. – “... São raros os adolescentes, mesmo de classes abastadas, que procuram a OP. Existem instituições, como o CIEE, que atendem gratuitamente a qualquer estudante que procure o serviço de OP – e a procura é baixa”.

U.T. – Mesmo instituições como o CIEE que atendem gratuitamente aos estudantes a procura por Orientação Vocacional/Profissional é baixa.

Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... Se tão poucos (estatisticamente irrelevante) desfrutam do privilégio da OP”. “... a diferença, em termos sociais, dos que a têm e dos que não a têm, deixa de ter significado”.

U.T. – O entrevistado avalia que se tão poucos (estatisticamente irrelevante) desfrutam da Orientação Vocacional/Profissional, socialmente deixa de ter significado.

C.E. – “... Não acredito que nem 1% dos jovens do ensino médio acesse a OP”.

U.T. – Não acredita que chegue a 1%, os jovens do ensino médio acessem a Orientação Vocacional/Profissional.

C.E. – “... A OP tem perdido o prestígio, pelo que oferece /deixa de oferecer – é pouco eficaz, pouco eficiente, frustra quem a exerce e quem a procura”.

U.T. – Acha, que a Orientação Vocacional/Profissional por ser pouco eficaz, e eficiente, frustra a todos, quem a exerce e quem a procura,

C.E. – “... É confundida com um teste mágico, que pode resolver a confusão, às vésperas do vestibular”.

U.T. – Ainda a confundem com testes mágicos, para resolver a confusão, às vésperas do vestibular.

C.E. – “... De outra forma, se ninguém a tem, que diferença faz? Estão todos em condições de igualdade”.

U.T. – Para o entrevistado, todos estão iguais condições, sem orientação.

C.E. – “... sem orientação, sem informação escolar e profissional, muitos reoptantes, muitos desistentes”.

U.T. – Sem informação escolar e profissional, a desistência dos que procuram Orientação Vocacional/Profissional é grande.

C.E. – “... no cursinho pré-vestibular Nazareno. 100 alunos na sala. 95 não sabem a que curso quer concorrer por uma vaga. Solicitaram que eu desse uma palestra! De 30 minutos! Só posso é esclarecer o que a OP tem a oferecer e oferecer outros serviços / encontro fora do horário de aulas

U.T. – Nos relata que no cursinho pré-vestibular da Igreja Nazareno 95 de 100 alunos não sabe a que curso quer concorrer. Solicitou-lhe palestras de 30 minutos, que só permitiria esclarecer o que a Orientação Vocacional/Profissional. Ofereceu e indicou outros serviços fora do horário de aulas.

C.E. – “... Eu mesma trabalhei mais de 20 anos no Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE”. “... atendia a técnicos (em treinamento) e estudantes (quase de graça ou gratuitamente) em programas bem sofisticados de OP”. “... Os estudantes de escolas públicas sempre foram os primeiros a serem convidados a qualquer evento / programa”.

U.T. – O entrevistado relata que trabalhou por mais de 20 anos no Centro de Integração Empresa-Escola - CIEE. Onde atendia a técnicos em treinamento e estudantes quase de graça ou gratuitamente, em programas sofisticados de Orientação Vocacional/Profissional, os estudantes de escolas públicas eram os primeiros convidados a qualquer evento ou programa.

C.E. – “... Estendemos os estudos e atendimento e capacitação profissional de técnicos voltando nossa atenção a pessoas mais jovens e menos escolarizadas – clientela da ação social – que também tem personalidades / interesses diferenciados”.

U.T. – A capacitação profissional era estendida aos de técnicos e a pessoas mais jovens e menos escolarizadas e a clientela da ação social, que possuem interesses e personalidades diferenciados.

Pergunta 6: Como você percebe a velocidade das mudanças no conceito de trabalho, associada aos avanços contínuos da tecnologia, interferindo nas atividades da Orientação Vocacional/Profissional?

ENTREVISTADO A:–C.E. – “... A velocidade das mudanças em nossa realidade é algo que o ser humano às vezes não tem condições nem de acompanhar”.

U.T. – A velocidade das mudanças em nossa realidade está difícil de ser acompanhada pela humanidade.

C.E. – “... Dizia um colega mexicano que, quando o corpo vai muito depressa a alma fica para trás; eu sempre me recordo disso”.

U.T. – O entrevistado cita uma história que sempre se recorda “Dizia um colega mexicano que, quando o corpo vai muito depressa a alma fica para trás”.

C.E. – “... talvez seja por isso estejamos ficando tão desalmados na sociedade que vivemos hoje”.

U.T. – E conclui dizendo que “talvez se por isso estejamos ficando tão desalmados hoje”.

C.E. – “... o fato é que temos que nos dar conta que esta é a realidade”.

U.T. – O entrevistado adverte que é desta realidade que devemos dar conta, da realidade atual.

C.E. – “... nos preocuparmos em acompanhar tudo que está acontecendo é condição básica”. “... para que possamos nos inserir no mercado de trabalho atualmente, ou você fica de fora”.

U.T. – E que devemos nos preocupar em acompanhar o que está acontecendo, sendo esta a condição básica para nos inserir no mercado de trabalho.

C.E. – “... escolha profissional adequada se o indivíduo não for capaz de acompanhar estas mudanças e os avanços tecnológicos da sociedade atual, a insatisfação vai ser semelhante daquele que fizer uma má escolha profissional”.

U.T. – Mesmo se a escolha profissional for adequada e não conseguirmos acompanhar as mudanças e avanços tecnológicos trará ao indivíduo insatisfação semelhante à daquele que fizer uma má escolha profissional,

C.E. – “... não conseguirá uma inserção adequada no mercado de trabalho, sem aprender a lidar com a realidade como é”.

U.T. – Segundo o entrevistado quem não souber lidar com a atual realidade não conseguirá uma inserção adequada no mercado de trabalho.

C.E. – “... atividades essas que estão envolvidas com mudanças contínuas e avanços tecnológicos”.

U.T. – As atividades estão envolvidas com mudanças contínuas e avanços tecnológicos,

C.E. – “... que tem tornado o mundo bastante diferente daquilo que era em épocas anteriores”, “... tudo caminhava mais devagar, onde não aconteciam mudanças com tanta rapidez”. “... este envolvimento gerar uma situação estressante”.

U.T. – Acha que o mundo atual está muito diferente do que em épocas anteriores, quando as mudanças não aconteciam com tanta rapidez, gerando uma situação estressante.

C.E. – “... temos que aprender a compensar em outras atividades menos estressantes”.

U.T. – O entrevistado fecha esta questão convidando nos a compensar esse estresse em outras atividades menos estressantes.

ENTREVISTADO B: –C.E. – “... A pergunta está formulada de modo interessante, mas equivocado”.

U.T. – O entrevistado começa reparando que a pergunta está formulada de modo interessante, mas equivocado,

C.E. – “... Não é a organização do trabalho que interfere na OP”. “... A OP é um serviço da sociedade a serviço das novas gerações”. “... devem integrar-se à sociedade como cidadãos úteis, produtivos”.

U.T. – Afirmando que a organização do trabalho não interfere na Orientação Vocacional/Profissional, e que esta deve se colocar a serviço das gerações atuais para integrá-las a nossa sociedade, como cidadãos úteis e produtivos.

C.E. – “... A organização social do trabalho e da educação é complexa – cada vez mais”.

U.T. – A atual organização social do trabalho e da educação está cada vez mais complexa.

C.E. – “... Cabe à orientação esclarecer ou encaminhar o esclarecimento dos jovens a respeito dessa organização suas possibilidades, suas promessas, seus custos, etc”. “... proporcionando tomar decisões fundamentadas e esclarecidas”.

U.T. – Segundo o entrevistado cabe à orientação esclarecer, ou encaminhar o esclarecimento, para os jovens a respeito dessa organização e suas reais possibilidades, para que possam tomar decisões mais fundamentadas e esclarecidas.

C.E. – “... Se a organização do trabalho muda, a orientação deve atualizar-se e mostrar essa mudança. Tratar de explicitá-la”.

U.T. – Para o entrevistado se a organização do trabalho muda quem deve mostrar essa mudança e explicitá-la, é a Orientação Vocacional/Profissional.

Pergunta 7: Levando-se em conta essas alterações e/ou transformações rápidas e contínuas no mercado de trabalho e na sociedade como um todo, é possível pensar numa Orientação Vocacional/Profissional que prepare o indivíduo para uma escolha consistente, e coerente com esse ritmo da realidade atual?

ENTREVISTADO A: –C.E. – “... Fundamentados no Psicodrama procuramos criar condições para que essas escolhas sejam realizadas com bastante autonomia, na dependência daquilo que o indivíduo realmente percebe que é”. “... Nem sempre isto é possível”.

U.T. – O entrevistado trabalha fundamentado no Psicodrama procurando criar condições para que aja autonomia nas escolhas, respeitando o indivíduo como realmente ele percebe que é, quando é possível.

C.E. – “... mas é claro que se você escolher uma profissão que você gosta, vai ser mais fácil caminhar adiante”. “... inclusive para acompanhar essas mudanças rápidas e os avanços tecnológicos”.

U.T. – Quando escolhemos uma profissão que gostamos, facilitará o nosso progresso o caminhar adiante, facilitará inclusive o acompanhamento das mudanças e avanços tecnológicos.

C.E. – “... Mesmo diante de uma impossibilidade de alcançar aquilo que você deseja”. “... num mercado tão dinâmico como esse você precisará pelo menos aprender a gostar daquilo que você conseguiu encontrar”.

U.T. – O entrevistado penso que diante da impossibilidade de se alcançar a profissão desejada, precisaremos aprender a gostar do que encontrarmos nesse mercado dinâmico.

C.E. – “... já será um grande passo na forma de lidar com todas essas grandes transformações que nossa sociedade está vivendo”.

U.T. – Que esta flexibilidade será um grande passo para que possamos lidar com as transformações vividas pela sociedade atual.

C.E. – “... amenizando um pouco as dificuldades em relação a exercer uma profissão que não era que você realmente sonhava”.

U.T. – Acha que esta postura amenizará um pouco as dificuldades em exercer uma profissão que não era a sonhada.

C.E. – “... Devemos estar sempre atentos no decorrer do processo, já que, é um processo que dura à vida inteira”.

U.T. – Que precisaremos estar sempre atentos durante este processo, que poderá durar a vida inteira,

C.E. – “... constantemente verificando o que fazer para melhorar, para aprender até a gostar daquilo que a gente faz”.

U.T. – verificarmos o que fazer para melhorar esta relação, se possível aprendermos a gostar do que estamos fazendo.

C.E. – “... mesmo que não tenha sido uma escolha de acordo com nossos desejos mais íntimos”.

U.T. – Mesmo quando a escolha não sido a de nossos desejos mais íntimos

C.E. – “... adaptando-se a essa realidade de tal forma que possamos conviver com um mínimo de equilíbrio nas relações sociais, profissionais, afetivas e espirituais”.

U.T. – Que devemos nos adaptar a esta realidade, para que possamos viver com um mínimo de equilíbrio nas relações sociais, profissionais, afetivas e espirituais.

ENTREVISTADO B: – C.E. – “... Há muito tempo deixei de falar em escolha consistente, pro resto da vida, etc”. “... Não faz mais sentido, num mundo no qual as mudanças, pela primeira vez na história, são tão rápidas que afetam a vida de cada pessoa, ao longo de sua curta existência”.

U.T. – O entrevistado não fala em escolha pro resto da vida. Pensa não fazer mais sentido, quando se vive num mundo no qual as mudanças, pela primeira vez na história, são tão rápidas que afetam as pessoas durante sua existência.

Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... Podemos falar de desenvolvimento da maturidade para escolher – ao longo da vida, em todas as etapas que o solicitarem”.

U.T. – Acha que podemos falar de desenvolvimento da maturidade para escolher, em assistir o indivíduo para que faça escolhas ajustadas ao longo de sua vida,

C.E. – “... Podemos falar em assistir o indivíduo para que faça escolhas estruturais / categoriais – a serem ajustadas ao longo de sua vida, diante de situações concretas”.

U.T. – Que podemos assistir aos indivíduos para façam escolhas e as ajustem diante de situações concretas.

C.E. – “... Qual ramo de conhecimentos você prefere: exatas, humanas, saúde, artes?”. “... qual setor de atividades econômicas: primário? Secundário? Terciário? Quaternário?”.

U.T. – Ajudá-los a descobrir qual ramo de conhecimento prefere, qual setor de atividades econômicas prefere.

C.E. – “... Qual tipo de personalidade o descreve melhor? Em que combinações? R I A S E C?”. “... Que tipo de atividade v. prefere realizar: com pessoas (de relacionamento)? Com objetos (de manipulação)? Com dados (de manipulação)?”.

U.T. – Ajudá-los a descobrir qual tipo de personalidade o descreve melhor. Qual tipo de atividade prefere realizar: com pessoas (de relacionamento); com objetos ou dados (de manipulação)?

C.E. – “... outros critérios importantes para a pessoa, que raramente/difícilmente irão mudar, no macro. Que profissões, que v. conhece / existem hoje, poderiam atender a esses critérios, em conjunto?”.

U.T. – Criar critérios para se questionem quais profissões conhecem das existentes hoje. Como poderiam atender a esses critérios, em conjunto.

C.E. – “... V. seria capaz de inventar uma nova profissão reunindo o atendimento a esses macros critérios?”.

U.T. – Se seriam capazes de inventar possibilidades de profissão reunindo o atendimento a esses critérios.

Pergunta 8: Você conhece a Teoria do Psicodrama?

ENTREVISTADO A: – C.E. – “... é a teoria que eu trabalho que inclusive eu ensino”.

U.T. – Sim conhece, trata-se da teoria que segue na psicologia e que leciona.

C.E. – “... já tive até em época anterior aqui em Campinas uma associação de Psicodrama junto com alguns colegas que se chamava de Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA)”.

U.T. – Participou com colegas de uma associação de Psicodrama que se chamava de Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA) em Campinas.

C.E. – “... iniciamos um processo de formação de profissionais na área de Psicologia, mais voltado para a clínica”.

U.T. – Nesta associação formavam profissionais na área de Psicologia com ênfase voltada para a atuação clínica.

C.E. – “... UNICAMP comecei a trabalhar com Psicodrama Pedagógico na graduação”.

U.T. – Na UNICAMP começou trabalho na graduação com Psicodrama Pedagógico.

C.E. – “... hoje trouxe esta disciplina para a pós-graduação (ED 524 - Psicodrama na Educação)”.

U.T. – Atualmente ministra disciplina para a pós-graduação com esse enfoque (ED 524 - Psicodrama na Educação)

C.E. – “... no sentido de incentivar até as pesquisas com Psicodrama na área educacional”.

U.T. – Com estas atuações espera incentivar pesquisas dos graduando e orientandos com Psicodrama na área educacional.

Conteúdo das Entrevistas – C.E. – “... Esta é linha que eu sigo e acredito que seja a mais eficiente das teorias que conheci dentro da Psicologia”.

Unidade Transformada – U.T. – É a linha que segue e acredita ser a mais eficiente das teorias da Psicologia, dentre as que conhece.

ENTREVISTADO B: – C.E. – “... Sim, de Moreno”.

U.T. – Sim conhece, e o seu fundador que foi Moreno (Jacob Levy Moreno).

Pergunta 9: Como você percebe a atualidade e o futuro próximo da Orientação Vocacional/Profissional influenciada pelos recursos da teoria do Psicodrama?

ENTREVISTADO A: –C.E. – “... trabalhando dentro de perspectivas da chamada de 4ª força na Psicologia”.

U.T. – O entrevistado trabalha atualmente com as perspectivas da chamada de 4ª força na Psicologia.

C.E. – “... Psicologia Transpessoal, assim denominada porque existe uma preocupação com tudo aquilo que transcende o ser humano que nasce, cresce, desenvolve-se entra na velhice e um dia vem a desaparecer através da morte”.

U.T. – Entende que a Psicologia Transpessoal, está preocupada com tudo que transcende o ser humano, do nascimento a velhice e que desaparecerá com a morte.

C.E. – “... A Psicologia Transpessoal preocupa-se também com aquilo que vem antes e com aquilo que vem depois”. “... dessa existência encarnada, ela transcende os limites da realidade terrena da existência encarnada”,

U.T. – Entende que a Psicologia Transpessoal se preocupa também com o antes e o depois, da vida humana na Terra.

C.E. – “... Tenho percebido que, mesmo no meu trabalho com Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional, eu já estou acrescentando esta teoria que vai além das questões profissionais, sociais e afetivas, colocando em pauta a questão da religiosidade”.

U.T. – Percebe que vem acrescentando esta teoria ao seu trabalho com Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional, que vai além das questões profissionais, sociais e afetivas, colocando a questão da religiosidade,

C.E. – “... o ser humano além de pensar, sentir e agir também tem essa questão da espiritualidade presente”.

U.T. – Acredita que o ser humano além de pensar, sentir e agir tem presente a questão da espiritualidade,

C.E. – “... desde que a gente é criança, já temos esse desejo de saber de onde viemos e para onde vamos”. “... O que vem depois da vida? O que existia antes do nascimento? São questões que já estão presentes na infância”.

U.T. – Esta questão de saber de onde viemos e para onde vamos trazemos desde criança.

C.E. – “... acredito que a Orientação Profissional não poderá deixar de envolver esta questão da espiritualidade, presente na teoria da Psicologia Transpessoal”.

U.T. – Acredita que a Orientação Vocacional/Profissional não poderá deixar a questão da espiritualidade, presente na teoria da Psicologia Transpessoal, de lado.

ENTREVISTADO B: – C.E. – “... O Psicodrama parece que tem boas contribuições para um trabalho inicial da OP, recuperando a espontaneidade das pessoas”. “... Tem sido bastante empregado como momento inicial das atividades”.

U.T. – Acha que o Psicodrama tem boas contribuições e tem sido bastante utilizado para o trabalho inicial da Orientação Vocacional/Profissional, pois, recupera a espontaneidade das pessoas,

C.E. – “... desarmando a vontade de responder *certo*, de *ser aprovado*”,

U.T. – entende que o Psicodrama ajuda a desarmar a vontade de responder “certo”, de “ser aprovado”.

C.E. – “... Mas o Psicodrama não dá conta de informar sobre a complexidade da organização do trabalho e da educação em nossa sociedade atual e futura”.

U.T. – O entrevistado entende que o Psicodrama não dá conta de informar totalmente sobre a complexidade da organização do trabalho e da educação na sociedade atual e provavelmente também não dará conta de informar sozinho a sociedade futura.

Pergunta 10: Você tem mais alguma informação a acrescentar?

ENTREVISTADO A –C.E. – “... gostaria de acrescentar uma questão que tem surgido para quem trabalha com Orientação Profissional”. “... gostaria de acrescentar uma questão que tem surgido para quem trabalha com Orientação Profissional Os orientandos têm questionado se vai ser possível uma Orientação Profissional à distância”.

U.T. – Acrescenta uma questão que tem surgido para quem trabalha com Orientação Vocacional/Profissional sobre a possibilidade da Orientação Vocacional/Profissional à distância.

C.E. – “... Eu ainda não pensei muito sobre essa possibilidade, mesmo porque, através do Psicodrama uma Orientação Profissional a distância é algo meio complicado”. “... porque trabalhamos com dramatização, com a ação do indivíduo inserido no grupo”. “... Vai faltar a vinculação transferencial e télica que se estabelece no grupo necessária nessas relações e na Orientação”.

U.T. – Deixa claro que não pensou sobre a possibilidade, mesmo porque, com o Psicodrama a Orientação Vocacional/Profissional a distância é complicada, o uso da dramatização, a ação do indivíduo inserido no grupo, faltaria a vinculação transferencial e télica necessária nas relações psicodramáticas e atrapalharia a eficácia do Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional

C.E. – “... São questões que já estão começando a surgir, e seria interessante deixar registrado no seu trabalho”.

U.T. – O entrevistado pensa ser interessante deixar questões como essas registradas neste trabalho.

ENTREVISTADO B: –C.E. – “... Muitas, mas não sei nem por onde começar”.

U.T. – Acredita ter muitas contribuições.

C.E. – “... Gostaria que o questionário fosse mais específico e longo”.

U.T. – Prefereria um questionário mais específico e completo.

C.E. – “... O que me vem à cabeça, quando leio as perguntas e imagino para onde conduzem é um certo *vício* minimizante praticado na OP: a parte pelo todo”.

U.T. – Ao interpretar as perguntas percebe um certo “vício” minimizante, ou seja a parte pelo todo comumente utilizado na Orientação Vocacional/Profissional.

C.E. – “... A questão da inserção social produtiva de jovens é complexa”.

U.T. – Chama atenção para a complexidade da inserção do jovem como agente produtivo na sociedade atual.

C.E. – “... Cada teoria, isolada, contribui para o esclarecimento de um aspecto da questão”.

U.T. – Atenta para o fato de cada teoria resolveria apenas um aspecto da questão. De que é necessário quebrar estes isolamentos, para podermos ajudar.

C.E. – “... Nem todas juntas dão conta satisfatória do que um jovem qualquer pede / pergunta / solicita / precisa.

U.T. – Afirma que provavelmente nem todas teorias juntas dariam conta de forma satisfatória do que os jovens precisam..

C.E. – “... Seria necessário que a OP acompanhasse todo o percurso escolar”, “... tratando de todos esses temas, pouco a pouco, não deixando pro último *momento*”,

U.T. – Chama atenção para a necessidade que se acompanhe o orientando durante toda a vida escolar, ou mais cedo possível, aos poucos não deixar para o último momento.

C.E. – “... quando não dá mais tempo e o jovem está tão ansioso que é da ansiedade dele que tratamos, não de seu esclarecimento e do desenvolvimento de habilidades para tomar decisões complexas, responsáveis, etc”.

U.T. – Evitando desta forma, pelo acompanhamento constante, a ansiedade que expomos os jovens pela dificuldade de tomar e temos que tratar desta ansiedade, pois ela se torna o maior problema.

C.E. – “... Na França, estão a pleno vapor umas reformas graves, estruturais da educação toda, baseada na orientação profissional dos jovens, com marcas de emancipadora”.

U.T. – O entrevistado cita o exemplo da França, onde ocorrem reformas estruturais da educação baseada na orientação profissional com caráter emancipador.

C.E. – “... O modelo de ativação do desenvolvimento vocacional está ultrapassado, considerado insuficiente para as necessidades atuais, mais complexas”.

U.T. – O entrevistado considera os modelos vocacionais ultrapassado, insuficientes para as necessidades atuais, mais complexas.

C.E. – “... Propõem iniciar logo cedo a OP, em termos de estimular a criança, o jovem, a virar-se, a desembaraçar-se num mundo de inteligência artificial, de comunicação em tempo real”.

U.T. – O entrevistado propõe iniciar logo cedo a OP, estimulando crianças e jovens, a se virar, a se desembaraçar num mundo de inteligência artificial, de comunicação em tempo real.

C.E. – “... A proposta não é de esclarecê-los, mas fomentá-los para que *se esclareçam a si mesmos*. Chamam o movimento de Educação para a Educação”.

U.T. – Segundo o entrevistado a proposta não é de apenas de esclarecê-los, mas principalmente incentivá-los a que “se esclareçam a si mesmos”. Chama este movimento de Educação para a orientação.

C.E. – “... O tema é amplo, complexo, em mudança constante”.

U.T. – Para o entrevistado é um tema complexo e em constante mudança..

C.E. – “... O mundo do trabalho requer – contrata e paga – por excelência! Não será um programinha de 30 horas que dará conta disso! Em qualquer linha que seja.”

U.T. – O entrevistado finaliza dizendo que com a utilização de programas superficiais não enfrentaremos o atual mundo do trabalho, cuja filosofia é a do “contrata e paga”.

4.3 – Síntese geral das unidades significativas transformadas:

Os depoimentos revelam que os entrevistados defendem as seguintes posições:

ENTREVISTADO A: Defende a *Orientação Profissional/Vocacional* fundamentada no Psicodrama e na Psicologia Transpessoal por proporcionar aos orientandos estímulo à espontaneidade e criatividade, permitindo fugir das conservas culturais. Traz a idéia de que o ser e o fazer estão inseridos num mesmo contexto nas relações sócio-afetivas. Que quando o indivíduo faz uma escolha errada enfrenta problemas na vida pessoal, social e profissional e que mesmo aquele que fez a escolha correta mas não se atualiza vai cair no mesmo grau de insatisfação. Pesquisa a possibilidade de uma *Orientação Profissional/Vocacional* à distância.

ENTREVISTADO B: Ela aposta na *Orientação Profissional/Vocacional* inserida na educação formal, de forma continuada, tendo seu início no segundo ciclo da educação básica. Defende que nenhuma linha sozinha surtirá efeito satisfatório e a necessidade do diálogo entre as diversas linhas apresentadas. Traz também a argumentação de que da maneira como tem sido trabalhada a *Orientação Profissional/Vocacional* seu efeito é quase nulo.

CONCLUSÕES

Ao iniciarmos esse trabalho buscávamos alternativas para auxiliar os profissionais que trabalham com *Orientação Vocacional/Profissional*, para amenizar as angustias dos jovens, justificadas pelas dificuldades que enfrentam no momento de escolher a profissão ou curso universitário, tais dificuldades se acentuam no momento, em que os jovens vivenciam grandes mudanças em todos os aspectos: sociais, físicos e emocionais.

A primeira dificuldade que se impôs a este trabalho se deve ao tema pesquisado, *Orientação Vocacional/Profissional*, pois, na nossa língua, já surge à primeira dificuldade: enquanto em outros idiomas, como no inglês, as palavras vocacional e profissional têm o mesmo significado, no idioma português as palavras vocacional e profissional têm significados diferentes. Enquanto profissional designa profissão, a palavra vocacional designa vocação enquanto chamamento interior.

Esta dificuldade para conseguirmos padronizar os termos que designam *Orientação Vocacional* e *Orientação Profissional* na língua portuguesa, fez com que durante a nossa pesquisa deparássemos sempre com este questionamento pelos autores pesquisados. Esta abrangência vocabular faz com que muitos autores se posicionem diante deste problema. Daí a opção pelo uso da barra juntando os termos vocacional e profissional.

Na França essa ambigüidade tem por origem o duplo sentido do termo orientação em francês. Esse termo recobre duas noções diferentes. De um lado, designa um conjunto de regras do jogo e de procedimentos destinados a distribuir os alunos por diversas áreas escolares ou a excluí-los, com efeito, o termo carreira, é em francês, bem mais rico de significado. Carreira aparece inclusive no hino nacional para apontar aos cidadãos o objetivo de entrar na carreira, o curso da vida, é então entendida no sentido de vida: entrar na carreira é avançar no caminho da vida.

Mas os problemas enfrentados não se restringiram às questões idiomáticas. Como sabemos, em épocas anteriores, essas dificuldades enfrentadas pelos jovens na atualidade sempre existiram, de forma diferenciada, e aparentemente mais simples se comparadas às de hoje. As mudanças acontecem hoje em dia com velocidade nunca vista anteriormente, acentuando as dificuldades enfrentadas pelos jovens que pretendem entrar no mercado de trabalho ou em um

curso universitário, assim como para os adultos que encontram dificuldades devido ao desemprego e as ditas mudanças em profissões até então estáveis.

Profissões desaparecem ou se transformam num piscar de olhos, e com as inovações apresentadas pelos contínuos avanços tecnológicos surgem ocupações que nunca foram previstas nem nos filmes e livros de ficção científica num passado recente. Isso, como vimos, não afeta só aos jovens em épocas de escolha, afeta também trabalhadores de meia idade que foram descartados pelo atual sistema de produção e aqueles que por motivos vários não acompanharam o ritmo das mudanças em suas respectivas profissões, ficando fora do mercado de trabalho.

Em épocas passadas estas mudanças ocorriam de forma lenta, como observamos na história da humanidade; as grandes mudanças, os rompimentos de paradigmas levavam séculos para acontecer. Nesses períodos chamados Idade Antiga, Idade Média, Idade Moderna, essas mudanças eram definidas pelas novas formas de se produzir os meios de sobrevivência para uma determinada sociedade, ao menos para os pesquisadores que seguem o ponto de vista sociológico ou marxista.

As dificuldades só eram mais claramente visíveis, quando novas necessidades eram criadas pelas divisões sociais de trabalho criadas a partir dessas mudanças como: a introdução das máquinas na Revolução Industrial, que fez com que trabalhadores livres e artesãos se tornassem operários das fábricas; e as populações rurais migrassem cada vez mais para as cidades para servir de mão-de-obra operária deixando de lado as suas origens camponesas, as quais trarão problemas de convivência nas fábricas.

Com este novo problema houve a necessidade de incorporar a visão psicológica na *Orientação Vocacional/Profissional*, o que aconteceu com suas quatro principais vertentes: a Determinista, a Sociológica, a Fenomenológica e a mais recente que é a Psicologia Transpessoal. Neste trabalho damos destaque para o Psicodrama, o qual encontra-se inserido na linha de pesquisa Fenomenológica e também na linha Transpessoal.

Mesmo utilizando a Psicologia, a *Orientação Vocacional/Profissional* não têm conseguido cumprir satisfatoriamente seu papel, algumas vezes por se restringir apenas aos Testes de Inteligência, Aptidões, de Personalidade e Interesse. Para pesquisarmos essa questão destacamos o enfoque no Psicodrama, pois como observamos, as técnicas psicodramáticas, tendem a desenvolver a espontaneidade e criatividade nos alunos, ou trabalhadores;

possibilitando uma escolha mais livre, incentivando a importância da formação sem desprezar o papel da informação.

Após a leitura de textos relacionados nas referências bibliográficas, tanto no enfoque da *Orientação Vocacional/Profissional*, do Psicodrama como na abordagem sociológica e histórica indicada no trabalho, acrescentamos a análise das entrevistas com profissionais de ocupações e diferentes formações, alertamos para a tendência de se olhar a Orientação sob uma ótica estreita, direcionada, que não vise o diálogo entre as linhas Deterministas, Sociológicas, Fenomenológicas e Transpessoais.

Essa falta de diálogo leva a resultados parciais, já que nenhuma das linhas trabalhadas e apresentadas por esta pesquisa na *Orientação Vocacional/Profissional* se mostra suficiente ou completamente eficaz. Todas elas apresentam características positivas e negativas, que acrescentam e ao mesmo tempo deixam a desejar, mostrando a necessidade da inter-relação entre elas, na busca de resultados satisfatórios.

O desenvolvimento de atividades psicodramáticas nos papéis sociais e profissionais podem constituir outra contribuição significativa para os profissionais que atuam na área de orientação. A teoria psicodramática apresenta-se como uma ferramenta facilitadora na busca desse diálogo ao enxergar o ser humano como um ser que pensa (mente), sente (corpo) e age (ambiente), com uma proposta de não fragmentação, numa busca constante de diálogo entre indivíduo e sociedade, conseguindo dessa maneira visualizar e trabalhar o ser humano como um ser integral, completo e complexo, para que possamos ter a possibilidade de visualizar através de uma nova perspectiva a *Orientação Vocacional/Profissional* do futuro.

Essas considerações se revelam coerentes, já que falamos de indivíduos com características específicas e complexas, com suas respectivas subjetividades bio-psico-sociais. Se nos referimos aos indivíduos e à sociedade com tais características, como poderia uma única teoria responder com sucesso as expectativas dos envolvidos com a *Orientação Vocacional/Profissional*?

Desta forma não se trata de uma simples tentativa de perpassar elementos de análise sociais e históricos do marxismo, associadas as técnicas que desenvolvem a espontaneidade e criatividade do Psicodrama, para com isso fornecer “receitas” que facilitem a vida dos que trabalham com Orientação. Mas sim, de respeitar os seres humanos sem desprezar a sua história,

preocupando-se com os indivíduos e seus problemas para se inserir nessa sociedade conforme suas reais necessidades históricas e sociais.

A partir de meados do século XX o trabalho começou a ser confundido com emprego e salário. A grande maioria dos empregos passaram a ser preenchidos não a partir de planos pessoais, mas sim de com a necessidade do sistema capitalista, ou seja, o sistema os criava e deles se servia (como se apenas o sistema econômico pudesse selecionar), tornando as “pessoas” irrelevantes. Assim, ideais, querer, esforços e conquistas pessoais perderam o significado, passando a serem encaradas como besteira, puro romantismo.

Esta situação choca diante do fato de que, dentre a gama de papéis prescritos e assumidos pelos indivíduos, o papel profissional é dos mais significativos, uma das fontes de equilíbrio e satisfação pessoal, como foi muito bem observado pelos entrevistados, exigindo, portanto, uma participação ativa e reflexiva em sua escolha, para evitar um mercado de trabalho dominado por prestadores de serviços alienados.

No final do século XX, alguns pensadores, tendo a frente Domenico de Masi (2000) desenvolveram uma teoria: a *Teoria do Ócio*. Chegou a denominar os Estados Unidos de república fundada no ócio, e na economia do ócio, e que a sociedade futura nos livraria tanto da filosofia de sacrifício que nos foi imposta pela religião, como da filosofia da eficiência imposta pela industrialização. Segundo de Masi (2000) os avanços tecnológicos nos levarão a isso inexoravelmente, pois ao mesmo tempo em que esses avanços tecnológicos tornam o trabalho mais leve e menos cansativo, as contribuições em campos como a medicina prolongarão a nossa existência na Terra.

Pelo fato de conquistar uma sobrevida maior após a aposentadoria, seremos obrigados a encarar mais tempo livre e, sobretudo a nos libertarmos do tabu da laboriosidade deixando de lado os complexos de culpa. Em nosso ideário o trabalho oferece a possibilidade de ganhar dinheiro, prestígio e poder; enquanto o tempo livre, o ócio, proporciona a possibilidade de introspecção, do jogo, do convívio, da amizade, do amor e da aventura. Quando de Masi (2000) defendeu tal idéia, no final da década passada, realmente vislumbravam-se avanços neste sentido, mas o que vemos poucos anos depois tem nos deixado com saudade desta utopia.

O que temos é na verdade um retrocesso, como citamos anteriormente, França e Alemanha, verdadeiros bastiões dos direitos trabalhistas, estão reduzindo ganhos sociais e até

salariais, retornando aos contratos com até 48 horas semanais, quando já haviam atingido as 35 horas semanais, abrindo mão de bandeiras históricas.

Não é possível utilizar o ensino técnico profissional como uma solução para os problemas industriais ou de *Orientação Vocacional/Profissional*, como aconteceu no primeiro governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945, em que as relações de ensino técnico e ensino normal se mantiveram praticamente como no modelo anterior, mudando apenas os nomes dando um caráter mais laico e científico, atrelando a estrutura das escolas técnicas profissionais às confederações patronais: Senai, Senac e Senar.

Isto já havia acontecido na época do Império, de 1822 a 1889, quando foram fundadas inúmeras escolas com estas características, ainda que privilegiasse apenas os moradores da Corte (Rio de Janeiro), escolas essas que se existissem até hoje e funcionassem teriam, provalvemente resolvido todos problemas de mão-de-obra qualificada da cidade.

No período da ditadura de 1964 a 1985, tentou-se novamente esta saída simplista de resolver estas questões, da falta de mão-de-obra especializada e das angústias geradas nos jovens com a indefinição de carreiras no trabalho e nos estudos. Após algumas tentativas fracassadas de implantar o ensino técnico profissionalizante em todo o País, e de abortar experiências, as quais caminhavam para soluções mais ousadas como os Ginásios Vocacionais. Por fim o governo não só abandonou, como proibiu referidas tentativas.

Após a redemocratização em 1985, também não vemos atuação diferenciada das antigas, quando da promulgação da Lei nº 9.394, em 20.12.1996, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que sequer fala do assunto. Desde então todas as iniciativas sejam municipais, estaduais ou federais, com raríssimas exceções, não se diferenciam em praticamente nada dos períodos anteriores.

Quanto ao entendimento de que a prática da *Orientação Vocacional/Profissional*, deve ser revista e totalmente ressignificada, como pudemos observar nas entrevistas e também na pesquisa bibliográfica, é tido como necessidade para a maior parte dos profissionais que atuam com orientação, que ela não pode limitar-se a um simples teste vocacional, servindo apenas para indicar uma profissão a ser seguida ou para encaminhar os jovens para os cursos de ensino técnico e universitários, como se isso fosse a solução para os problemas pessoais e sociais enfrentados pela humanidade.

A velocidade das mudanças tanto técnicas, quanto das próprias profissões, está intensificando as dúvidas sobre quase todos os parâmetros usados para tentar prever o caminho a ser seguido nos próximos anos pela *Orientação Vocacional/Profissional*. A perspectiva da utilização de várias linhas teóricas ao mesmo tempo, não é mais encarada como um absurdo.

A nomadização das ferramentas e o trabalho à distância, com a utilização da informática e outros recursos técnicos, nos permitem transformar tudo para que seja portátil, basta citar o computador pessoal com capacidade superior aos enormes computadores das décadas passadas. A necessidade da fábrica ou do escritório como espaços coletivos de trabalho são cada vez menos necessárias. As presenças espaciais, tanto da fábrica como dos trabalhadores, estão sendo substituída pelo trabalho à distância. O aumento de situações individuais de trabalho fora dos locais das empresas nos fará perder a dimensão da proximidade coletiva que ainda é, mesmo hoje, a mais comum situação de trabalho.

Tamanhas alterações na sociedade como um todo, requerem mudanças nas concepções inerentes à *Orientação Vocacional/Profissional*, inclusive na vertente que utiliza as técnicas do Psicodrama, com os recursos dramáticos como ferramenta de objetivação de subjetividades, para recuperar e/ou desenvolver espontaneidade e criatividade.

Não é nossa intenção apresentar a *Orientação Vocacional/Profissional* fundamentada no Psicodrama, como uma teoria capaz de solucionar todos os problemas apresentados, já que na nossa concepção nenhuma das teorias separadamente seja de cunho Determinista, Sociológica, Fenomenológica ou Transpessoal, responderia a essa expectativa. Porém, consideramos que as técnicas psicodramáticas por se referenciarem na plenitude humana, fundamentadas na cosmovisão proposta por Jacob Levy Moreno, tem muito a contribuir para o desenvolvimento da *Orientação Vocacional/Profissional*, no século XXI.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABRÃO, B.S. **História da Filosofia** São Paulo: Nova Cultural, 1999, 480p. (Coleção os Pensadores).

ANDREOLA, B.A, **Dinâmica de Grupo: jogo da vida e didática do futuro.** Petrópolis(RJ): Vozes, 2004, 85p.

ARANTES, Valério J. **Ação psicodramática em Sala de Aula:** Campinas(SP): 1993, 168p. Tese (Doutorado em Psicologia Educacional). Faculdade de Educação, Unicamp.

_____ **Psicodrama e Psicopedagogia,** in SISTO, Fermino F. et al. **Atuação Psicopedagógica e Aprendizagem Escolar:** Petrópolis(RJ), Vozes, 1996, 262p.

_____ **Psicodrama e Orientação Profissional.** Campinas(SP), 2003, 168p. Tese (Livre Docência em Psicologia Educacional) Faculdade de Educação, Unicamp.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2000, 348p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo** [tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro]. Lisboa: edição 70, 1991, 225p.

BARRETO, M.F.M. **Dinâmica de Grupo: história, prática e vivências.** Campinas(SP): 2003, 135p.

BARROS, C. S. G. **Pontos de Psicologia Geral.** São Paulo: Editora Ática, 1998, 175p.

BERMÚDEZ, J.G.R. **Introdução ao Psicodrama** [tradução do Dr. José Manoel D'Alessandro] São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970, 116p.

BERMÚDEZ, J.G.R. **Núcleo do Eu: leitura psicológica dos processos evolutivos fisiológicos.** São Paulo: 1978, 121p.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação Vocacional: a estratégia clínica.** São Paulo: Martins Fontes, 2003, 218p.

BRAVERMAN, H **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no século XX** [Trad. Nathanael C. Caixeiro]. Rio de Janeiro, LTC, 1987 p.379.

BOLLES, Richaer N. **Como Conseguir um Emprego e Descobrir a Sua Profissão Ideal: Qual a cor do seu pára-quedas?** Rio de janeiro: Sextante, 2000, 352p.

BOUR, Pierre. **Psicodrama e Vida.** Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974, 317 p.

BUSTOS, Dalmiro M. **Novos rumos em Psicodrama.** São Paulo: Editora Ática, 1992, 171 p.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação - A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente.** São Paulo: Cultrix, 1999, 445p.

_____ **A teia da Vida: Uma nova concepção científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 2001, 256p.

CARVALHO, M.M.M.J. **Orientação profissional em grupo: teoria e técnica.** Campinas(SP): Editorial Psy, 1995, 260p.

CAVALCANTE, Y. N. **Uma Abordagem Psicodramática em Orientação Profissional:** São Paulo, 1980 Dissertação (Mestrado em Psicologia) - PUC São Paulo.

CHIOZZINI, D. F. **Os Ginásios Vocacionais: a (des)construção da história de uma experiência educacional transformadora 1961/1969.** Dissertação de mestrado – FE-Unicamp, 2003

COSTA, R.P. (org) **Um homem à frente de seu tempo: o psicodrama de Moreno no século XXI.** São Paulo: Ágora, 2001, 213p.

CUZIN, M. I. **Orientação Profissional e Psicodrama.** Trabalho e Conclusão de Curso – Faculdade de Educação – Unicamp, 2001, 52p.

DUARTE, Jr. J.F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** Curitiba: Criar Edições, 2001, 225p.

HOLMES, Paul; KARP, Márcia. **O Psicodrama Após Moreno: inovações na teoria e na prática.** São Paulo: Editora Ágora, 1998, 366 p.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2ª. edição ver. e aumentada. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. 1836p.

FERRETTI, Celso J. **Opção: Trabalho: trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas.** São Paulo: Cortez Editora, 1988, .199p.

_____ **Uma Nova proposta de Orientação Profissional.** São Paulo: Cortez Editora, 1997, 109 p.

FISCHER, Ernest **A necessidade da arte.** [Trad; Leandro Konder], Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983, 259p.

FOUCAULT, Michel **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998, 295p.

FRIEDMANN, A, **Dinâmicas Criativas: um caminho para a transformação de grupos.** Petrópolis(RJ): 2004,191p.

GAMBOA, S.S. **Fundamentos para la Investigacion Educativa: Presupuestos Epistemológicos que orientan al investigador.** Santa Fé de Bogotá: Cooperativa Editorial Magisterio, 1998, 138p.

_____. **Pesquisa Educacional: quantidade –qualidade.** São Paulo: Cortez editora, 2002, 111 p.

GUICHARD, J. *Alguns desafios para a orientação na aurora do séc. XXI (p.56-78) in Academia de Versailles-Educação para a orientação: uma abordagem social com visão emancipatória* Seleção, ordenação e tradução M. Cristina Folmer-Johnson para o SENAI (Lencóis Paulista e Bauru), Campinas(SP), 2004, 153p.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural** [Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves].São Paulo, Edições Loyola, 2000, p.349.

JOHSON, M. C. F. **Projeto Pessoal de Vida & Trabalho: a orientação profissional na perspectiva dos orientadores e orientados.** Campinas, 2000, 128p. Dissertação (Mestrado em Educação, na Área de Psicologia Educacional), - Faculdade de Educação, Unicamp.

KOOGAN/HOUAISS **Enciclopédia e Dicionário Ilustrado:** Rio de Janeiro: Edições Delta, 1994, 1638p.

LANZ, Rudolf **Passeios Através da História: a luz da antroposofia.** São Paulo, Editora Antroposofica, 1995, 252 p.

LUCCHIARI, D.H.P.S. (org) **Pensando e Vivendo a Orientação Profissional:** São Paulo: 1993, 148p.

LUCKESI, C.C. (ET AL). **Fazer Universidade: Uma proposta metodológica.** São Paulo: Cortez Editora, 2001, 231 p.

_____, **O que é Escolha Profissional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998, 84 p.

MACHADO, L.R.S. **Educação e Divisão Social do Trabalho**: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial brasileiro. São Paulo: Editora Autores Associados: Cortez, 1989, 154.

MARINEAU, René F. **Jacob. Levy Moreno 1889-1974 – Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo**. São Paulo: Agora, 1992, 200p.

MASI, Domenico de **O Ócio Criativo**: entrevista a Maria Serena Palieri: [tradução de Lea Manzi], Rio de Janeiro: Sextante, 2000, 319p.

MATURAMA, H e VARELA, F **A árvore do conhecimento**; as bases biológicas o entendimento humano. Campinas(SP): Editorial PSY, 1995, 281p.

MENEGAZZO, Carlos M, TOMASINI, Miguel A. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Editora Ágora, 1995. 232p.

MORENO, Jacob. Levy. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1959, 360 p.

_____. **Psiquiatria do Século XX: Funções dos Universais: Tempo, Espaço, Realidade e Cosmos in As Grandes Sínteses**. Apresentado no Segundo Congresso Internacional de *Psicodrama*, na Universidade de Barcelona, Espanha, de 29 e agosto a 3 de setembro de 1966.

_____. **Fundamentos de la Sociometria**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1972.

MORENO, J.L. **Fundamentos do Psicodrama**: [trad. Maria Sílvia de Mourão Neto]. São Paulo: Summus, 1983, 251p.

_____. **O Teatro da Espontaneidade**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

MORENO, J.L. **As Palavras do Pai**: [trad. José Carlos Landini e José Carlos Vítor Gomes]. Campinas(SP): 1992 Editorial Psy, 273p.

_____ **PSICODRAMA**: [trad. Olavo Cabral]. São Paulo: Editora Cultrix, 1997, 492p.

MARX, Karl **O 18 Brumário de Louis Bonaparte**: [trad. José Barata Moura e Eduardo Chitas]. Lisboa Edições Avante, 1984, p.157

_____ **O Capital**: crítica da economia política [Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe]. Vol. II, São Paulo, Nova Cultural, 1985 p.306. (Coleção Os Economistas).

_____ **O Capital**: crítica da economia política [Trad. Régis Barbosa e Flávio R. Kothe]. Vol. I, São Paulo, Nova Cultural, 1988 p.287. (Coleção Os Economistas).

MARX, K. ENGELS F. **A Ideologia Alemã** [tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira] São Paulo: Hucitec, 1984, 138p.

PLATÃO, **A República** [tradução de Enrico Corvisieri] São Paulo: Nova Cultural, 1999, 352p. (Coleção os Pensadores)

RICCAUD-DUSSARGET, P. Páginas de acolhimento. *XXI (p.5-18) in Academia de Versailles- Educação para a orientação: uma abordagem social com visão emancipatória* Seleção, ordenação e tradução M. Cristina Folmer-Johnson para o SENAI (Lençóis Paulista e Bauru), Campinas(SP), 2004, 153p.

ROUSSEAU, J.J. **Do Contrato Social** [tradução de Lourde Santos Machado] São Paulo: Nova Cultural, 1999, 31/243p. (Coleção os Pensadores)

SALDANHA, Vera. **A Psicoterapia Transpessoal** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1999, 190p.

SCHILLER, Frederick A **Educação Estética do Homem**: numa serie de cartas. [tradução Roberto Schwartz e Marcio Suzuki], São Paulo, Editora Iluminuras, 1995, 162p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editoras, 1996, 272p.

SLADE, P. **O Jogo Dramático Infantil**. São Paulo: Summus, 1978, 102p.

SINBRON Y, *A mundialização e seus efeitos sobre as situações de trabalho*(p.83-90) in **Academia de Versailles-Educação para a orientação**: uma abordagem social com visão emancipatória: Seleção, ordenação e tradução M. Cristina Folmer-Johnson para o SENAI (Lençóis Paulista e Bauru), Campinas(SP), 2004, 153p

SMITH, Adam **A Riqueza das Nações**: investigação sobre sua natureza humana e suas causas [Trad. Luiz João Baraúna] São Paulo, Abril Cultural, 1983, p.347. (Coleção Os Economistas).

TAMBERLINE, A.R.M.B. **Os Ginásios Vocacionais**: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador. São Paulo: FAPESP: Anna Blume, 2001, 177 p.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. [tradução Rosaura Eichemberg] São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 493p.

WEIL, Pierre; TONPAKOW, Rolan. **O Corpo Fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. 47ª.edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999, 287 p.

ANEXOS 1

ENTREVISTAS TEMÁTICAS SOBRE ORIENTAÇÃO VOCACIONAL/PROFISSIONAL NA INTEGRA

ENTREVISTAS TEMÁTICAS

ENTREVISTADO A: Profissional da área da psicologia que atua enquanto docente universitário no departamento de Psicologia da Educação numa universidade pública, atuando também em *Orientação Vocacional/Profissional*.

ENTREVISTADO B: Pedagoga, Mestre na área de Psicologia da Educação cujo tema trata da *Orientação Vocacional/Profissional*, com larga experiência profissional nessa especialidade.

PERGUNTAS:

1-) Você segue alguma linha teórica da Psicologia? Qual?

ENTREVISTADO A: - Desde de 1973, comecei a trabalhar com o psicodrama, mas, já tive alguma experiência na área de Psicologia Comportamental e na área de Psicanálise. No meu curso de Psicologia, fui supervisionado na linha psicanalítica. Desde o 3º ano de Psicologia conheci o Psicodrama no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira de Campinas, onde um grupo de estagiários coordenados pela Professora Iná estava fazendo uma seleção de egos-auxiliares. Submeti-me a seleção e acabei participando do grupo de Psicodrama num trabalho com psicóticos.

Em seguida iniciei um processo de formação na teoria psicodramática, na extinta Associação Campineira de Psicodrama e Sociodrama, que existiu em Campinas de 1972 até meados dos anos 80, a partir daí comecei a trabalhar com Psicodrama em clínica particular junto com o Professor Joel Giglio, médico psiquiatra do Departamento de Psiquiatria da UNICAMP, e em seguida, durante o mestrado na UNICAMP, direcionei o Psicodrama para a área educacional. Foi quando tive a idéia de fazer uma tese de Doutorado, aplicando o Psicodrama na sala de aula. Essa é a linha que sigo atualmente dentro da Psicologia, fundamentado, portanto num trabalho voltado para ação e que deixou de trabalhar com o indivíduo isolado. O Psicodrama se preocupa em atender o indivíduo em grupo, seja na área educacional, organizacional ou mesmo na área clínica.

ENTREVISTADO B - Eu gosto especialmente da fenomenologia e procuro praticá-la, enquanto linha de referência de trabalho.

2-) Por quê você escolheu esta teoria?

ENTREVISTADO A - Em parte porque eu percebi que o Psicodrama era bastante eficiente, desde a primeira experiência que eu tive no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira, utilizando técnicas do Psicodrama no atendimento de psicóticos. Percebi como o Psicodrama era eficiente ao lidar com problemas psicológicos, em seguida; comecei a trabalhar em sala de aula, na antiga Associação de Psicodrama e Sociodrama, onde fui convidado para trabalhar como professor na disciplina de “Introdução ao Psicodrama”; aplicando-a na área educacional, recuperando a ação na sala de aula. O Psicodrama torna mais real o envolvimento do cliente, do aluno e do operário de uma organização, com aquilo que está sendo desenvolvido no trabalho.

Não posso deixar também de mencionar o fato que a Teoria do Psicodrama, é muito atraente em função da questão da horizontalidade, que me chamou muita a atenção, diferente da relação vertical estabelecida na teoria psicanalítica, ou teoria comportamental que era vista por mim como um distanciamento entre terapeuta e paciente, entre professor e aluno ou entre patrão e operário.

No Psicodrama esse distanciamento deixou de existir, graças a essa perspectiva de relação horizontal estabelecida por Moreno.

Também considerei importante o Psicodrama se preocupar em recuperar a questão do relaxamento: em sala de aula, na clínica, na organização, ou seja, no sentido de rebaixar a ansiedade, rebaixar o clima de tensão, para um trabalho mais tranquilo, mais harmonioso até mais bem humorado.

Tudo isso foi chamando bastante a minha atenção no Psicodrama, desde o início, quando comecei a experiência com a profª Iná no Hospital Psiquiátrico Dr. Cândido Ferreira e em outras experiências posteriores.

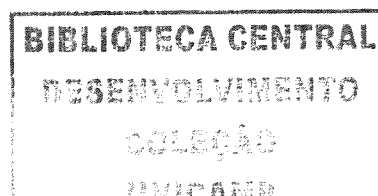
ENTREVISTADO B - Concentra-se na pessoa enquanto tal e a respeita, não invade. Investiga significados de atos humanos, escolhas, decisões.

3-) Como você tem desenvolvido o processo de Orientação Vocacional/Profissional?

ENTREVISTADO A - Eu trabalho com Orientação Vocacional/Profissional também desde 1974, quando eu estava no 4º ano de Psicologia. Nós iniciamos um estágio no Colégio Bento Quirino aqui em Campinas; por já conhecer técnicas do Psicodrama, tentamos fazer algumas dramatizações em torno da questão da escolha vocacional. Depois de formado trabalhei com a Orientação Vocacional/Profissional no modelo tradicional, com aplicação de testes: de inteligência, de aptidão e personalidade. Paralelamente fui trazendo aquilo que já tínhamos começado no estágio no Colégio Bento Quirino: a dramatização das escolhas que os orientandos faziam.

Ao chegar ao final da Orientação, ao invés de simplesmente passar informações ao nível verbal, tentava dramatizar as escolhas, e com o passar do tempo fui percebendo a possibilidade de tornar esse processo de Orientação Vocacional/Profissional, cada vez mais direcionado para utilização das técnicas do Psicodrama. Foi quando eu comecei a trabalhar com os alunos do Cursinho DCE-UNICAMP e do Cursinho do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Campinas. A partir daí fui organizando um processo onde a preocupação maior não era tanto com a informação, mas sim com a formação do sujeito através de jogos dramáticos.

Optei pelos jogos dramáticos por estar trabalhando na Faculdade de Educação, onde os alunos por cursarem Pedagogia e não Psicologia, teriam dificuldades de trabalhar com dramatizações, sem uma formação em Psicodrama; então, através dos jogos dramáticos tornava-se mais viável para um aluno do curso de Pedagogia esse tipo de Orientação Vocacional/Profissional. Portanto, o Psicodrama, na Orientação Vocacional/Profissional, tornou-se a base teórica na minha tese de Livre-Docência. Atualmente, continuo orientando e treinando alunos para trabalhar com a Orientação nessa perspectiva. Ainda estamos em fase de implantação desse processo que envolve uma série de jogos, preocupados com a questão das inteligências múltiplas e com o desenvolvimento do pensamento reflexivo, no sentido de criar condições para que o orientando tenha condições de fazer a sua escolha sem que haja necessidade de “receitas” de testes de aptidão ou de personalidade.



ENTREVISTADO B - Numa abordagem chamada de Modelo de Ativação do Desenvolvimento Vocacional, de Pelletier et all. Esse modelo inclui – e trabalha – os grandes temas da OP, em 100 atividades/temas diferentes:

FATORES PESSOAIS : O que eu quero

FATORES AMBIENTAIS: o que eu posso

CONHECIMENTO DE SI MESMO : personalidade, interesses, valores, etc.

MUNDO DO TRABALHO: organização, estrutura, profissões, as mulheres no trabalho, etc

PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES ESCLARECIDAS : estilos de decisão, etc.

MUNDO DA EDUCAÇÃO: per-cursos, carreiras RESUMIR

A cada tema está associado o trabalho de desenvolvimento de habilidades cognitivas diferentes. Na seqüência das etapas do processo decisório ou do desenvolvimento de uma pesquisa científica. Se interessar, tenho, em papel, a estrutura interna do programa. Os orientandos saem mais “sabidos”, isto é, com melhor sensibilidade para os problemas e outras muitas habilidades.

4-) Você concebe a Orientação Vocacional/Profissional, necessariamente relacionada com a organização da sociedade? Como você acha que isto acontece?

ENTREVISTADO A - O ser humano é um ser que faz, indiscutivelmente ser e fazer estão relacionados, se o ser humano não faz se sente até alienado em relação à convivência em sociedade. Quando falamos de alguém, designamos a pessoa mais pelo que faz do que pelo que é então se você vai perguntar quem é fulano de tal, a pessoa responde que é um médico, um dentista e não que é o Zé Dias ou a Maria Luiza. Quando a questão do fazer estar integrada ao ser, ninguém mais duvida que, a sociedade é composta de uma série de pessoas com seus respectivos fazeres que, se estiverem bem escolhidos implicarão numa relação de troca mais satisfatória que quando acontece de uma pessoa fazer uma má escolha profissional. O indivíduo insatisfeito com seu fazer, que não encontra nada de significativo nas suas atividades profissionais tornando-se uma pessoa com dificuldades de relacionamentos. Gastamos a maior parte de nosso dia com

aquilo que escolhemos como uma profissão, portanto se esta escolha for mal concretizada, esta escolha influenciará negativamente todas as nossas relações, sejam profissionais, sociais ou afetivas. Por isso acredito que a Orientação Vocacional/Profissional tem uma relação muito importante com a construção da sociedade que nós vivemos.

ENTREVISTADO B - Com certeza. Se existe orientação profissional – e ela muda - é em função das necessidades de uma sociedade.

Na antiguidade, as profissões passavam de pai a filho. Na Idade Média, o primeiro filho era o herdeiro, o segundo militar, o terceiro padre. Até então, a ordem social deveria ser mantida. Na idade contemporânea – século XX – a sociedade mudou sua forma de organizar-se e ao trabalho:

- A concentração das pessoas – trabalhadores – nas cidades, nas indústrias mexeu no esquema conservador, requereu mais trabalhadores qualificados, gerou a criação de escolas profissionais – e de orientação profissional: o melhor lugar para cada um produzir mais.
- A guerra também: os americanos quiseram colocar cada soldado na função que ele poderia exercer melhor, com isso levantar o moral – daí surgiram os testes vocacionais, meramente distributivos numa sociedade fechada, com funções estáticas – até por isso esses testes não podem funcionar hoje – em tempos tão diversos.
- Hoje é impossível prever qual será o rumo do trabalho e das oportunidades; assim, não há como orientar o jovem para esta ou aquela profissão promissora. Temos que prepará-los para o novo, a mudança, para profissões que sequer existem ainda, para serem “flexíveis”.

5-) Desde que a Orientação Vocacional/Profissional deixou de ser obrigatória no ensino médio, as classes mais abastadas, que podem pagar uma Orientação Profissional particular, estão sendo privilegiadas?

ENTREVISTADO A - Geralmente as classes sociais menos privilegiadas não têm nem condições de refletir naquilo que seria mais significativo ou não para elas, no sentido de integrar o fazer com ser. São jogados diretamente num mercado de trabalho antes mesmo de terem espaço para refletir

sobre essa questão, mesmo antes de alcançar uma idade que lhes permita enxergar o mundo com mais clareza, enxergar o que desejam. Sem dúvida, as classes mais abastadas estão sendo privilegiadas, principalmente no caso daqueles que tem a possibilidade de fazer uma Orientação Profissional, quando sentem necessidade. Um grande número de pessoas consegue delinear seus objetivos com clareza, sem necessidade de Orientação. Aqueles que não tem condições de receber esta Orientação Vocacional/Profissional quando precisam, com certeza serão prejudicados.

Seja de uma classe social privilegiada ou não, se a escolha profissional não for bem realizada, vai acarretar em prejuízos durante toda sua existência, tanto para aqueles que escolheram mal, como aqueles convivem profissional, social e afetivamente com esta pessoa.

ENTREVISTADO B - Teoricamente, à primeira vista, parece que sim. Não necessariamente. São raras as escolas, mesmo particulares de elite, que mantêm programas decentes de orientação profissional.

São raros os adolescentes, mesmo de classes abastadas, que procuram a OP. Irrelevante o número, diante do universo. Existem instituições, como o CIEE, que atendem gratuitamente a qualquer estudante que procure o serviço de OP – e a procura é baixa.

Se tão poucos (estatisticamente irrelevante) desfrutam do privilégio da OP, a diferença, em termos sociais, dos que a têm e dos que não a têm, deixa de ter significado. Não acredito que nem 1% dos jovens do ensino médio acesse a OP.

A OP tem perdido o prestígio, pelo que oferece /deixa de oferecer – é pouco eficaz, pouco eficiente, frustra quem a exerce e quem a procura. É confundida com um teste mágico, que pode resolver a confusão, às vésperas do vestibular.

Dito de outra forma, se ninguém a tem, que diferença faz? Estão todos em condições de igualdade – sem orientação, sem informação escolar e profissional, muitos reoptantes, muitos desistentes.

Minha filha caçula está no cursinho pré-vestibular Nazareno. 100 alunos na sala. 95 não sabem a que curso quer concorrer por uma vaga. Solicitaram que eu desse uma palestra! De 30 minutos! Só posso é esclarecer o que a OP tem a oferecer e oferecer outros serviços / encontro fora do horário de aulas.

Eu mesma trabalhei mais de 20 anos no Centro de Integração Empresa-Escola – CIEE, que atendia a técnicos (em treinamento) e estudantes (quase de graça ou gratuitamente) em programas

bem sofisticados de OP. Os estudantes de escolas públicas sempre foram os primeiros a serem convidados a qualquer evento / programa.

Estendemos os estudos e atendimento e capacitação profissional de técnicos voltando nossa atenção a pessoas mais jovens e menos escolarizadas – clientela da ação social – que também tem personalidades / interesses diferenciados.

6-) Como você percebe a velocidade das mudanças no conceito de trabalho, associada aos avanços contínuos da tecnologia, interferindo nas atividades da Orientação Vocacional/Profissional?

ENTREVISTADO A - A velocidade das mudanças em nossa realidade é algo que o ser humano às vezes não tem condições nem de acompanhar. Dizia um colega mexicano que, quando o corpo vai muito depressa a alma fica para trás; eu sempre me recordo disso, talvez seja por isso estejamos ficando tão desalmados na sociedade que vivemos hoje. Mas o fato é que temos que nos dar conta que esta é a realidade e, nos preocuparmos em acompanhar tudo que está acontecendo é condição básica para que possamos nos inserir no mercado de trabalho atualmente, ou você fica de fora.

Mesmo dentro de uma escolha profissional adequada se o indivíduo não for capaz de acompanhar estas mudanças e os avanços tecnológicos da sociedade atual, a insatisfação vai ser semelhante daquele que fizer uma má escolha profissional, pois, não conseguirá uma inserção adequada no mercado de trabalho, sem aprender a lidar com a realidade como é.

Apesar deste envolvimento gerar uma situação estressante, temos que aprender a compensar em outras atividades menos estressantes, atividades essas que estão envolvidas com mudanças contínuas e avanços tecnológicos, que tem tornado o mundo bastante diferente daquilo que era em épocas anteriores, onde tudo caminhava mais devagar, onde não aconteciam mudanças com tanta rapidez.

ENTREVISTADO B - A pergunta está formulada de modo interessante, mas equivocado. Não é a organização do trabalho que interfere na OP. A OP é um serviço da sociedade a serviço das novas

gerações, que devem integrar-se à sociedade como cidadãos úteis, produtivos. A organização social do trabalho e da educação é complexa – cada vez mais.

Cabe à orientação esclarecer – ou encaminhar o esclarecimento – dos jovens a respeito dessa organização – suas possibilidades, suas promessas, seus custos, etc. de modo a que possam tomar decisões fundamentadas e esclarecidas.

Se a organização do trabalho muda, a orientação deve atualizar-se e mostrar essa mudança. Tratar de explicitá-la.

7-) Levando-se em conta essas alterações e/ou transformações rápidas e contínuas no mercado de trabalho e na sociedade como um todo, é possível pensar numa Orientação Vocacional/Profissional que prepare o indivíduo para uma escolha consistente, e coerente com esse ritmo da realidade atual?

ENTREVISTADO A - Fundamentados no Psicodrama procuramos criar condições para que essas escolhas sejam realizadas com bastante autonomia, na dependência daquilo que o indivíduo realmente percebe que é. Nem sempre isto é possível, mas é claro que se você escolher uma profissão que você gosta, vai ser mais fácil caminhar adiante, inclusive para acompanhar essas mudanças rápidas e os avanços tecnológicos. Mesmo diante de uma impossibilidade de alcançar aquilo que você deseja, num mercado tão dinâmico como esse você precisará pelo menos aprender a gostar daquilo que você conseguiu encontrar, que já será um grande passo na forma de lidar com todas essas grandes transformações que nossa sociedade está vivendo, amenizando um pouco as dificuldades em relação a exercer uma profissão que não era que você realmente sonhava. Devemos estar sempre atentos no decorrer do processo, já que, é um processo que dura a vida inteira, permanecer constantemente questionando, constantemente verificando o que fazer para melhorar, para aprender até a gostar daquilo que a gente faz, mesmo que não tenha sido uma escolha de acordo com nossos desejos mais íntimos, adaptando-se a essa realidade de tal forma que possamos conviver com um mínimo de equilíbrio nas relações sociais, profissionais, afetivas e espirituais.

ENTREVISTADO B - Há muito tempo deixei de falar em escolha consistente, pro resto da vida, etc. Não faz mais sentido, num mundo no qual as mudanças, pela primeira vez na história, são tão rápidas que afetam a vida de cada pessoa, ao longo de sua curta existência.

Podemos falar de escolha esclarecida, fundamentada. Podemos falar de desenvolvimento da maturidade para escolher – ao longo da vida, em todas as etapas que o solicitarem. Podemos falar em assistir o indivíduo para que faça escolhas estruturais / categoriais – a serem ajustadas ao longo de sua vida, diante de situações concretas. Exemplo: Qual ramo de conhecimentos você prefere: exatas, humanas, saúde, artes? Qual setor de atividades econômicas: primário? secundário? terciário? quaternário? Qual tipo de personalidade o descreve melhor? em que combinações? R I A S E C ? Que tipo de atividade v. prefere realizar: com pessoas (de relacionamento)? Com objetos (de manipulação)? Com dados (de manipulação)? etc – outros critérios importantes para a pessoa, que raramente/difícilmente irão mudar, no macro. Que profissões, que v. conhece / existem hoje, poderiam atender a esses critérios, em conjunto? V. seria capaz de inventar uma nova profissão reunindo o atendimento a esses macros critérios?

8-) Você conhece a Teoria do Psicodrama?

ENTREVISTADO A - Sim, claro, é a teoria que eu trabalho, que inclusive eu ensino, já tive até em época anterior aqui em Campinas uma associação de Psicodrama junto com alguns colegas que se chamava de Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado (GEPA)⁶, onde iniciamos um processo de formação de profissionais na área de Psicologia, mais voltado para a clínica. Em seguida na UNICAMP comecei a trabalhar com Psicodrama Pedagógico na graduação e hoje trouxe esta disciplina para a pós-graduação (ED 524 - Psicodrama na Educação) no sentido de incentivar até as pesquisas com Psicodrama na área educacional. Esta é linha que eu sigo e acredito que seja a mais eficiente das teorias que conheci dentro da Psicologia.

ENTREVISTADO B - Sim, de Moreno.

⁶ Grupo de Estudos de Psicodrama Aplicado: Ainda existe como grupo informal coordenado pelo entrevistado

9-) Como você percebe a atualidade e o futuro próximo da Orientação Vocacional/Profissional influenciada pelos recursos da teoria do Psicodrama?

ENTREVISTADO A - Hoje eu estou trabalhando dentro de perspectivas da chamada de 4ª força na Psicologia. É a Psicologia Transpessoal, assim denominada porque existe uma preocupação com tudo aquilo que transcende o ser humano que nasce, cresce, desenvolve-se entra na velhice e um dia vem a desaparecer através da morte. A Psicologia Transpessoal preocupa-se também com aquilo que vem antes e com aquilo que vem depois, dessa existência encarnada, ela transcende os limites da realidade terrena. Tenho percebido que, mesmo no meu trabalho com Psicodrama na Orientação Vocacional/Profissional, eu já estou acrescentando esta teoria que vai além das questões profissionais, sociais e afetivas, colocando em pauta a questão da religiosidade. Ao preocupar-se com o fato de que, o ser humano além de pensar, sentir e agir também tem essa questão da espiritualidade presente, ou seja, desde que a gente é criança, já temos esse desejo de saber de onde viemos e para onde vamos. O que vem depois da vida? O que existia antes do nascimento? São questões que já estão presentes na infância, e acredito que a Orientação Profissional não poderá deixar de envolver esta questão da espiritualidade, presente na teoria da Psicologia Transpessoal.

ENTREVISTADO B - O Psicodrama parece que tem boas contribuições para um trabalho inicial da OP, recuperando a espontaneidade das pessoas. Tem sido bastante empregado como momento inicial das atividades, desarmando a vontade de responder “certo”, de “ser aprovado”, etc. Mas o Psicodrama não dá conta de informar sobre a complexidade da organização do trabalho e da educação em nossa sociedade atual e futura. Isto é muito importante, a meu ver.

10-) Você tem mais alguma informação a acrescentar?

ENTREVISTADO A - Eu acho que além do que foi dito, eu gostaria de acrescentar uma questão que tem surgido para quem trabalha com Orientação Profissional. Os orientandos têm questionado se vai ser possível uma Orientação Profissional à distância. Eu ainda não pensei

muito sobre essa possibilidade, mesmo porque, através do Psicodrama uma Orientação Profissional a distância é algo meio complicado, porque trabalhamos com dramatização, com a ação do indivíduo inserido no grupo. Vai faltar a vinculação transferencial e télica que se estabelece no grupo necessária nessas relações e na Orientação. São questões que já estão começando a surgir, e seria interessante deixar registrado no seu trabalho.

ENTREVISTADO B - Muitas, mas não sei nem por onde começar. Gostaria que o questionário fosse mais específico e longo. O que me vem à cabeça, quando leio as perguntas e imagino para onde conduzem é um certo “vício” minimizante praticado na OP: a parte pelo todo. A questão da inserção social produtiva de jovens é complexa. Cada teoria, isolada, contribui para o esclarecimento de um aspecto da questão. Nem todas juntas dão conta satisfatória do que um jovem qualquer pede / pergunta / solicita / precisa.

Seria necessário que a OP acompanhasse todo o percurso escolar, tratando de todos esses temas, pouco a pouco, não deixando pro último “momento”, quando não dá mais tempo e o jovem está tão ansioso que é da ansiedade dele que tratamos, não de seu esclarecimento e do desenvolvimento de habilidades para tomar decisões complexas, responsáveis, etc.

Na França, está a pleno vapor uma reforma grave, estruturais da educação todo, baseada na orientação profissional dos jovens, com marcas de emancipadora.

O modelo de ativação do desenvolvimento vocacional está ultrapassado, considerado insuficiente para as necessidades atuais, mais complexas.

Propõem iniciar logo cedo a OP, em termos de estimular a criança, o jovem, a virar-se, a desembaraçar-se num mundo de inteligência artificial, de comunicação em tempo real. A proposta não é de esclarecê-los, mas fomentá-los para que “se esclareçam a si mesmos”. Chamam o movimento de EDUCAÇÃO PARA A ORIENTAÇÃO (um orientar-se, reflexivo, tipo oriente-se a si mesmo, eu dou dicas, pistas, você vai atrás, buscar dados e mexer o corpo e a cabeça, na sua comunidade e até no fim do mundo, via Internet).

O tema é amplo, complexo, em mudança constante. O mundo do trabalho requer – contrata e paga – por excelência! Não será um programinha de 30 horas que dará conta disso! Em qualquer linha que seja!

